

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

de comer

*Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser |
Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires |
Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény |
Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro*

Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente

Fora de Série

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para um dos endereços abaixo indicados. Os contos seleccionados pela direcção da revista poderão ser publicados na edição em papel ou colocados online no site *www.ficcoes.net*

Na primeira página dos originais enviados deverão incluir um nome e morada para contactos.

e-mail: ficcoes@mail.telepac.pt

endereço postal: Apartado 23346

1171-801 Lisboa

© Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS
Fora de Série Julho 2002

Ficções

ficcoes@mail.telepac.pt

www.ficcoes.net

Direcção

Luísa Costa Gomes

Produção e Revisão

José Lima

Capa e orientação gráfica

Jorge Silva

Impressão

Manuel A. Pacheco, Lda -Lisboa

Distribuição

Sodilivros

Tiragem

2000 exemplares

Depósito Legal

182179/02

Edição

Tinta Permanente

tintapermanente@mail.pt

Administração

Empresa de Palavras

Av. Igreja, 9 – 3º Esq.

1700-230 Lisboa

Assinaturas

Av. Infante D. Henrique, 71 | Sala 222

9500-150 Ponta Delgada

Tel. 296 628 135

© *Ficções* 2002

Índice

- 5 Marcel Schwob *O conto dos ovos*
- 15 O. Henry *Primavera à la carte*
- 27 M. Teixeira Gomes *Gente singular*
- 63 Robert Walser *O jantar*
- 67 Heinrich Böll *As crianças também são civis*
- 75 Henry Maxwell *Peregrinação*
- 91 José Cardoso Pires *O conto dos chineses*
- 105 Dino Buzzati *Escravo*
- 115 Woody Allen *Sim, mas a máquina a vapor faz isto?*
- 123 Graham Greene *Os japoneses invisíveis*
- 131 István Örkény *Matadouro*
- 135 Patricia Highsmith *A perfeccionista*
- 145 Andre Dubus *A rapariga gorda*
- 171 Kazuo Ishiguro *Um jantar de família*

Marcel Schwob

O conto dos ovos

Tradução de Ana Cardoso Pires

Marcel Schwob (1867-1905) foi, em finais do século XIX, uma das grandes figuras da vida cultural parisiense, cuja influência considerável é hoje praticamente ignorada. Mas o simbolismo, o surrealismo de Breton e a obra de Jorge Luis Borges estão-lhe intimamente ligados. De família judia bastante culta, Schwob estudou Villon e as literaturas antigas anglo-saxónicas, traduziu Shakespeare, De Foe e De Quincey, foi jornalista e cronista. Com os seus primeiros livros de contos, *Coeur Double*, *Le Roi au Masque d'Or* e *La Croisade des Enfants*, em que se esboça um novo tipo de fantástico, impõe-se como referência. É amigo de Gide, Valéry, Claudel, Jarry. Aos trinta anos, já muito doente, entra em crise, torna-se recluso, deixa de publicar, parte para a Samoa, como Stevenson. Aproveitando um período de remissão, regressa a Paris, para acabar o livro sobre François Villon, mas morre pouco depois.

De Schwob existem em tradução portuguesa, na editorial Teorema, *Vidas Imaginárias* (1990), *A Cruzada das Crianças* (1991) e *O Livro de Monelle* (1994).

O Conto dos Ovos (*Le Conte des Oeufs*) uma deliciosa fantasia, é retirado do seu primeiro livro de contos, *Coeur Double* (1891).

*Para passar agradavelmente os quarenta dias da Quaresma,
desde Quarta-Feira de Cinzas até ao Domingo de Páscoa.*

Era uma vez um rei muito bonzinho (não vale a pena procurar mais — a espécie extinguiu-se) que deixava o seu povo viver como queria: acreditava que era uma boa forma de o fazer feliz. E ele próprio fazia o mesmo, devoto e bonacheirão, nunca dando ouvidos aos seus ministros, até porque nem os tinha, e buscando conselho apenas junto do cozinheiro, homem de grande mérito, e de um velho mago, que lhe deitava as cartas para o entreter. Comia pouco, mas bem; os seus súbditos também. Nada perturbava a serenidade de todos eles; cada qual era livre de cortar o seu trigo em verde, de o deixar amadurecer ou de o guardar em grão para a sementeira seguinte. Era, de facto, um rei filósofo, que filosofava sem saber. E o que mostra bem que tinha grande sabedoria sem a ter aprendido é o extraordinário caso em que pensou que se perdia, e o seu povo com ele, por querer instruir-se nosãos princípios.

Aconteceu que, certo ano, perto do final da Quaresma, este bom rei chamou o seu mordomo, que se chamava Rapósmolhus ou qualquer coisa do género, para o consultar sobre uma grave questão. Tratava-se de decidir o que iria Sua Majestade comer no Domingo de Páscoa.

– Majestade, disse o ministro do interior do monarca, não tendes outro remédio senão comer ovos.

Ora os bispos daqueles tempos tinham melhor estômago do que os de hoje em dia, pelo que a Quaresma era muito rígida em todas as dioceses do reino. O bom rei não tinha, assim, comido senão ovos durante quarenta dias.

Amuou e disse:

– Gostava de comer outra coisa.

– Mas, Majestade, disse o cozinheiro, que era bacharel em letras, os ovos são um manjar divino. Dais-vos conta de que um ovo contém a substância de toda uma vida? Os latinos acreditavam até que era a sùmula do Mundo. Não faziam reportar nada ao Dilúvio – mas falavam de fazer as coisas recuarem até ao ovo, *ab ovo*. Os gregos diziam que o Universo nasceu de um ovo posto pela Noite de asas negras; e Minerva saiu já toda armada da cabeça de Júpiter, abrindo caminho qual frango que rompesse à bicada a casca de um ovo já estragado. Por minha parte, muitas vezes me pergunto se a nossa Terra não será apenas um enorme ovo, sobre cuja casca habitamos. Vêde como esta teoria quadra tão bem com os dados da ciência moderna: a gema desse ovo gigantesco seria o magma central, a vida do globo.

– Quero lá saber da ciência moderna, disse o rei.
– Quero é variar as minhas refeições.

– Majestade, disse o ministro Rapósmolhus, nada mais fácil. Tendes de comer ovos na Páscoa; é uma forma de simbolizar a ressurreição de Nosso Senhor. Mas nós sabemos como dourar a pílula. Querei-los cozidos, mexidos, em salada, numa omelete ao rum, com trufas, com pão torrado, com ervas aromáticas, com pontas de espargos, com feijão verde, com com-potas, quentes, cozidos em vapor ou no meio das cinzas, escalfados, ovos-moles, em gemada, farófiás, com molho branco, no prato, em maionese, encapuçados, recheados? Preferis ovos de galinha, de pato, de faisão, de verdinha, de galinha-do-mato, de perua, de tartaruga? Quereis ovas de peixe, caviar com azeite, com vinagrete? Será preciso encomendar um ovo de avestruz (que é refeição de sultões) ou de roc (que é um festim de génio das Mil e Uma Noites), ou muito simplesmente uns ovinhos estrelados ou em tortilha tostada por fora, com salsa e cebola cortadas miudinhas, ou envolvendo suculentos espinafres? Gostaríeis antes de os sorver crus, apenas mornos? Ou ainda, dignar-vos-íeis a experimentar uma criação sublime de minha autoria, em que os ovos têm um sabor tão bom que nem se dá por eles – de uma delicadeza, de um etéreo – um verdadeiro rendilhado...

– Nada disso, disse o rei. Se não me engano, citaste aí quarenta maneiras de preparar ovos. Que eu já conheço, meu caro Rapósmolhus – fizeste-me prová-las durante toda a Quaresma! Arranja-me outra coisa!

O ministro, desolado por ver que os assuntos internos iam tão mal, bateu na testa à procura de uma ideia – mas não achou nada.

Então, o rei, desanimado, mandou chamar o mago. O nome desse sábio era Nebulonista, se a memória me não falha; mas o nome não importa para a questão. Tinha aprendido com os magos da Pérsia; tinha assimilado todos os preceitos de Zoroastro e de Chakyâmouni; tinha recuado ao berço de todas as religiões e tinha-se imbuído da moral suprema dos gimnosofistas. Mas, habitualmente, só servia ao rei para lhe ler as cartas.

– Majestade, disse Nebulonista, não deveis mandar preparar os ovos de nenhuma das maneiras que vos disseram; mas podeis mandá-los chocar.

– Ora até que enfim, respondeu o rei, eis uma boa ideia: pelo menos não tenho de os comer. Mas não estou a ver bem porquê.

– Majestade, disse Nebulonista, permiti-me que vos conte um apólogo.

– À vontade, respondeu o monarca, adoro histórias, mas gosto que sejam claras. Se não compreender, e uma vez que és um mago, terás de me explicar. Começa, então.

– Um rei de Nepaul, começou Nebulonista, tinha três filhas. A primeira era bela como um anjo; a segunda era arguta como um demónio; mas a terceira possuía verdadeira sabedoria. Um dia, foram ao mercado para comprarem tecidos de caxemira, saíram da estrada principal e tomaram um atalho pelos arrozais que bordejavam as margens do rio.

O sol passava, oblíquo, por entre as espigas pen-

dentes e os mosquitos faziam o seu bailado por entre os raios. Nalguns pontos, as ervas altas entrelaçadas formavam maciços, que davam uma sombra deliciosa. As três princesas não conseguiram resistir ao prazer de se aninharem numa dessas sombras; abrigaram-se, conversaram um pouco entre risos, e acabaram por adormecer todas três, fatigadas pelo calor. Como eram de sangue real, os crocodilos que se refrescavam à tona de água, debaixo das bainhas das folhas arqueadas das espigas mergulhadas no rio, não se atreveram a importuná-las. Vinham apenas observá-las de vez em quando e estendiam os focinhos rijos e escuros para as ver dormir. De repente, mergulharam na água azul, com grande estardalhaço, o que fez as três irmãs acordarem sobressaltadas.

Viram então diante delas uma velhinha muito engelhada, toda enrugada e alquebrada, que caminhava apressadamente aos saltinhos, apoiada na sua bengala. Levava um cesto coberto por um pano branco.

"Princesas, disse ela numa voz trémula, vim trazer-vos uma prenda. Aqui estão três ovos absolutamente iguais. Contêm a felicidade que vos está reservada para toda a vida; têm todos a mesma quantidade; a dificuldade está em tirá-la de lá."

E dizendo isto, destapou o cesto e as três princesas debruçaram-se para ver três grandes ovos, de uma brancura imaculada, dispostos numa cama de feno perfumado. Quando voltaram a levantar a cabeça, a velha tinha desaparecido.

Não ficaram nada surpreendidas, pois a Índia é um país de sortilégios. Pegou cada uma no seu ovo e regressaram ao palácio, transportando-o cuidadosa-

mente numa dobra dos seus véus, pensando no que haveriam de fazer com ele.

A primeira foi direita à cozinha, onde pegou num tacho de prata.

"É que, pensou, o melhor que tenho a fazer é comer o meu ovo. Deve ser excelente."

Preparou-o, então, segundo uma receita hindu e saboreou-o nos seus aposentos. Foi um momento delicioso, nunca tinha experimentado nada tão divinal; nunca mais o esqueceu.

A segunda tirou dos cabelos um gancho comprido em ouro, com o qual fez dois furinhos em lados opostos do ovo. Depois, soprou-lhe até o esvaziar e suspendeu-o de um fio de seda. O sol passava através da casca transparente, que a irisava nas suas sete cores; era uma contínua cintilação com todos os cambiantes; a coloração mudava a todo o instante, apresentando um espectáculo sempre novo. A princesa perdeu-se nessa contemplação e nela encontrou uma alegria profunda.

Mas a terceira lembrou-se de que tinha uma faisoa que nesse preciso momento estava a chocar. Foi à capoeira e introduziu delicadamente o seu ovo no meio dos outros. Passado o necessário número de dias, saiu de lá um pássaro extraordinário, com um penacho gigantesco, asas variegadas e cauda salpicada de manchas cintilantes. Volvido pouco tempo, começou a pôr ovos semelhantes àquele de que tinha nascido. E a sábia princesa multiplicou desse modo o seu prazer, porque soube esperar.

A velha não tinha de facto mentido. A mais velha das três irmãs enamorou-se de um príncipe belo como

o dia e desposou-o. Ele morreu pouco depois, mas ela contentou-se em ter conhecido na vida um momento de felicidade.

A do meio procurou o prazer nas belas-artes e nas criações do pensamento. Compôs poemas e esculpiu estátuas. A sua felicidade estava permanentemente diante de si e pôde usufruir dela até morrer.

A mais nova foi uma santa, que sacrificou todas as distrações desta vida às venturas do Paraíso. Não materializou nenhuma das suas esperanças neste mundo passageiro, a fim de as deixar desabrochar na existência futura, que, como sabeis, é eterna.

Dito isto, Nebulonista calou-se. O rei ficou a meditar longamente. Até que o seu semblante se iluminou. E exclamou num tom animado:

– Mas que maravilha! E o que tem de mais espantoso é que compreendi logo à primeira! Quer dizer que tenho de pôr os meus ovos a chocar.

O grande mago inclinou-se perante a sagacidade do rei e toda a Corte bateu palmas. As gazetas não deixaram de gabar a perspicácia de Sua Majestade, que tinha assim destrinchado a moral de um tão profundo apólogo.

No entanto, o bom rei não quis ser o único a viver feliz. Retirou-se durante três horas e elaborou o primeiro decreto do seu reino. Em todo o território, passava a ser proibido comer ovos. Deviam pô-los a chocar. A felicidade dos súbditos ficaria assim inevitavelmente assegurada. Penas severas sancionavam a execução da lei.

O primeiro inconveniente do novo regime foi que o rei, ocupado contra o que era seu hábito nos assun-

tos do reino, perdeu a cabeça e esqueceu-se de mandar preparar o seu almoço de Páscoa. E bem o lamentou nesse dia.

Depois, houve logo políticos que começaram a comentar o decreto. O apólogo de Nebulonista espalhou-se pelos jornais e viu-se na lei do monarca um engenhoso mito, que obrigava os homens a viver como cenobitas. O pobre rei viu-se assim a ter criado, sem o saber, uma religião de Estado.

Começaram, então, grandes disputas no reino. Muitos homens preferiram procurar a felicidade neste mundo do que guardar-se para o outro; e guerreavam os que queriam chocar os ovos. Correu o sangue no país e o bom rei arrepelava os cabelos.

O cozinheiro tirou-o desta situação muito engenhosamente, ao mesmo tempo que se desforrava do mago. Aconselhou o rei a chocar todos os ovos, uma vez que não queria comê-los – mas deixando os seus súbditos, como anteriormente, livres de não serem felizes.

Satisfeito com esta solução, o rei condecorou o seu ministro e revogou o seu único decreto.

Mas os chocadores de ovos não ficaram nada contentes. Como não podiam servir-se da lei para criar adeptos, emigraram do reino, onde nunca mais puderam voltar. Percorreram o universo inteiro e, desde então, têm forçado muita gente a ser feliz no outro mundo.

Quanto ao rei, acabou por se aborrecer com a nova vida que levava e seguiu o exemplo dos seus súbditos. E o astucioso Rapósmolhus acabou de o desconverter, servindo-lhe, no ano seguinte, ovos cozinhados da quadragésima primeira maneira para encerrar a Quaresma: ovos de Páscoa.

O. Henry

Primavera à la carte

Tradução de Luísa Costa Gomes

O. Henry (1862-1910) Oliver Henry é o pseudônimo de William Sydney Porter, um dos maiores contistas americanos do século e um dos autores mais populares do seu tempo. Nasceu na Carolina do Norte de família culta e abastada. A mãe morreu tuberculosa quando ele tinha três anos e o pai um médico um tanto excêntrico. Começou como aprendiz de boticário aos quinze anos e emigrou depois para o Texas, com sintomas de tuberculose. Casou e empregou-se como caixa num Banco, tentando ao mesmo tempo escrever comédia. Comprou um jornal, *The Rolling Stone*, que faliu pouco depois. Porter foi acusado de desfalque no Banco e fugiu para as Honduras, de onde regressou passados três anos para a cabeceira de sua mulher moribunda. Preso durante quatro anos numa penitenciária do Ohio, começou a escrever sob o pseudônimo de O. Henry. Saído da prisão, passou a viver em Nova Iorque, e embora extremamente popular, viveu o resto da vida recluso, no terror de ser reconhecido como William Sydney Porter, acabando por morrer alcoólico e na miséria.

O. Henry foi autor original e fecundo, chegando a escrever praticamente um conto por semana. Este delicioso *Primavera à La Carte* (*Springtime à la carte*), do livro *The Big City*, é a resposta a Irvin Cobb, outro humorista que lhe perguntava onde é que ele ia buscar as ideias. "A tudo", disse O. Henry. " Há uma história neste menu". E improvisou-a.

Era um dia em Março.

Nunca, mas nunca comecem assim uma história quando escreverem. Não há pior princípio. Não tem imaginação, é insípido, seco e o mais provável é não ser nada. Mas neste caso, está autorizado. Porque o parágrafo seguinte, que devia ter inaugurado a narrativa, é demasiado extravagante e disparatado para se atirar à cara do leitor sem qualquer preparação.

Sarah chorava sobre a ementa.

Pensem numa rapariga de Nova Iorque derramando lágrimas sobre a ementa!

Para o explicar, podem bem pensar que já não havia lagosta, ou que ela jurara não tocar nos gelados durante a Quaresma, ou que tinha pedido cebolas, ou que vinha duma *matinée* sentimental no Hackett. E depois, já que todas estas teorias estão erradas, deixariam seguir a história.

O tal cavalheiro que anunciou que o mundo era

uma ostra que ele havia de abrir com a sua espada, teve mais sucesso do que merecia. Não é difícil abrir uma ostra com uma espada. Mas já viram alguém a tentar abrir o bivalve terrestre com uma máquina de escrever? Querem esperar por uma dúzia deles crus, e abertos assim?

Sarah conseguira forçar a concha a abrir-se com essa arma inconveniente, o bastante para morder um pouco o mundo frio e húmido do interior. Não sabia mais estenografia do que se tivesse sido largada no mundo por uma escola comercial. Portanto, não sendo capaz de estenografar, não conseguia entrar na galáxia brilhante dos talentos de escritório. Era dactilógrafa por conta própria e fazia o porta - a - porta para trabalhos avulsos de copista.

A proeza mais brilhante e coroa da batalha de Sarah contra o mundo foi o contrato que fez com o Restaurante Caseiro de Schulenberg. O restaurante era mesmo ao lado do velho prédio de tijolo vermelho em que alugara um quarto. Uma noite, depois de jantar os 40 cêntimos dos cinco pratos da *Table d'Hôte* do Shulenberg (servido à mesma velocidade com que se atiram as cinco bolas de beisebol à cabeça daquele senhor de cor), Sarah levou a ementa para casa. Estava escrita de forma praticamente ilegível, nem inglês, nem alemão, e tão mal alinhada que se não se tivesse cuidado ainda se começava com um palito e pudim de arroz e acabava-se com a sopa e o prato do dia.

No dia seguinte, Sarah mostrou a Schulenberg um cartão limpo, com o menu muito bem escrito à máquina, com as viandas todas ordenadas por baixo

dos cabeçalhos próprios desde os “hors-d’oeuvre” até ao “não nos responsabilizamos por sobretudos e chapéus de chuva”.

Schulenberg naturalizou-se ali mesmo. Antes de Sarah sair a porta, já o tinha voluntariamente comprometido num acordo. Ela forneceria ementas escritas à máquina para as vinte e uma mesas do restaurante – uma ementa nova para cada jantar e ainda outras para o pequeno almoço e para o almoço, sempre que houvesse alterações na comida ou a limpeza assim o exigisse.

Em troca, Schulenberg mandava por um empregado – e um todo obsequioso, se possível – três refeições *per diem* à casa de hóspedes de Sarah e dar-lhe-ia todas as tardes um rascunho a lápis do que o Destino reservava para o dia seguinte aos clientes do Schulenberg.

Resultou do acordo mútua satisfação. Os patronos de Schulenberg sabiam agora como se chamava a comida que comiam, mesmo que a sua natureza por vezes os deixasse perplexos. E Sarah teve que comer durante um Inverno frio e aborrecido, e isso é que foi essencial para ela.

E depois o almanaque mentiu, e disse que a Primavera tinha chegado. A Primavera vem quando vem. As neves geladas de Janeiro jaziam ainda inflexíveis nas ruas da cidade. Os realejos ainda tocavam *In the good old Summertime*, com a vivacidade e o sentimento de Dezembro. Os homens começaram a tomar nota nas agendas para comprarem vestidos de Páscoa daí a trinta dias. Os porteiros fecharam os aquecimentos. E quando estas coisas acontecem, percebe-se logo que a cidade ainda está nas garras do Inverno.

Uma tarde Sarah tremia no seu quarto elegante; "casa aquecida; escrupulosamente limpa; sanitários; tem de ver para crer". Não tinha trabalho, para além das ementas do Schulenberg. Sentou-se na cadeira de baloiço que rangia e olhou pela janela. O calendário não parava de lhe gritar da parede : "A Primavera chegou, Sarah – a Primavera já cá está, sou eu que to digo. Olha para mim, Sarah, é o que se me afigura, é o que dizem os números. Tu também tens uma boa figura, Sarah – uma linda figura de Primavera – porque estás assim tão triste a olhar pela janela?"

O quarto de Sarah dava para as traseiras. Olhando pela janela, só via uma parede de tijolo, sem janelas, a parede das traseiras da fábrica de caixotes da rua a seguir. Mas a parede era cristal do mais puro; e Sarah via uma alameda de relva, sombreada de cerejeiras e ulmeiros, bordejada de framboesas e roseiras.

Os verdadeiros prenúncios da Primavera são demasiado subtis para o olho e para o ouvido. Há os que têm de ver o açafrão florir, estrelar o sanguinho, ouvir a voz do melro azul – e até lembrete tão grosseiro como o aperto de mão de despedida do trigo mourisco e das ostras que se reformam – antes de conseguirem acolher a Senhora de Verde em seus insossos seios. Mas aos eleitos da velha Terra chegam mensagens directas, meigas, da novíssima noiva, dizendo-lhes que não serão seus enteados, a não ser que o queiram.

No Verão anterior, Sarah fora ao campo e amara um lavrador.

(Quando escreverem uma história vossa, nunca andem para trás. É má arte e faz perder o interesse. Deixem-na ir para diante, marchar, marchar).

Sarah ficou duas semanas na Quinta Sunnybrook. Aí aprendeu a amar o filho do velho lavrador Franklin, Walter. Já lavradores foram amados e casados e feitos em erva em menos tempo. Mas o jovem Walter Franklin era um agricultor moderno. Tinha telefone na vacaria, e sabia calcular com rigor o efeito da colheita de trigo do próximo ano no Canadá, sobre as batatas plantadas na lua nova.

Foi na tal alameda sombreada e framboesada que o Walter lhe fizera a corte e a conquistara. Tinham-se sentado os dois e tecido uma coroa de dente-de-leão para o cabelo dela. Ele louvara com exagero o efeito das flores amarelas nas tranças castanhas; e ela tinha deixado ali mesmo a grinalda e voltara à casa balançando na mão o chapéu de palha à marinheiro.

Deviam casar na Primavera – aos primeiríssimos sinais de Primavera, disse Walter. E Sarah regressara à cidade para matraquear na máquina de escrever.

Uma pancada na porta fez dispersar as visões de Sarah daquele dia tão feliz. Um empregado trazia o rascunho a lápis da ementa do Restaurante Caseiro para o dia seguinte na letra angulosa de Schulenberg.

Sarah sentou-se à máquina e meteu o cartão no rolo. Era trabalhadora veloz. Geralmente, em hora e meia, os vinte e um cartões da ementa ficavam escritos e prontos.

Hoje havia mais alterações na ementa do que era costume. As sopas eram mais leves; o porco fora eliminado das entradas, aparecendo apenas com nabos russos entre os assados. O generoso espírito da Primavera percorria a ementa. O borrego, que ainda

há pouco cabriolava pelas colinas verdejantes, começava a ser explorado com o molho que celebrava essas mesmas cabriolas. A canção da ostra, embora não silenciada de todo, entrava num *diminuendo con amore*. A frigideira parecia presa, inactiva, atrás das grades benévolas do grelhador. A lista das tartes inchou; os pudins mais pesados desapareceram; a sal-sicha, envolta em seus drapeados, esmorecia em agradável tanatopse com os trigos-mouriscos e o xarope de ácer, doce, mas condenado.

Os dedos de Sarah dançavam como anões num ribeirinho de Verão. Trabalhou por ali abaixo, dando a cada item a sua posição conforme o comprimento, com olho de águia.

Mesmo antes das sobremesas, vinha a lista dos vegetais. Cenouras e ervilhas, espargos em pão torrado, os perenes tomates e milho e o *succotash*, feijoada de milho e favas e porco, feijão de lima couves – e então...

Sarah chorava sobre a ementa. Lágrimas das profundezas dum desespero divino ergueram-se-lhe no coração e juntaram-se nos olhos. Baixou a cabeça sobre a mesinha da máquina; e o teclado bateu de roca um acompanhamento seco para os húmidos soluços.

Porque não recebia carta do Walter há duas semanas, e o item seguinte na ementa era dentes-de-leão – dentes-de-leão com uns ovos quaisquer – mas queria lá saber dos ovos! – dentes-de-leão, com cujas flores douradas o Walter a tinha coroado sua rainha do amor e futura noiva – dentes-de-leão que anunciam a Primavera, a coroa das coroas

da sua tristeza — lembrança dos dias mais felizes.

Minha senhora, desafio-a a sorrir até passar esta prova: que as rosas que o Percy lhe ofereceu na noite em que a senhora lhe deu o coração, sejam servidas em salada com molho francês, diante dos seus próprios olhos na *table d'hôte* do Schulenberg. Assim tivesse Julieta visto desonradas as suas provas de amor, mais cedo teria procurado as ervas letais do bom boticário.

Mas é feiticeira a Primavera! A mensagem tinha de ser enviada pela grande cidade fria de pedra e ferro. Não havia mais ninguém para a levar senão o pequeno e intrépido mensageiro dos campos em seu áspero casaco verde e cabelo ralo. É verdadeiro soldado da fortuna, este *dent-de-lion* — este dente de leão, como lhe chamam os cozinheiros franceses. Em flor, assistirá na corte de amor, entretido no cabelo cor de avelã de minha dama; jovem e imberbe e sem flor, vai para o caldeirão fervente e entrega as palavras de sua soberana senhora.

Aos poucos, foi Sarah engolindo as lágrimas. Tinha de copiar as ementas. Mas, ainda no vago brilho dourado do seu sonho de dente-de-leão, dedilhou distraída um bocadinho as teclas da máquina, com o espírito e o coração ainda no prado verde mais no jovem lavrador. Mas depressa voltou às vielas calcetadas de Manhattan, e a máquina começou a bater e a saltar como um automóvel em fúria.

Às seis horas o criado trouxe-lhe o jantar e levou a ementa dactilografada. Depois de comer, Sarah afastou, num suspiro, o prato de dentes-de-leão, com a sua coroa de acompanhamento ovárico. Tal como a

massa escura se tornara de flor clara e endossada pelo amor em vil legume, também as esperanças estivais murcharam e morreram. O amor pode, como disse Shakespeare, alimentar-se de si próprio: mas Sarah não conseguia comer os dentes-de-leão que tinham embelezado, como ornamentos, o primeiro banquete espiritual do verdadeiro amor do seu coração.

Às sete e meia o casal do quarto ao lado começou a discutir; o homem do quarto de cima procurou o lá na flauta; o gás reduziu; três carroças de carvão começaram a descarregar — é o único som de que o fonógrafo tem ciúmes; os gatos nas cercas das traseiras retiraram lentamente em direcção a Mukden. Por todos estes sinais, Sarah percebeu que eram horas de ler. Pegou n' *O Claustro e a Pedra de Lar*, o livro mais não - vendido do mês, pôs os pés em cima da mala, e foi vaguear com o Gerard.

A campainha da porta tocou. A senhoria foi atender. Sarah deixou Gerard e Denys em cima duma árvore, fugidos a um urso, e escutou. Ah, sim, também escutariam, como ela fez!

Ouviu-se então uma voz forte na entrada, em baixo, e Sarah correu para a porta, deixando o livro no chão e o primeiro combate facilmente ganho pelo urso.

Adivinharam. Chegou ao cimo das escadas enquanto o lavrador subia, saltando três a três, colhendo e enfeixando Sarah, sem deixar sobra nem resto para os respigadores.

— Porque não escreveste — oh, porquê? — gritou Sarah.

— Nova Iorque é uma cidade muito grande — disse Walter Franklin. — Cheguei há uma semana à tua morada antiga. Descobri que te tinhas ido embora

numa quinta-feira. Consolou-me; eliminou a possibilidade de ser azar de sexta-feira. Mas não me impediu de te mandar procurar pela polícia e de todas as maneiras!

– Eu escrevi ! – disse Sarah, com veemência.

– Nunca recebi!

– Então, como me encontraste?

O jovem lavrador sorriu um sorriso de Primavera.

– Hoje à noite entrei naquele Restaurante Caseiro aqui ao lado – disse ele. – Quero lá saber do que digam! Eu gosto de um bom prato de legumes nesta altura do ano. Fui descendo pela ementa tão bem escrita à máquina à procura deles. Quando cheguei abaixo das couves, atirei com a cadeira de pantanas e gritei pelo dono. Ele disse-me onde vivias.

– Lembro-me – suspirou Sarah, feliz. – Era dentes-de-leão, por baixo das couves.

– Reconhecia aquele Wrabugento, muito acima da linha, que a tua máquina faz, em qualquer parte do mundo – disse Franklin.

– Mas não há nenhum W em dentes-de-leão – disse Sarah, com surpresa.

O jovem tirou a ementa do bolso e apontou a linha.

Sarah reconheceu o primeiro cartão que tinha passado à máquina essa tarde. Ainda tinha o salpico raia-do no canto superior direito, onde caíra uma lágrima.

Mas por cima do sítio onde se devia ler o nome da planta do prado, a memória persistente das suas flores douradas levava os dedos dela a bater em teclas estranhas.

Entre a couve rouxa e os pimentos vermelhos recheados estava o item:

“MEU MUITO QUERIDO WALTER, COM OVO COZIDO”.

M. Teixeira Gomes

Gente singular

Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), nascido em Portimão, fez aí os seus estudos até seguir para o seminário em Coimbra, onde se preparou para entrar em Medicina. Não completou o curso, voltando a Portimão e iniciando as suas viagens como representante da empresa de exportação da família — Norte da Europa, Mediterrâneo, África, Ásia. As viagens serviram a Teixeira Gomes para adquirir uma extensa cultura e experiência, invulgar em Portugal nos homens do seu tempo e que viria a projectar-se numa obra literária de difícil classificação e inovadora pela temática, pela perspectiva, pela vitalidade, pelo próprio tratamento heterodoxo dos géneros. Depois de uma passagem pela conturbada política dos anos 20, Presidente da República entre 1923 e 1925, Manuel Teixeira Gomes iniciou um outro período de viagens, acabando por se fixar em Bugia, na Argélia, em 1931, aí morrendo passados dez anos.

Gente Singular, extraído do livro de contos do mesmo nome (1909), foi revisto seguindo a 3^a edição da Portugália Editora (1959), para evitar as gralhas que infestam a edição posterior da Bertrand. Aqui deixamos os nossos agradecimentos a Urbano Tavares Rodrigues pela preciosa ajuda.

A Ricardo Malheiros

Divorciado do romantismo, esse movimento febril e doido através do qual, no entanto, parece indispensável que a alma passe para aí largar, como se fosse em depurativo alambique, as suas escórias e renascer restituída ao seu definitivo aspecto, divorciado pois do romantismo e reintegrado na minha lídima idiossincrasia poética, me transladei pela primeira vez das frescas, umbrosas margens do Lima às tórridas plagas alagarvias.

Era uma peregrinação forçada, graças aos maus fígados de um senhor cacique, alvo frequente das minhas gazetilhas no *Pensamento de Viana*.

Meu tio e protector, cónego da Sé de Braga, tratou de me recomendar a um seu colega assonobense, Monsenhor Romualdo Simas, com quem mantinha correspondência aturada por motivos concernentes à numismática e ao filatellismo e, tão depressa o meu perseguidor me cortou as derradeiras evasivas com

que eu pretendia iludir as ordens ministeriais, pus-me a caminho de Faro.

Duríssima travessia!

A linha férrea mal chegava a Beja, onde se tomava a dolorosa diligência de Mértola que, por seu turno, trasbordava os viajantes num vaporzinho manhoso sobre o qual se descia o Guadiana até à foz, e dali, na pombalina Vila Real de Santo António, outra diligência nos joeirava os já desconjuntados ossos pelo decurso das muitas horas necessárias a alcançar Faro.

Os percevejos de Mértola – e um quadro a misanga, principal ornamento da sua estalagem, representando um cãozinho de água levando na boca um cesto de cerejas, ilustrado pela seguinte legenda:

*De meu tio o senhor José,
Certamente sou sobrinha,
Eu, Maria, e peço que
Sim me aceite esta avezinha.*

– o calor que dos xistos marginais do Guadiana se reflectia por catódicas labaredas no vaporzinho, convertendo-o em frigideira dos passageiros, e as sufocantes nuvens de ardente poeira da estrada algarvia são as mais claras recordações que me ficaram de tão calamitosa jornada.

Cheguei a Faro de noite e batiam ronceiramente as nove no relógio da Sé quando eu tangia a sineta de um imenso portão, em casa apalaçada, aonde me conduziria o portador da minha bagagem, espécie de macrocéfalo a quem eu indicara o nome do cônego Simas.

Pelo caminho tentei colher informações sobre o meu hóspede, mas tudo se baldou na insuficiência intelectual do meu guia.

Após redobrados toques abriu-se uma janela de sacada onde assomou um vulto negro, soltando um muito admirativo “Ah!” e retirando-se *in-continenti*. Seguiu-se-lhe outro vulto negro e depois outro e outro, repetindo cada qual, com idêntica intonação, o “Ah!” do primeiro recolhendo-se sem demora.

Embora o portão permanecesse fechado, entendi dever cessar os toques de sineta, visto como os moradores já se haviam apercebido da minha presença, mas no relógio da Sé, em cuja vizinhança ficava o prédio, rebentou o primeiro quarto, precedido de um estranho cascalhar de chapas ferrugentas, sem que alguém acudisse ao portão.

Segui o exemplo do meu guia que se sentara na extremidade do baú de coiro – receptáculo da minha roupa fina e de alguns manuscritos – e, aproveitando a extremidade livre, sentei-me e meditei:

Um quarto de hora para se abrir a porta a um hóspede esperado e desejado, pois os termos de que o cônego Simas usara, no seu convite e oferecimento a meu tio, não deixavam dúvidas a tal respeito, parece-me exorbitante; e sem atinar com a explicação do caso, já meio resolvido a perguntar pousada em qualquer hotel, de puro moído e ouvindo roncar o macrocéfalo na outra extremidade do baú, me deixei dormir ali mesmo.

Entre sonhos percebi que o relógio por muitas vezes despedia a sua cascalhada de ferros velhos e dava horas, até que, meio desperto, contei, com

assombro, onze badaladas e erguendo-me num ímpeto de indignação encandeio-me na luz de quatro lanternas que outros tantos vultos negros, no limiar do vasto portão, seguravam a braço estendido...

— Acordou... — exclamaram em coro de vozes soturnas.

De entre os quatro vultos negros, de vestes talares, que a princípio supus serem padres, adiantou-se um que realmente o era, e aflautando a voz interrogou:

— É o nosso hóspede, não é verdade?

— E V. Exa. Monsenhor Romualdo Simas?

— Seu humilde criado; e aqui estão as minhas três irmãs, Sebastiana, Prudência e Faustina...

Aos três nomes corresponderam três medidas de minuete feitas por criaturas embiocadas em lenços negros, trajando rigoroso luto, cujos rostos macilentos, de feições opadas, poderiam, no seu acentuado carácter monástico, pertencer indiferentemente a pessoas de qualquer dos sexos que houvessem dobrado o cabo dos cinquenta.

— Tenha a bondade de entrar — acrescentou Monsenhor.

Atravessámos em fila chinesa — as três irmãs adiante e eu entre elas e o cônego — um pátio calçado a seixos, subimos uma larga escada de dois lances ao cimo da qual uma criada tomou das mãos dos meus hóspedes as respectivas lanternas, apagando-as e pendurando-as num renque de escáfulas pregadas na parede, e metemo-nos por um extensíssimo corredor sem luz guiados pela frouxa claridade que ao fundo bruxuleava de uma porta entreaberta. Por ela entrá-

mos à sala de jantar, onde encontrei a mesa posta, apenas alumada por uma espécie de lâmpada de altar, de metal amarelo, fechada em vidros e suspensa do tecto.

Abancámos, ficando eu à direita de Monsenhor Simas que tomou o assento numa cadeira da forma usada para crianças, a que faltava a guarda dianteira, em cujos buracos ele enfiou os polegares. Então reparei que na sua frente havia uma urna de madeira sobre a qual estava posto o seu talher, permitindo-lhe assim tomar as refeições sem se dobrar, pois que os joelhos, naquela cadeira alta, lhe ficavam ao nível da banca.

Acomodados que fomos em volta da mesa fez-se um silêncio sepulcral. A fraca luz da lâmpada não deixava distinguir o conteúdo das várias travessas preparadas para a ceia, mas à minha beira luzia, em prato de vidro, um montão de enormes e apetitosíssimos figos lampos e o mesmo sucedia à beira dos outros comensais.

De repente uma das irmãs do cônego perguntou-me em voz trémula:

– Gosta de figos lampos?

– Sim, minha senhora, muitíssimo.

– Por causa deles o fizemos esperar – juntou outra.

– Nós é que os fomos apanhar ao quintal com as nossas lanternas – observou a terceira.

E cada uma por seu turno:

– Apanhados de noite são mais frescos.

– E mais gostosos.

– Os figos lampos!

– Os figos lampos!

– Os figos lampos!

Cada uma delas repetiu, soluçando:

– Os figos... lampos... – e depois, à uma, em desatado choro:

– O que a nossa mãezinha gostava deles!...

Aquí interveio Monsenhor, lacrimoso também:

– A nossa boa mãezinha... já... lá... está... já morreu!

– Não morreu... não morreu... – protestaram elas com ruidoso pranto.

– Morreu e já... não... come... figos... lampos...

– Ai! não diga isso, mano, não diga isso...

– Nós já vamos ver... se morreu...

– Vamos lá...

– Vamos lá...

E as três senhoras levantaram-se e, em gritos feridos, sumiram-se nas trevas do corredor, deixando-me mudo de verdadeiro espanto.

Mas eu sentia fome e como o cônego recaísse em modorra – sem dar outro acordo de si além do febril movimento dos dedos que enfiava e soltava dos buracos da cadeira – pensei que ao menos havia de provar os tais figos lampos, causadores de tão excruciantes recordações.

Apalpei no montão, escolhi aquele que me pareceu mais maduro, pelei-o e quando o levava à boca, para que Monsenhor não reparasse tanto na minha sem-cerimónia, digo-lhe:

– E a mãe de V. Exa. morreu de muita idade?

– Morreu de... uma cólica... a pobrezinha...

– Há quantos anos?

– Morreu hoje... hoje... às duas da tarde...

– Ó demónio! – soltei eu involuntariamente, deixando cair o figo no chão. – E já se enterrou?

– Não senhor... Está lá dentro com as visitas... Quer o meu... amigo vê-la... e rezar-lhe um padre-nosso... e uma... avé-maria por alma?...

– Decerto... E logo sairei em busca de outra pouxada, pois compreendo muito bem como deve ser importuna a V. Exas. a minha estada aqui...

– Não senhor, não consinto, não o consentirei nunca... É uma obra de caridade acompanhar-nos em tão doloroso lance... Vamos rezar por alma da minha... mãezinha... e depois o levarei ao quarto que está preparado para o receber.

Não me atrevi a contrariar o meu hóspede, fiando de algum inesperado incidente ensejo a escapular-me airosamente, e segui-o a uma sala distante, convertida em câmara ardente, onde efectivamente jazia o corpo de uma senhora muito idosa amortalhada no hábito de S. Francisco.

Sobre uma essa pouco alta, cercada de tocheiros acesos, estava o caixão com a cabeceira aos pés de um colossal andor do Senhor dos Passos, dos que habitualmente figuram na procissão dos Terceiros; a sala encontrava-se inteiramente colgada de veludo negro agalado de prata, e em redor das paredes, sentadas no chão, um sem-número de mulheres, dormindo ou cabeceando, que não deram fé da nossa entrada no aposento.

Monsenhor Simas ofereceu-me o hissope com que piedosamente espargi água benta sobre a morta, e logo ajoelhámos para rezar. Mas ainda bem não começávamos o primeiro padre-nosso quando vejo levantar-se um dos panos de veludo que ocultava uma porta, e apareceram três fantásticas figuras de ursos

com trombas de elefante que saltavam, aos pulos, pela casa fora e chegando-se à morta, com desusados urros e agudíssimos guinchos, como que procuravam despertá-la.

Quem nunca viu o capote usado pelas mulheres algarvias e a volta que elas dão à ampla gola em redor da cabeça para fazer o que chamam rebuço, quem nunca viu na rua ou na igreja esses monstros apocalípticos não poderá julgar da propriedade com que eu, para mais desprevenido, capitulei as três estranhas aparições de ursos com tromba de elefante.

Como todos aqueles gritos não surtiram o efeito desejado, os monstros soltaram as mãos das pregas dos capotes e, um tangendo viola e os outros pandeireta e castanholas, encetaram um desaforado desconcerto de canto e música onde as malaguenhas, fados e jotás se entremeavam de uivos, grunhidos e relinchos perfeitamente imitados e, dançando sempre, deram repetidas voltas à roda da essa, debruçando-se de vez em quando sobre o caixão a ver se o cadáver dava sinal de si...

Mas a inesperada aparição dos fantasmas pôs em sobressalto a assistência, na maioria composta de beatas, que, estremunhadas e não dando conta do que se passava, desataram a correr loucamente pela casa, arrepelando-se e clamando socorro do céu como se houvesse chegado dia de juízo...

No entretanto os ursos de tromba de elefante atiraram com os instrumentos fora e desenhencilhando-se, a custo, dos respectivos capotes ficaram reduzidos a três velhas desgrehadas, suando em bica, nas quais reconhecias senhoras donas Sebastiana, Prudência e

Faustina que bradavam:

— Ai! que a nossa pobre mãezinha está morta; nós queríamos meter-lhe um susto, mas ela está morta e bem morta; ai! que já não vê as suas queridas filhinhas; ai! que já não vai passear ao campo; ai! que já não come figos lampos... — e assim por diante numa infinita ladainha, relembrando quantos regalos a defunta poderia fruir se voltasse a esta vida.

Respondiam-lhe em pranteados “ais” as outras mulheres e como todas estivessem treinadas em rezas de coro prontamente se estabeleceu uma tal ou qual ordem naquelas lamentações, acudindo a assistência — e por fim eu também — com um uníssonos “ai!” a cada pausa do desvairado treno...

Eu estava hipnotizado como deve suceder a quem assiste às reuniões dos derviches ululantes, mas no fundo da consciência percebia uma voz que confusamente me bradava: “isto não pode continuar assim; livra-te desta gente ou dás em doido varrido; cobra ânimo, fuge” e nesse momento reflexivo ergui-me e, agarrando-me ao braço do meu hóspede, implorei:

— Monsenhor Simas, por quem é permita que me retire!

— Sim, meu amigo, pois deve ter sono, que já se vai fazendo tarde; eu lhe vou ensinar onde é o seu quarto que fica paredes-meias com o meu...

E sem consentir que me fosse embora, como era meu firme propósito, levou-me a uma alcova muito bem posta, a qual ele inspeccionou miudamente, esquadrinhado debaixo da cama e das cadeiras, à luz de uma lanterna daquelas com que eu fora recebido e que pareciam servir à iluminação da casa toda, e observando:

— Da natural confusão que nasce de tão tremenda desgraça não seria para estranhar que lhe faltasse alguma coisa...

E estas palavras, chamando-me à realidade, lembraram-me o meu baú que eu não via por ali. Pareceu-me oportuno advertir o meu hóspede daquela falta, mas ele, sem me dar tempo a coisa alguma e sentando-se numa cadeira de verga, levantou os braços ao céu, exclamando tetricamente:

— Desgraçado de mim! Como é que eu vou dormir esta noite sem chuva?...

— Pois aqui chove todos os dias, Monsenhor?

— Não... É a chuva do meu sono... Ah! o meu amigo é que me podia valer nesta aflição...

— Com muito gosto.

— Sim? Pois dê cá um abraço... — e depois de me estreitar contra o peito, cujas polpas cediam com a flacidez de sumaúma, levou-me ao quarto imediato, que era o seu, e mostrou-me um maquinismo que, por fora da janela aberta para a varanda, permitia soltar a água de um regador sobre umas latas, produzindo o ruído da chuva.

— Sem ouvir isto é que eu não prego olho... E na natural confusão que nasce de tão tremenda desgraça quem é que nesta casa se lembra da minha chuva?...

Eu já não sabia que pensar de tanta loucura. Prometi fazer tanta chuva quanta o meu hospedeiro precisasse para conciliar o sono, e relembrando o baú:

— Monsenhor, desculpe, mas onde poriam o meu baú?

— O seu baú, meu amigo?...

— Sim...

— Pois tinha um baú?...

– Sim...

– E o que contém esse baú?...

– A minha roupa, Monsenhor.

– E perdeu-o? Que estranho acontecimento... Mas o que admira na natural confusão que nasce de tão tremenda desgraça?!...

– Perdoe, Monsenhor, mas se ninguém o recolheu em casa lá se me foi com ele o macrocéfalo...

– O macrocéfalo?...

– Sim, o portador do baú...

– Ah!

– Esta janela para onde dá, Monsenhor? – inquiri, reparando numa sacada cujos reposteiros estavam corridos.

– Essa janela pertence à frontaria da casa.

Ouvindo isto corri a abri-la e logo divisei o vulto do macrocéfalo que fizera do baú travesseiro e que parecia dormir.

– Lá está ele – exclamei.

– Com efeito, lá está ele – repetiu Monsenhor, que me seguira.

– Vou buscá-lo.

– E eu vou consigo...

Fomos. Paguei e despedi o carregador e, ajudado do meu hóspede, pegando cada um de nós na sua argola, trouxemos o baú para casa.

Ao começo da escada diz-me Monsenhor Simas:

– Que pesado que é este baú!

– Com efeito não é leve...

– É sobrenaturalmente pesado... Tem o meu amigo a certeza de que dentro deste baú só haja roupa?...

— Sim, roupa — acudi logo enleado —, e também uns poucos manuscritos...

Monsenhor remeteu-se ao silêncio mas no segundo patamar parou esbofado e observou:

— Este baú, desculpe que lho diga, tudo terá dentro menos roupa...

— Ora essa!...

— Pesa como chumbo... — e em voz cava — dir-se-ia que contém um morto...

— E esta agora -- murmurei, estupefacto. Mas Monsenhor recomeçou:

— Neste baú há mistério. Quem sabe se enquanto ele estava confiado à guarda desse macrocéfalo, que diz, lhe não meteram dentro um morto ou... o que seria pior... um uivo...

— Monsenhor, por quem é!...

— Não, meu amigo, a mais elementar prudência ordena que não introduzamos em casa sem rigorosa inspecção interna este outro cavalo de Tróia

— Nada mais fácil — obtemperei, procurando no bolso a chave.

Mas rebuscadas que foram todas as algibeiras não achei sombra de chave. Evidentemente tinha-a perdido.

— Não encontro a chave, Monsenhor!...

— Não... encontra... a chave... — articulou ele, meio sufocado, entanto punha a lanterna à altura do rosto e me fixava suspicazmente. E súbito, com ímpeto:

— Quem é que me abona a sua identidade?

Fiquei-me silencioso.

— Diga, quem é que abona?...

Novo silêncio que permitia ouvirem-se longe, mas distintamente, as lamentações à volta do

cadáver. Reproduziram-se-me então na memória as cenas macabras a que assistira desde a minha chegada àquela casa e, no tumulto de impressões que o cérebro, já abalado, experimentava, compreendi que ia transpondo as raias da alucinação.

— Não responde?... — continuou Monsenhor, e soltando uma gargalhada sardónica: — Ah! não responde... Pois este baú tem que ser aberto... E já... — Os olhos esbugalhados, punhos cerrados, a boca cheia de espuma, batendo o pé, repetia: — E já.

Mas eu atirei-me pela escada abaixo, consegui correr o complicado ferrolho e desatei a fugir pelas ruas de Faro, com a cabeça ainda atordoada pelo espantoso estrondo que o portão fizera ao fechar-se e os nervos arrepiados por visões horrorosas...

Pouco depois amanhecia e como eu seguisse as ruas principais, num percurso que se repetiu várias vezes, deparei com a tabuleta de uma hospedaria defronte da qual esperei que fizesse dia claro e onde finalmente encontrei pousada.

Antes de me deitar dei ordem para que fossem buscar o meu baú a casa de Monsenhor Simas e remoendo nas recordações da extravagante noite que passara, levando à conta de comédia as loucuras do cônego, cujo fim era sem dúvida desembaraçar-se de um hóspede molesto, enlevei-me no sono e reatei o fio dos dislates reais com outros de igual jaez sugeridos pelo sono...

Acordei muitíssimo tarde, sem haver dado fé de que me tinham posto no quarto o meu baú. Chamei o criado — que era um homenzarrão com olhos de odalisca, farta bigodeira e quadris de uma abundância

e relevo ridículos – para investigar do caso, mas ele, extremamente familiar, sentou-se-me à beira da cama e à minha pergunta: – “Então, o baú? ...” – respondeu com expressão dengosa e cruzando as mãos sobre o peito:

– Para isso me chamou V. Exa?...

– Pois para que havia de ser?!...

– Ah! ... É que eu chamo-me Celestino...

– Sim? ...

– E sou afilhado de Monsenhor Simas... e com ele fui criado de pequenino...

– Bem, mas para que vem isso à balha?

– Julgava...

– Julgava o quê, homem?... Querem ver que você me sai tão doído como o seu padrinho...

– Então V. Exa. não vê o baú ali, no meio da casa?...

Com efeito o baú lá estava.

– Ah! não tinha reparado... Pois trate quanto antes de arranjar um martelo e um escopro para o arrombar...

– Ora... e V. Exa. não sabe que ele vem aberto!...

– Vem aberto?

– E enleado com cordas... Em cima lá está ainda a carta que Monsenhor Simas mandou com muitos recados para V. Exa...

– Bem; dê cá a carta e vá-se embora.

Celestino trouxe-me a carta e como eu me tivesse sentado na cama acomodou-me os travesseiros com maternal carinho e retirou-se a custo dizendo:

– Para tudo que V. Exa. quizer tem aqui um criado às suas ordens; eu bem sei o respeito que devo aos amigos do meu bom padrinho...

Na sua carta Monsenhor Simas desculpava-se, atribuindo o que se passara à “natural confusão que nascera de tão tremenda desgraça”, queixava-se da horrível noite que passara sem pregar olho, e amavelmente me recriminava por haver recusado “fazer-lhe um pouco de chuva”; oferecia a sua casa e o seu fraco préstimo, prometendo visitar-me depois dos oitos dias do nojo e servir-me de guia nos arredores de Faro onde “abundavam ruínas romanas de altíssimo interesse”, etc.

Sobre o arrombamento do baú nem palavra.

Mas, em suma, considerava-me livre de Monsenhor Simas e das suas três manas malucas, e como nada me faltasse no conteúdo do baú, alivou-se-me o espírito e muito bem-disposto para jantar me sentei à mesa do hotel, onde tive a dita de encontrar o doutor Ximenes, aquele doutor Ximenes má-língua, horrorosamente calvo e míope, que o país inteiro se não admira pelo menos teme.

Eu conhecera-o em Viana onde ele andara na inspecção de recrutas. Não me ligou a princípio importância alguma; sabendo porém, graças ao falatório do Celestino, que eu viera recomendado a Monsenhor Simas e passara na sua casa parte da noite, acudiu logo, curioso:

— E o que viu você, Pedrinho, de portas adentro desse manicómio?...

— Tanta coisa extravagante, senhor doutor, que se eu contasse ninguém acreditava...

— Sim?... — e afável — conte lá isso já, que aqui só há gente crédula e de confiança.

Os outros hóspedes eram o engenheiro hidráulico-

co, o conservador da comarca e um tenente-coronel, também da inspecção dos recrutas, aos quais sem demora o doutor Ximenes me apresentou.

Solicitado por todos a fazer a exposição dos acontecimentos acedi de bom grado e dessa forma captei as boas graças dos meus companheiros que alguns favores, depois, me dispensaram.

Todos, à uma, celebraram imenso a minha narrativa e estabelecendo-se a familiaridade desejada e necessária ao livre desafoço das opiniões e conceitos, daí por diante ninguém mais guardou recato em seus pareceres e comentários. Foi assim que, à sobremesa, se entabulou o cavaco indecente que transcrevo, embora com um tal ou qual afogueamento de faces, por me parecer indispensável à claridade deste meu trecho de memórias.

Falando-se acerca de um dos mais conspícuos personagens locais o Dr. Ximenes saiu-se com esta:

— A sua reputação de corno é de tal ordem, e corre mundo com tal vulto, que é impossível olhar-lhe para a cabeça sem que imediatamente a figure cheia de aéreas ramificações caprichosas, como o lustre do Teatro de S. Carlos pelo Carnaval...

O conservador protestou, embora brandamente, pelo exagero. Mas o Dr. Ximenes estridulou uma das suas gargalhadas favoritas, que eram como um agudo e rápido coaxar de rãs, e retorquiu:

— E é você quem se atreve a pôr o caso em dúvida... Pois creia que ainda um Inverno as cegonhas lá fazem ninho sem ninguém dar por isso... ó conservador, você sabe o que eu ouvi ontem a seu respeito?...

– O que foi?

– Que uma das mais retorcidas hastes era presente seu!...

– Asneiras!...

– Ah! que você é dos tais de quem o povo diz terem palavras de semana santa e obras de Entrudo ... Mas ó Pedrinho, ainda você faz versos?

– Oh! senhor doutor, tenha dó de mim ...

– Ah! já vejo que ainda faz. – E voltando-se para os outros comensais: – Aqui o Sr. Pedro Carneiro, escriturário de Fazenda, é o primeiro poeta de Viana do Castelo...

– Caros me custaram os versos – reclargui.

– Então?

– Pois por causa deles é que o Miguel Reboredo me atirou com os ossos para Faro.

– Bem feito! Mas o Miguel Reboredo, que peça! Felizmente para Viana ele só lá vai uma vez por semana; já não gosta de sair da sua terrinha, essa Vila Seca que se compõe de gente prudentíssima como ele. É uma vila grande, onde não há casa sem pára-raios e quando lá apanham o hospital cheio de doentes pobres botam-lhe fogo... Enfim, você para aqui é que devia vir, Pedrinho. O seu escrivão de Fazenda é também poeta, mas lírico, e na repartição, mais ou menos, todos os empregados macheiam as musas... E a propósito, que tal lhe pareceu ele, o escrivão de Fazenda?

– Ainda me não apresentei na repartição, de modo que o não vi.

– É uma criatura preciosa. Tem o ar fatal das eras românticas, usa capa à espanhola e toma cantáridas. Se você for agora à praça lá o encontra passeando com

o mesmo jeito que têm os grandes tenores quando pisam os tablados dos teatros... E que poeta lírico, mesmo em prosa! Você nunca leu o seu livro *Peregrinações Desenfatiadas*?... Leia que vale a pena. Nesse livro as paisagens são todas feitas com veludos, sedas cetins, feltros, damascos, lonas, baetas e cheviotes: parecem tecidas na Covilhã... Mas poeta lírico é que ele é... Mexeu o diabo para o transferirem para aqui só porque um mistificador, conhecendo-lhe o fraco, o informou de que o Algarve estava cheio de lindas moiras. E é bom, Pedrinho, que você conheça a história das moiras. Quer ouvir?

— Pois não, senhor doutor.

— Servir-lhe-á talvez de proveito. O homem apareceu aqui desaustinado por moiras. Fez-se apresentar no Grémio e ali, logo na primeira noite, se desfez em odes à moirama, de modo que a rapaziada fina pensou: não há mais remédio senão dar quanto antes uma moira a este homem. E assim foi. Aprazaram-no para a noite seguinte se encontrar, num quarto apropriado, com uma sultana, cujos amavios descreveram a tão atraentes cores que o poeta se embutiou de “pílulas do Serralho” e nunca mais sossegou. Calcule você, que também é poeta, como ele iria para a entrevista. Meteu-se no quarto, que estava às escuras mas cuja cama se divisava, e sem acender a luz, para mais apimentar os preâmbulos da aventura, aproxima-se tacteando, apalpa um vulto e com intonação amorosa pergunta: — como te chamas filha? — Celestino — respondeu em voz grossa aqui o nosso Celestino, que era quem eles lhe tinham mandado para a cama...

— Pois, senhor doutor, muito obrigado pela

história adverti –, homem prevenido vale por dois.

Depois do jantar deixaram-me sozinho e eu não saí. Além do cansaço da viagem, de que ainda me não restaurara, o calor apoquentava-me imenso: sentia-me lugubrememente acabrunhado. Sugeriram-me que tudo isto seria obra do “levante”, afrontoso vento cujo efeito nos forasteiros é deplorável; à falta de melhor aceitei a explicação como plausível mas recolhi-me ao quarto e escrevi a meu tio uma infinita carta, dando-lhe notícia das minhas aventuras e exortando-o a que não poupasse esforços para me alcançar a transferência. Qualquer lugarejo do Minho me serviria.

Eu ouvira falar na intensa nostalgia do Minhoto sem nunca lhe dar o verdadeiro peso: agora é que eu percebia a sua irresistível obsessão e assim explicava o regresso definitivo a aldeolas infectas de “brasileiros” milionários a quem seria fácil fruir os regalos da mais requintada civilização nos centros cultos. A perspectiva de ficar anos seguidos nesse tórrido Algarve afligia-me como atrocíssima condenação e avolumando a desgraça, no deprimente pendor da tristeza, já entrevia a minha doce província como essas inacessíveis regiões de safira que as tempestades desvendam, entre horrores de nuvens caliginosas, pelo céu liberto.

Ao dia seguinte cessara o “levante” mas a minha melancolia, embora recalçada, persistiu. Na repartição receberam-me friamente e entre os meus camaradas não descortinei cara que me quadrasse.

O escrivão de Fazenda, o lírico das moiras, farejando talvez em mim um possível rival, mostrou-se-me ríspido e insolente, e, sem dúvida, instigado pelo meu

perseguidor, aconselhou-me ironicamente a que sopeasse a veia satírica.

Resolvi evitar intimidades e ater-me ao isolamento próprio de quem, pobre e sem valimento, se encontra em terra hostil. Nessa disposição de espírito larguei a hospedaria e passei muitos meses, fugido a convivências e albergado, por preço módico, em casa de um guarda da alfândega, reformado, que cozinhava menos mal grande variedade de mariscos por ele mesmo apanhados na vasta ria de Faro. Acompanhei-o à pesca, a princípio por mera distração e depois com íntimo gosto, afeiçoando-me, por fim, de tal modo àquela arte que nunca mais a esqueci nem lhe descontinuei a prática.

De resto eu sempre adorara o mar junto ao qual a minha melancolia habitualmente me levava, quedando-me horas esquecidas, horas de perfeito enlevo, a contemplá-lo, sobretudo quando ao cair da tarde, nos dias ventosos, as gaivotas, descrevendo círculos por cima das ondas empoladas, soltam o seu grito sonoro, molhado e triste, tal uma nota de ocarina. Esse grito ecoava-me na alma e parecia interpretar-lhe as recônditas mágoas. Até me utilizei deste símile poético na composição de uma elegia que remeti ao *Museu Literário* do Porto e ali foi publicada com o meu pseudónimo de Febo Garcês, valendo-me uma bem lisonjeira carta do seu director David de Castro, o grande poeta da *Fénix Renascida*. Mereceu também as honras da transcrição em vários jornais da capital.

No entretanto eu trocara algumas, raras visitas com Monsenhor Simas, que à força de amabilidades conseguiu atenuar o meu justo ressentimento pela recepção que me dispensara. Mas apesar das suas

instâncias recusei, obstinadamente, aceitar-lhe os convites para jantar que a miúdo me fazia.

Uma vez, porém, consenti em o acompanhar à aldeia de São Brás, engodado pelos seus pomposos encarecimentos das ruínas do Milreu que lhe ficam no caminho e, ou fosse devido ao real encanto da paisagem ou ao maravilhoso dia que desfrutámos, um desses dias soalhados de Fevereiro mercê dos quais me reconciliara com o Algarve, o ponto é que voltei quase reconciliado também com Monsenhor Simas.

Bafejado fora eu de quantos dons as nove musas prodigalizam aos seus eleitos que não me abalanzaria, de ânimo frio, ao descritivo dos sítios amenos que percorremos: requisitava-se aqui a pena de um Frei Luís de Sousa. Mas sempre transcreverei, em resenha, o que a esse respeito contém o meu canhenho, julgando haver-me ultrapassado a mim mesmo e disposto a utilizar, mais tarde, essas modestas mas vibrantes notas para composição poética de fôlego. — Isto aqui à puridade, que nos não oiça o Dr. Ximenes.

Partimos de manhã cedo — já convenientemente alastrados com succulentas rodas de paio alentejano e uns copinhos da famosa medronheira serrana — e parámos em Estói, vila de bons prédios, arejada e álacre. Na companhia do pároco, visitámos, antes do almoço, as ruínas do palácio Carvalhal. Architectura D. João V. Situação admirável entre jardins e pomares meio abandonados, estendendo-se por largos tabuleiros ou terraços sobrepostos, com nobres escadarias, elegantes balaústres e graciosos miradoiros. Vastíssimo horizonte, abrangendo a costa por sobre uma infinita várzea toda coalhada em flori-

das amendoeiras onde predomina o vermelho e que parecem ampliar os jardins do palácio levando-os até ao mar longínquo e faiscante. Cinco ciprestes gigantescos seculares, augustos, postos em fila, formam cortina e apresentam a secante necessária às mutações da perspectiva. Murmúrios de águas correntes por entre vetustas laranjeiras, moitas de alecrim e goivos, maciços de buxo e canteiros de narcisos. — Almoçámos copiosamente. O vinho do pároco é leve e lembra-me o vinho verde maduro de Amarante: presto-lhe honras condignas, o que me predispõe excelentemente para escutar a lição de arqueologia que Monsenhor Simas, loquacíssimo, nos promete.

— Vamos ao Milreu: antigos banhos romanos, restos de um templo, troços de colunas monolíticas, panos de fino mosaico representando peixes inteiros em suas evoluções aquáticas. O grande nicho do templo, em forma de ábside, é todo construído de ladrilho. — Monsenhor Simas não acha o manuscrito que adrede prepara no remanso do seu gabinete de estudo e nós escapamos à perlenga. — Seguimos para São Brás por entre altíssimos e íngremes serros de barro claro, arborizados até ao cimo. Na proximidade de São Brás a vegetação vai minguando e transforma-se, até rarear, apenas indicada por uma ou outra definhada alfarrobeira que emerge entre cerrados rebanhos de pedras negras, naturais esculturas de porcos gordos fossando na terra. — São Brás é uma pedreira brotando água. — Ali fazemos uma leve refeição de carnes frias regadas por vinho licoroso e excelente, da frasqueira paroquial, e regressamos à

tarde a Faro não sem parar uns instantes em Estói, onde nos aguardava grande profusão de doces finos e a genebra autêntica da Holanda — a genuína, a excelsa, a Folckink! — que no Algarve se encontra facilmente, mercê das relações seculares que aquela província mantém com os Países-Baixos.

Foi, em suma, um dia cheio, durante o qual Monsenhor Simas deu provas de muita cordura, o que me animou a aceitar-lhe o jantar no próximo domingo, e nesse jantar tão-pouco ocorreu coisa que lhe desabonasse a sensatez, salvo na persistente mania de presidir à refeição na tal “cadeira de menino” e de lhe enfiar incessantemente os polegares pelos buracos da tira de resguardo.

As manas ainda estavam amuadas por Monsenhor haver ido a São Brás sem as levar, mas trataram-me afavelmente — e ele, recordando o inocente passeio com o alvoroço de quem se refere a alguma excursão aventureira, repetiu várias vezes:

— Só uma coisa me faltava, a minha bela cadeirinha!

Um mês depois aceitei-lhe outro convite e dessa vez todos se portaram tão razoavelmente que eu decidi frequentar-lhe a casa com assiduidade. Para esta resolução concorreu muito — diga-se a verdade — a suculência e abundância dos pratos que vinham à mesa; eu sentia-me enfraquecido e quase nauseado com a alimentação de marisco a que o meu hospedeiro, o guarda da alfândega, me forçava, e o ordenado não dava para me refazer em pitéus terrestres. Acrescia ser a compostura de Monsenhor Simas e das suas manas tão completa que muitas vezes eu chegava a duvidar da realidade das estranhas cenas a que

assistira e quando não duvidasse já as desculpava levando-as à conta “da natural confusão, etc.”.

Coei-me, pois, pouco a pouco à sua intimidade e Monsenhor mostrou-me a preciosíssima colecção de moedas e o álbum de estampilhas, franqueando-me ao mesmo tempo a sua biblioteca, herdada de um tio — naquela família tudo passava de tios a sobrinhos — e muito rica em clássicos. Foi assim que se me deparou o venturoso ensejo de ler as *Florestas do cristalino Bernardes*, na edição deslandesiana.

Mas na minha frequência a casa de Monsenhor Simas fácil me foi verificar que alguma coisa de insólito e anormal ali se tramava concentrando as atenções e energias dos quatro irmãos. A expressão dos seus rostos mudara; nos olhos reflectia-se-lhes não sei que desusado brilho e a miúdo os via segredando misteriosamente.

O que quer que fosse referia-se a obras que iam no quintal, onde nunca mais me levaram, e por meias palavras ou frases incompletas que involuntariamente soltavam: — “o que dirão?” — “a surpresa ...” — “o monumento” — adquiri a certeza de que estavam em vias de construir alguma capela, não desejando dar publicidade ao caso senão depois de ela concluída e felicitei-me, ao ver o salutar derivativo a que tendiam agora as suas energias até ali dispersas e estéreis.

Pelos meados de Agosto percebi que a obra se encaminhava ao seu termo, pela crescente excitação nervosa que notava tanto em Monsenhor como nas manas, e coligi das suas alusões, já insopeáveis, ao “Dilúvio”, que não só era realmente capela mas que o retábulo consistiria nalgum painel representativo daquela catástrofe bíblica.

Foi quando recebi notícias da queda do ministério, e logo, por meu tio e padrinho, aviso de que estava certa a minha transferência para Braga, como efectivamente veio sem demora publicada no *Diário de Governo*, decidindo-me a sair de Faro no último dia do mês.

A notícia da nossa imediata separação, que me apressei a comunicar a Monsenhor, na presença das irmãs, pareceu consterná-los. Monsenhor exclamou, erguendo-se na cadeira com autoridade:

– Não pode ser... Não o consinto...

E as manas, em coro, reforçaram:

– Não consinta, mano...

– Mas, minhas senhoras – adverti –, isso não tem pés nem cabeça!...

– E a inauguração?... – ajuntou Monsenhor – tem que assistir à inauguração...

– Que inauguração? – perguntei, fazendo-me de novas.

– Chut... – fizeram as manas, pondo os dedos nos lábios, direito ao irmão.

– Sim, meu amigo – balbuciou Monsenhor –, no dia 29 temos festa em casa...

– Comemoramos a degolação de São João Baptista... – atalhou D. Sebastiana, com ar de sonsa.

– E o nosso amigo Pedro tem de assistir – disseram as outras duas manas.

– Mas há tempo para tudo, minhas senhoras. Isso é depois de amanhã e eu só no dia 31 é que me vou embora...

– Ah! ainda bem, ainda bem...

– Não faz ideia da pena que teríamos se não assistisse.

– Eu cá perdia o gosto à festa – ponderaram por seu turno as três irmãs.

E eu agradei e fiquei de aparecer no dia 29 às 3 da tarde para a festa, que era no jardim, com numerosos convidados, entre os quais o Vigário Geral.

A sala de jantar e os quartos de Monsenhor e das manas davam para uma grande varanda, ladrilhada e fechada em alegretes que formavam parapeito, com cisterna cujo gargalo octógono, de cantaria, marcava o centro de uma estrela desenhada por vasos de flores. Sobre varões de ferro, que se levantavam dos alegretes, armavam-se velhas parreiras, agora tupidas em fresca folhagem e sombreando completamente o vasto recinto a qualquer hora do dia.

A nascente, por cima dos telhados baixos, descobria-se a ria, com um trecho da costa hortada, o areal doirado da Ilha e o casario de Olhão. Para o norte ficava o quintal, verdadeira cerca nas dimensões e cultura, à qual se descia da varanda por uma elegante escada de cantaria em forma de concha.

Nesse quintal é que estava a colossal figueira lampa, de cujos apetecíveis frutos eu não lograra provar na noite da minha chegada, mas com os quais a miúdo me repimpara doze meses depois graças à generosa amabilidade de Monsenhor. Havia ali, também, grande abundância de outras árvores de pomar: ameixieiras, damasqueiros e pessegueiros, além das leiras de hortaliça e muitas plantas decorativas como esplanadas e sardinheiras; de modo que pelo aprazível do sítio, durante o Verão, era na cerca e na varanda que principalmente estacionavam as manas de Monsenhor e foi na varanda que se colocaram as mesas para a refeição, a qual não era jantar, nem ceia, nem merenda, mas participava de todos esses repastos pela natureza dos pratos que a compunham.

Nesse dia o chefe da minha repartição, o lírico das moiras, sabendo que eu fora convidado por Monsenhor Simas – o que ele não conseguira –, entreteve-me quanto pôde obrigando-me a vários serviços de expediente sem urgência, de modo que já eram três e meia quando me apresentei na reunião.

Encontrei a varanda cheia de convidados distribuídos por cinco mesas postas à roda do gargalo da cisterna e respectivamente presididas pelo Vigário Geral – velhinho exangue a quem davam o tratamento de Reverendo Padre –, por Monsenhor e por cada uma das manas.

Coube-me o lugar à mesa de D. Sebastiana, que naturalmente me repreendeu, embora sem acrimónia, pela minha demora e me levou à presença do Vigário Geral, a quem beijei o anel, apresentando-me depois aos hóspedes que ela supunha não serem meus conhecidos.

Notei que os convivas estavam sentados de modo a não voltarem as costas ao gargalo da cisterna, fixando-me no qual observei que a armação da roldana fora coberta de verdura fazendo dossel a um altazinho iluminado a velas de cera onde estava o quer que fosse que a princípio me pareceu saladeira de tomates mas logo verifiquei ser uma grosseira escultura colorida representando em ponto pequeno a ensanguentada cabeça de São João Baptista dentro de um prato redondo.

– Nunca tinha visto aquela cabeça de São João Baptista – adverti a D. Sebastiana, ajuntando: – De forma que hoje é a sua inauguração?...

– Que inauguração é essa em que fala, Sr.

Carneiro! – atalhou D. Sebastiana muito secamente.

– Julgava...

– Pois julgava muito mal... bem se vê que o senhor não dispensa nenhuma atenção às santas imagens, senão já teria reconhecido a cabeça de São João Baptista que temos no oratório...

– Que lindo oratório! – observou uma senhora, minha vizinha, pavorosamente gorda, vestida de sangue de boi e com peças de oito mil réis pendentes das pulseiras; e, levantando progressivamente a voz, continuou: – Que riqueza nesta casa! Portas escancaradas, guardas-camas de fustão, leitos sem cabeceira. Meninos Jesus espantados!...

E a conversação generalizou-se.

– Mas, D. Sebastiana – reincidi, desconfiado – que singular maneira esta de comemorar uma degolação de santo!...

– Pois o senhor ignora que foi num banquete que Herodias pediu a seu padraсто a cabeça do grande Baptista?...

– A minha mãe foi criada com muito mimo – sotava a meu lado D. Joana, a senhora das peças, no mesmo progressivo tom de voz que terminava em verdadeiros gritos. – Era uma janota de Lagoa, saía sempre de capote de pano, que era o grande luxo das senhoras: as mais mulheres usavam capote de baetão... pois saía de capote de pano, com lenço de bobinete e pente grande...

À mesa de D. Faustina, a imponente esposa do governador civil, com bandós e ar de daguerreótipo, o busto a três quartos, perguntava-lhe:

– Mas ainda V. Exas. estão de luto? Julgava que já

tinha passado um ano depois da morte da sua mãe...

– Com efeito – reclarguiu D. Faustina – já passou um ano, mas lembrámo-nos que éramos muito pequeninas quando morreu o nosso pai e deitámos outra vez luto por ele...

– Ó D. Sebastiana – inquiri –, quem é aquele cavalleiro de suíças que está na mesa do Sr. Vigário Geral?

– O espanhol?

– Sim... parece espanhol.

– Espere lá... É o comendador... comendador... lá me esqueci... – Levantou-se e foi informar-se de Monsenhor.

– Toda a noite passeou – contava D. Joana, referindo-se a acontecimentos domésticos. – Toda a noite passeou da sala de visitas para a sala do chá e da sala do chá para a sala de visitas; ora para isto cachimbo de gesso!...

– É o comendador da Epidemia Colérica – segredava-me D. Sebastiana.

– Mas que ordem é essa?...

D. Sebastiana levantou-se para interrogar novamente o irmão.

– Ó Sr. Carneiro – bradou-me D. Prudência –, o jornal de hoje traz a notícia de ter morrido em Afife a Rosa Morena; quem era a Rosa Morena?...

– Não sei, minha senhora.

– É uma ordem muito nobre – voltava D. Sebastiana –, a ordem da Epidemia Colérica fundada pela Rainha D. Isabel II. Só tem seis comendadores...

– O Lourenço Pires afinal não morreu – disse alguém à minha mesa.

– O quê! não morreu? – gritou a dama das peças – e eu que já o tinha gabado!...

– Isto de criadas não há meio de as aturar e ainda menos de as conservar – explicava D. Faustina à esposa do governador civil. – Cá em casa há muito tempo que adoptamos o sistema de pendurar à chaminé da cozinha um par de calças usadas, de meu irmão, mas elas vão-se embora da mesma forma...

– O comboio – narrava a minha vizinha – pôs-se a andar de mansinho e diz o doutor: este andamento já é um bom trote...

Estávamos à sobremesa e de repente D. Sebastiana, que parecia muito inquieta e não cessava de trocar com as irmãs olhares misteriosos, levantou-se e dirigindo-se ao Vigário Geral:

– Agora o cafezinho bem forte, não é verdade?...

O Reverendo Padre bandeou a cabeça afirmativamente e num esboço de sorriso que deu factício brilho aos seus olhos de goraz sentido – releve-se-me a irreverência da imagem pela sua conscienciosa exactidão – mostrou as gengivas desdentadas e roxas.

– Pois eu mesma lho vou buscar, meu Reverendo Padre...

E D. Sebastiana dirigiu-se ao interior da casa de onde voltou minutos depois trazendo em salva de prata uma chávena cheia de café que ofereceu ao Vigário.

– Já está docinho e morninho como V. Exa. gosta, meu Reverendo Padre – e ficou-se com a salva na mão, resistindo às instâncias do Vigário que lha queria tomar e demorando-se até que ele emborcou a chávena.

Entanto durava esta operação, as atenções de D. Prudência e D. Faustina convergiam para o Vigário e dir-se-ia que as duas irmãs soltaram um profundo suspiro de alívio quando D. Sebastiana se retirou levando a chávena vazia, tão claramente lhes transpareceu no rosto uma igual expressão de contentamento.

Pouco depois, a convite de Monsenhor Simas, os convivas dispunham-se a visitar a cerca. D. Sebastiana ofereceu o braço ao decrépito Vigário e abrindo a marcha encaminhou-se para a escada no topo da qual e voltando-se para trás murmurou, relanceando os olhos sobre o companheiro:

– É mesmo um santinho... – e logo ajuntou mais alto, amparando o velho: – Não tenha medo, Reverendo Padre, que está em boas mãos...

– Não, filha, não tenho... – anuiu o Vigário. – Agora um passeiozinho faz-me bem: sinto o estômago demasiado cheio...

A passo de procissão nos metemos à cerca mas logo ao voltar o muro da varanda, divisámos, através de um emaranhado e velhíssimo jasmineiro de Itália, uma construção em forma de chalé que deu nas vistas de todos, graças à viva cor vermelha das suas telhas de Marselha.

– Aquilo o que é? – perguntou D. Joana. – Um pombal, uma capelinha?...

– Ai! que bonito!... – ajuntaram outras damas.

E D. Sebastiana, maliciosa:

– Aposto o que quiserem que não adivinham...

Ao tempo já nos havíamos aproximado da construção, a qual, pintada a cor-de-rosa, com duas aberturas circu-

lares sobre a porta, parecia uma caricatura colossal e de mau gosto da face humana desnarigada...

D. Sebastiana parou e repetiu:

– Ninguém adivinha!...

– Se tivesse uma cruz – gritou D. Joana – não restava dúvida que fosse capela.

– Também V. Exa. quer ver o que é, meu Reverendo Padre? – perguntou D. Sebastiana ao Vigário.

– Sim, filha... também tenho curiosidade...

Então D. Sebastiana tirou da algibeira uma chave prateada, abriu a porta lentamente, introduzindo acto contínuo o Vigário no pequeno recinto e conservando-se à entrada exclamou em tom vitorioso para a assistência:

– Agora já vêem o que é. Tinha ou não tinha razão para apostar que não adivinhavam?...

– Ah! já sei, é a casa para amassar o pão – clamou alegremente D. Joana.

O interior da pequena construção patenteou-se em todos os seus recessos e nós vimos que era uma privada com as comodidades e luxos modernos, inteira novidade, ao tempo, não só na capital do Algarve mas talvez também em todo o reino.

D. Sebastiana entrou dentro e encetou uma espécie de prelecção sobre o uso de diversos aparelhos que a compunham, abrindo e fechando torneiras, forçando o Vigário a sentar-se no banco furado, e por fim, pegando-lhe na mão, ajudou-o a puxar a corrente metálica, soltando a água do depósito superior que jorrou ruidosamente.

– É o sistema “dilúvio”, o mais aperfeiçoado que existe – rematou; e logo que o sussurro admirativo

dos convidados se extinguiu:

– Agora se V. Exa, meu Reverendo Padre, precisasse de vir aqui sozinho, já sabia como se havia de governar, não é verdade?...

– É verdade filha, é verdade... – obtemperou o Vigário – e o caso é que ou por sugestão do local ou por qualquer outro motivo... – do lugar onde eu me encontrava via-se o rosto do Vigário passar do amarelo ao verde e logo o ouvi gritando em tom lancinante:

Ai, ai!... – punha as mãos na barriga – ai que grande dor, ai! que eu não posso!...

– Sim, meu santinho?... – acudiu D. Sebastiana – pois é sentar-se já e agora deveras...

E levantando-lhe a batina imediatamente lhe desabotoou as cuecas de baetilha amarela e o acomodou, com grandes mostras de carinho, no buraco da retrete.

Mas o Vigário, seriamente indisposto, estorcia-se agarrando-se a D. Sebastiana, com grandes aflições.

– Isso não é nada... isso já passa... – amimava-o ela.

Mas não passava. O pobre velho arrancou em vômitos tremendos e já sem forças pendeu a cabeça no ombro de D. Sebastiana que ajoelhara e pedia socorro.

Então as outras manas acudiram em vozearia:

– Querem ver que foi de mais... Ai que desgraça... que grandíssima desgraça!... Ó Sr. Pedro Carneiro, por quem é veja se chama um médico porque o Sr. Vigário Geral está muito aflito...

– Mas por fim o que foi isto?... – inquiri com autoridade, percebendo, embora tarde, que assistia a uma nova cena de loucura colectiva semelhante às da minha chegada a Faro.

– Foi – explicavam as manas – o malvado

boticário que nos enganou... Nós para estrearmos dignamente a retrete, que custou mais de trezentos mil réis, pusemos tártaro emético no café do Reverendo Padre e, ou porque fosse de mais ou não sabemos, o pobrezinho está muito mal...

Corri à busca do médico e não voltei mais a casa de Monsenhor Simas. Soube depois que o Vigário estava em perigo de vida, mas na cidade ligava-se realmente pouca atenção à sua doença; a curiosidade pública estimulada por várias descrições de retrete, cuja riqueza exageravam, convergia para o que já se chamava o “monumento das manas Simas” e compreendi que apesar de tudo a cotação destas senhoras e do seu mano subira na estima e no respeito dos seus conterrâneos...

Robert Walser

O jantar

Tradução de José Maria Vieira Mendes

Robert Walser (1878-1956) nasceu em Biel, na Suíça. Abandonou os estudos aos catorze anos e trabalhou num Banco como escriturário, como mordomo num castelo e como assistente de um inventor antes de descobrir o que William Gass chama "a sua verdadeira profissão" – a loucura. Desde os vinte e um anos de idade, altura em que lhe foi (mal) diagnosticada uma esquizofrenia, até decidir internar-se em 1933, escreveu nove romances, de que restam quatro, entre eles *Jakob Von Gunten* (1908) e mais de mil contos e textos curtos. Em 1933 desistiu de escrever e internou-se num asilo psiquiátrico – onde ficou até morrer. "Não estou cá para escrever – disse – mas para ser louco". Kafka, Musil, Hermann Hesse e Walter Benjamin foram os poucos contemporâneos que o reconheceram e admiraram. Hoje é considerado um dos grandes escritores de língua alemã deste século.

O Jantar (Das Diner), publicado em 1923, foi tirado do VII volume das suas Obras Completas (*Das Gesamtwerke - Prosa aus des Bieler und Berner Zeit, 1921-1925*), ed. Helmud Kossodo, 1966.

Este jantar foi maravilhoso. Havia mostarda suficiente e tudo foi acompanhado com vinho do melhor. A sopa estava de facto um pouco espessa e o peixe não contribuiu para a conversa, mas ninguém lhe levou a mal. Garfos e colheres tagarelavam animadamente. Foram derramados sobre a mesa molhos que nos entusiasmarem, sobretudo a mim, que autenticamente brilhava e quase definhava com tanto prazer. Um assado bastante rijo e corajoso preocupava-se em preparar os dentes para o uso. Gostei dele. Entre outras coisas foi servido um pato. A dona da casa ria incessantemente, à socapa, e os criados tentavam encorajar-nos com palmadas no ombro.

Delicioso era também o queijo. Mal nos levantá-mos, voou um charuto para a boca de cada um e para cada mão uma chávena de café. A loiça desaparecia assim que ficava vazia. Enterrámo-nos até ao pescoço

em conversas espirituosas. O licor punha-nos a nadar por tempos mais bonitos e, quando uma cantora se fez ouvir, ficámos todos fora de nós. Depois de nos restabelecermos, sacudiu-nos com poemas um poeta. Mas apesar de tudo escorria ainda a cerveja e não houve quem deixasse de aproveitar.

Entre os convidados estava um congelado. Todos os esforços para o tentar reanimar foram em vão. Os vestidos das senhoras é que eram fantásticos, deixavam muito à vista e não sobrava nada para se desejar. Um dos convidados dava nas vistas por trazer uma coroa de louros que ninguém invejou. Um outro polemizou durante tanto tempo que a certa altura se viu isolado dado que já ninguém o aturava. Uns quantos músicos tocavam Mendelssohn e eram escutados com atenção. Alguém sacou de vários peitilhos, colarinhos e narizes, com uma velocidade impressionante. A brincadeira foi um pouco grosseira mas ninguém a tomou à letra. Um director de um teatro fantasiava dramas de esgotar plateias e um editor publicações capazes de marcar uma época.

Ao sair, depus na mão do criado uma nota de cem. Ele devolveu-ma dizendo que estava habituado a valores mais elevados. Pedi-lhe que se contentasse com menos, só desta vez. Lá fora esperava-me um carro que me levou dali, e assim fui e ainda hoje vou.

Heinrich Böll

As crianças também são civis

Tradução de José Lima

Heinrich Böll nasceu em 21 de Dezembro de 1917, em Colónia. Depois de concluir a escola secundária, sendo um dos poucos que não se inscreveu na Mocidade Hitleriana, foi convocado como soldado, tendo estado presente na frente soviética. Depois da guerra frequentou a universidade onde estudou germânicas. Os seus primeiros contos foram publicados em 1947. O primeiro romance *Der Zug war Pünktlich* (*O Comboio Chegou à Tabela*) é de 1949. A partir de 1952 dedicou-se inteiramente à escrita. Entre as suas obras contam-se: *Wanderer, kommst du nach Spa...* (*Caminhante, se fores a Spa...*) (1950), de onde foi retirado o conto aqui publicado, (no original *Auch Kinder sind Zivilisten*), *Wo Warst du Adam* (*Onde Estavas Tu, Adão*) (1951), *Und Sagte Kein einziges Wort* (*E Não Disse nem Uma Palavra*) (1953), *Gruppenbild mit Dame* (*Retrato de Grupo com Senhora*) (1971), *Die Verlorene Ehre der Katharina Blum* (*A Honra Perdida de Katharina Blum*) (1974).

Böll recebeu o Prémio Nobel de Literatura de 1972.

Morreu em 16 de Julho de 1985.

Num ensaio de 1952, Böll referia-se à sua obra como “literatura de ruínas”, uma corrente literária que tinha como temas a guerra, o regresso dos soldados à Alemanha e a reconstrução do após-guerra. Considerando ser missão do escritor agir como consciência social do seu tempo, tomou sempre partido a favor da liberdade individual, contra o perigo da escalada no armamento nuclear e contra os crescentes poderes do sistema de segurança do Estado.

– Não pode ser – disse o sentinela mal-humorado.
– Porquê? – perguntei.
– Porque é proibido.
– É proibido porquê?
– Porque é proibido, caraças. Os pacientes estão proibidos de sair.
– Mas eu... – respondi empertigado – Eu sou dos feridos.

O sentinela fitou-me com ar desdenhoso: “Deves estar mesmo ferido, senão sabias que os feridos também são pacientes. E agora toca a andar”.

Mas não conseguia perceber.

– Vê se compreendes – disse eu – Só queria ir ali comprar uns bolos àquela miudita.

Apontei para fora, onde se via uma miudita russa encantadora no meio do nevão, que andava a vender bolos.

– Vê mas é se vais para dentro!

A neve caía silenciosamente nas poças enormes que se viam pelo pátio da escola, a miúda continuava no mesmo sítio, paciente, e não parava de lançar o seu pregão em voz contida: “Polinhos... Polinhos...”

– Caramba – disse eu ao sentinela – já estou com água na boca, deixa lá entrar a miúda.

– É proibido deixar entrar civis.

– Caramba – disse eu – aquela miúda é uma criança.

Voltou a mirar-me com desdém. “E as crianças não são civis, ou quê?”

Era de desesperar, a rua escura, vazia, estava coberta de neve e a miúda continuava ali, sozinha, sem parar de apregoar: “Polinhos...”, apesar de não passar ninguém.

Encaminhei-me decidido para a saída, mas o sentinela agarrou-me rapidamente pela manga com ar furioso. “Caraças – gritou ele – Pára lá com isso, senão chamo o sargento”.

– Saíste-me um bom camelo – disse eu furibundo.

– Pois – disse o sentinela com satisfação – Basta uma pessoa ainda ter algum sentido do dever para vocês acharem que é um camelo.

Fiquei ainda um meio minuto à neve a ver os flocos brancos tornarem-se em lama; o pátio da escola estava cheio de poças entremeadas de algumas ilhotas brancas como açúcar em pó. De repente reparei que a miudita me piscava os olhos e começou a descer a rua com ar indiferente. Do lado de dentro do muro, fui-a seguindo.

– Rais me partam – pensava eu – Será que agora sou algum paciente? – E então apercebi-me de um pequeno buraco no muro junto ao urinol, e diante do

buraco lá estava a miudita com os bolos. O sentinela não nos podia ver. Que o *fiihrer* abençoe o teu sentido do dever, pensei eu.

O doces pareciam excelentes: bolos de amêndoa e biscoitos de manteiga, rosquilhas e bolinhos de noz, a cintilar de gordura. “Quanto custam?” – perguntei à miúda.

Ela sorriu, estendeu o cesto para mim e respondeu na sua vozinha fina: “Três marcos e mio cada em”

– Todos?

– Sim – respondeu com um aceno.

A neve caía-lhe sobre o cabelo fino, loiro, polvilhando-a de uma fugaz poeira prateada; o sorriso dela era verdadeiramente encantador. A rua sombria atrás dela estava deserta, e o mundo parecia morto...

Peguei numa rosquilha e saboreei-a. A amostra pareceu-me deliciosa, com recheio de maçapão. “Ah, pois – pensei – por isso é que são tão caras como o resto.”

A miudita sorria.

– Bom? – perguntou – Bom?

Limitei-me a acenar: o frio não me incomodava, tinha na cabeça uma espessa ligadura que me dava o aspecto de um Theodor Körner. Provei ainda um biscoito de manteiga e deixei aquela amostra deliciosa derreter-se na boca lentamente. E voltei a sentir a água na boca...

– Vá – disse em voz baixa – Fico com tudo, quantos tens aí?

Começou a contar atentamente com o indicador, delicado, pequeno, um bocadinho sujo, enquanto eu engolia um bolinho de noz. Estava tudo silencioso,

quase me dava a impressão que pairava no ar uma delicada teia silenciosa feita de flocos de neve. A menina contava com grande vagar, enganou-se umas duas vezes, e eu deixei-me ficar sem me mexer e comi mais dois bolos. Então ergueu os olhos subitamente para mim com um ar de grande susto, com as pupilas voltadas para o alto, o branco dos olhos com um véu de azul tão delicado como leite desnatado. Disse alguma coisa em russo como um gorjeio, mas eu encolhi os ombros com um sorriso e ela então baixou-se e escreveu com os dedinhos sujos o número 45 na neve; contei os meus tostões e disse: “Dá-me também o cesto, está bem?”

Concordou com um aceno e passou-me o cesto com cuidado através do buraco e eu estendi-lhe uma nota de duzentos marcos. Dinheiro é o que não nos falta, enquanto os russos têm de pagar setecentos marcos por um sobretudo, e nós há três meses que não víamos mais do que lama e sangue, umas quantas putas e dinheiro...

— Volta amanhã outra vez, está bem? — disse eu em voz baixa, mas ela já não me ouviu, tinha-se esgueirado num ápice e quando enfiei desolado a cabeça pela abertura no muro, já ela tinha desaparecido, e não vi mais do que a silenciosa rua russa, sombria e completamente deserta; as casas de telhados rasos cintilavam enquanto a neve as ia cobrindo. Deixei-me ficar um bom bocado como um animal que olhasse tristemente através das grades e quando me pareceu que o pescoço começava a ficar rígido, retirei de novo a cabeça para o interior da prisão.

E só então senti o fedor a mijo que vinha daquele

canto, e reparei que os bolos estavam todos cobertos de uma delicada capa de açúcar formada pela neve. Peguei desalentado no cesto e dirigi-me para o edifício; não sentia frio, tinha o ar de um Theodor Körner e podia ainda ficar mais uma hora à neve. Mas entrei, já que para algum lado tinha de ir. Temos sempre de ir para algum lado, essa é que é essa. Não podemos ficar para sempre especados na neve até que ela nos cubra. Temos de ir para algum lado, mesmo quando estamos feridos, numa terra estranha, soturna, tão sombria...

Nota do tradutor

Este conto foi extraído da 27.^a edição da coletânea *Wandever, kommst du nach Spa*, da editora DTV de Munique, sendo a edição original de 1950.

Não será difícil ao leitor depreender que a história se baseia na experiência do autor como soldado na frente russa durante a II Guerra Mundial. Talvez que alguém se interrogue sobre o sentido da alusão a Theodor Körner, e valerá assim a pena referir que se trata de uma figura bastante conhecida da história alemã, um poeta que escreveu e combateu contra a ocupação napoleónica (viveu de 1791 a 1813). Provavelmente, Böll alude ao aspecto que as ligaduras da cabeça dão ao personagem da história, a fazer lembrar as barretinas militares que se vêem na iconografia que consagrou esse herói alemão da época napoleónica.

Henry Maxwell

Peregrinação

Tradução de Luísa Costa Gomes

William Maxwell (1908- 2000) nasceu em Lincoln, no Illinois. Depois da morte precoce da mãe, o pai de Maxwell voltou a casar e a família mudou-se para Chicago. Maxwell estudou arte e literatura em Harvard. Começava, como ele próprio conta, uma carreira de Professor de Inglês na Universidade de Illinois quando decidiu que precisava de experiência para escrever e resolveu “ir para o mar”. Mas a escuna em que pretendia navegar estava parada há quatro anos por falta de fundos. “O capitão não fazia ideia de quando iria zarpar. E eu não fazia ideia de que três quartos da matéria de que ia precisar para o resto da minha vida de escritor, já estava à minha disposição.” Em 1933 desistiu do ensino e em 1936 entrou para o *New Yorker* como editor de ficção. Durante quarenta anos ajudou, deu trabalho e publicou todos os escritores maiores do seu tempo, entre eles Nabokov, Updike, Cheever e Eudora Welty. *The Pilgrimage*, de 1953, foi retirada da antologia *All the Days and Nights* (The Collected Stories).

Num Renault alugado, com toda a bagagem que podia caber exactamente à medida no banco de trás, Ray e Ellen Ormsby davam uma volta pela França. Até aí, incluía Vézelay, as aldeias na serra em Auvergne, as rosas e as ruínas romanas na Provence e os desfiladeiros do Tarn. Voltavam agora para Paris, por uma estrada que não era nem a mais directa nem especialmente turística, e que fora escolhida com um único fito — jantar no *Hôtel du Domino* em Périgueux. Os Richardsons, amigos íntimos dos Ormsbys na América, tinham insistido para que eles lá fossem. “O melhor jantar que já comi na vida”, dissera Jerry Richardson. “Todos os pratos eram qualquer coisa com trufas”. “E a sobremesa”, dissera Anne Richardson, “eram umas bolinhas de gelado de vários sabores num cestinho muito bonito feito de açúcar soprado”. Juntando as duas afirmações, Ray Ormsby teimava em pensar que o gelado também trazia tru-

fas e Ellen já desistira de lhe corrigir essa impressão.

Às sete da tarde, ainda estavam a sessenta e cinco quilómetros de Périgueux, numa estrada bastante secundária toda às curvas e começavam a ter fome. A paisagem aparecia dourada pela luz do fim da tarde. Ray ia a guiar. Ellen leu-lhe alto do *Guide Gastronomique de la France* o parágrafo sobre o Hôtel du Domino: “*Bel et confortable établissement à la renommée bien assise et que Mme Lasgrezas dirige avec beaucoup de bonheur. Grâce à un maître queux qualifié, vous y ferez un repas de grande classe qui vous sera servi dans une élégante salle à manger ou dans un délicieux jardin d'été...*”

À medida que iam passando de aldeia em aldeia viam, para além dos habituais anúncios do Cinzano e de Rasurel, reclames à *specialité* deste ou daquele *Hôtel des Sports* ou *de la Poste* ou *du Lion d'Or* – sempre com trufas. Em Montignac havia tantos letreiros destes, que Ellen disse nervosamente: “Achas que devíamos comer aqui?”.

– Não – disse Ray – Périgueux é que é. É a capital do Périgord, por isso deve ter a melhor comida.

À saída de Thenon tiveram um furo – o sétimo, em oito dias de viagem – e o rodado do pneu sobreselente estava em tão más condições que Ray teve medo de andar com o carro até a câmara de ar ser reparada e pôr outra vez o pneu. Eram cinco para as nove quando chegaram ao *Hôtel du Domino*, e estavam esfamados. Ray entrou e disseram-lhe que havia quartos. O carro foi conduzido à garagem do hotel e esvaziado do formidável volume da bagagem, e os Ormsby levados ao seu quarto no terceiro andar, que podia muito bem ser noutro hotel normal qualquer

em qualquer outro lugar em França. "O que me apetecia mesmo era a galinha assada e recheada com trufas", disse Ellen, do lavatório. "Mas se calhar demora muito".

– E então? – disse Ray – comemos outras coisas antes.

Abriu as portadas e descobriu que o quarto dava para um quadro de Dufy – a grande praça vazia cercada de edifícios de pedra, com a bandeira tricolor, para dar cor local, e o céu um azul denso de vitral. Doutra janela, numa volta das escadas, quando desciam para jantar, viram o jardim delicioso, mas estava escuro, e já não havia lá ninguém a comer. No fundo das escadas, pararam.

– Queriam o restaurante? – perguntou a rececionista e, quando assentiram, saiu de detrás do balcão de mogno e conduziu-os com importância pelo corredor. O chefe-de-mesa, de fato cinzento normal, esperava à porta da sala de jantar e sentou-os a uma mesa para dois. Depois deu-lhes o menu, com um floreado. Num relance, viram que o jantar lhes ia sair caro. Uma empregada trouxe pratos, copos, guardanapos, facas e garfos.

Enquanto Ellen lia o menu, Ray demorou-se a olhar a sala. A "*élégante salle à manger*" mais parecia o café de um hotel. Nem sequer havia toalhas nas mesas. As paredes tinham um tom deprimente de mostarda. Os olhos dele pousaram, enfim, num lambrim a meio altura, com um pontilhado castanho, a um palmo da cara dele. "Eis uma sala perfeita para uma pessoa se suicidar", disse, e pegou na ementa.

Pouco depois, disse:

– Não vejo o tal cestinho de gelado.

– Deve aí estar – disse Ellen – não te enerves.

– Então, onde? Mostra-me lá!

Percorreram juntos as duas colunas das sobremesas, sem encontrarem a maravilha em questão.

– O Jerry e a Anne estiveram cá uns dias – disse Ellen – se calhar comeram isso noutro restaurante qualquer.

Ray não podia aceitar esta explicação. “Foi no mesmo jantar, lembro-me nitidamente”. Revelou-se-lhe então o pleno horror de virem este caminho todo até Périgueux para comerem um jantar caríssimo no restaurante errado. Num suor frio, levantou-se da mesa.

– Mas onde é que vais? – perguntou Ellen.

– Eu venho já – disse, e saiu da sala de jantar. Em cima, no quarto, tirou o *Guide Michelin* do saco de lona. Tinha perdido completamente a fé no *Guide Gastronomique*, por causa da descrição da sala de jantar; a pessoa que o escrevera nunca pusera a vista em cima do *Hôtel du Domino*, nem sequer, provavelmente, em Périgueux. No *Michelin*, o restaurante do *Hôtel du Domino* tinha uma estrela, tal como o *Le Montaigne*, só que o *Le Montaigne* também tinha três pares de garfos e colheres cruzados e ele percebeu de repente, com a clareza terrível das memórias há muito submersas, enfim trazidas à superfície atravessando camada sobre camada de consciência, que fora no *Le Montaigne* e não no *Hôtel du Domino* que os Richardsons lhes tinham dito para comer. Pegou no casaco de Ellen e, ainda com o *Michelin* na mão, desceu outra vez para a sala de jantar.

– Trouxe o teu casaco – disse à Ellen, sentando-se

– Não é este restaurante.

– Não é agora! – disse Ellen – E mesmo que não seja, tenho absolutamente de comer qualquer coisa. Estou morta de fome, e já é muito tarde para irmos procurar...

– Não é longe – disse Ray – Anda lá. Olhou para a cara do chefe-de-mesa, que esperava, de lápis e bloco na mão que eles pedissem.

– Fala Inglês? – perguntou Ray.

Ele assentiu, e Ray descreveu o cestinho de açúcar soprado com gelado de diversos sabores.

– E um arquinho de açúcar soprado – disse Ellen.

Ele olhava-os sem expressão e Ray tentou de novo, mas desta vez falando devagar e distintamente.

– *Omelette*? – disse o chefe dos empregados.

– Não – gelado!

– *Glace* – disse Ellen.

– *Et du sucre* – disse Ray – *Une...* – entreolharam-se. Nem um nem outro se lembrava da palavra para “cesto”.

O chefe-de-mesa foi ao aparador e voltou com outro menu. “O menu dos gelados”, disse, frio.

– *Vanille* – leram – *chocolat, pistache, framboise, fraise, tutti-frutti, praliné...*

Mesmo que o cestinho de açúcar soprado constasse do menu des glaces (que não constava) eles já estavam num estado de agitação que não lhes permitia encontrá-lo – o Ray porque tinha medo que estivessem a cometer um erro irreparável jantando naquele restaurante e Ellen porque ele se estava a portar horivelmente mal.

– Viemos cá em peregrinação – disse ele ao chefe-de-mesa, numa voz tensa e exaltada que se ouvia na sala toda. – Temos uns amigos na América que comeram em Périgueux e é absolutamente

necessário que jantemos no sítio de que eles nos falaram.

— Este restaurante é muito bom — disse o empregado — Temos muitas *specialités*. *Foie gras truffé, poulet du Périgord noir, truffes sous la cendre...*

— Eu sei — disse Ray — mas parece que não é este. Levantou-se da cadeira e Ellen, abanando a cabeça — não valia a pena discutir quando ele ficava assim — também se levantou. Os outros clientes tinham-se voltado todos para observar.

— Venha — disse o chefe-de-mesa, agarrando Ray pelo cotovelo — ali no átrio há uma senhora que fala muito bem Inglês. Vai perceber o que é que o senhor quer.

No átrio, Ray contou de novo a sua história — que tinham vindo a Périgueux porque os amigos deles na América lhes tinham falado num certo restaurante aqui, e que tinham de encontrar esse e não outro qualquer. Pensavam que era o restaurante do *Hôtel du Domino*, mas já que o restaurante do *Hôtel du Domino* não tinha a sobremesa que os amigos na América lhes tinham especialmente recomendado, bolinhas de gelado num...

E a recepcionista, abrindo muito os olhos numa compreensão súbita, interrompeu:

— Querem trufas?

Cá fora, no passeio, tentando ler o mapa *Michelin* de Périgueux à fraca luz dum candeeiro muito alto, Ray disse :

— O *Le Montaigne* tem só uma estrela, como o *Hôtel du Domino*, mas também tem três pares de garfos e colheres, portanto deve ser melhor que o hotel.

— Os garfos e as colheres só querem dizer que é

um sítio confortável para comer – disse Ellen – Não tem nada a ver com a qualidade da comida. Não me interessa onde vamos comer, desde que eu não tenha de voltar àquele sítio.

Tinha olheiras do cansaço. Estava simultaneamente exasperada com ele e orgulhosa por ele insistir em ter aquilo que os trouxera ali, quando a maior parte das pessoas já teria desistido e aceitado o que havia. Andaram uns dois quarteirões e chegaram a uma outra praça. Ray fez parar um homem e uma mulher.

– *Pardon, m'sieur* – disse, tirando o chapéu – *Le restaurant La Montagne, c'est par là? – apontou – ou par là?*

– *La Montagne? Le restaurant La Montagne?* – disse o homem, na dúvida. – *Je regrette, mais je ne le connais pas.*

Ray abriu o *Michelin* e, à luz do letreiro de néon mais próximo, o homem e a mulher percorreram a página.

– *Ab, le Montaigne!* – exclamou, de repente, a mulher.

– *Oui, Le Montaigne* – disse Ray, assentindo. O homem apontou para o outro lado da praça.

Parado à porta do *Le Montaigne*, Ray teve outra vez dúvidas. Era bastante maior que o restaurante do *Hôtel du Domino*, mas parecia muito mais um bar que um restaurante de primeira. E também não tinha toalhas nas mesas. Um empregado aproximou-se enquanto estavam, indecisos, no passeio. Ray pediu para ver a ementa e o empregado desapareceu lá para dentro. Pouco depois, apareceu um segundo empregado. “*Le menu*”, disse ele, apontando para um cartaz de pé, a uns metros. O *Le Montaigne* tinha várias especialidades, na sua maioria *truffés*, mas não tinha a

sobremesa dos Richardsons.

— Não podíamos ir a um sítio qualquer e comer uma coisa normal? — disse Ellen. — Não me apetece estar agora a comer coisas complicadas.

Mas o Ray fizera uma descoberta. “O restaurante é lá em cima, disse”. “Isto aqui é um café, por isso é que não tem toalhas”.

Levando Ellen pela mão, começou a subir: o que se revelou ser uma escada de caracol. O segundo andar estava escuro. Ellen, convencida de que o restaurante já não estava a servir o jantar, recusou-se a ir mais longe, mas Ray continuou e ela, protestando, seguiu-o. O terceiro andar estava intensamente iluminado — e era, de facto, um restaurante, com toalhas de mesa brancas, cristais a brilhar, os tradicionais estofos de pelúcia vermelha escura e dois ou três clientes que se deixavam ficar à mesa. O chefe dos empregados, de *smoking*, conduziu-os à mesa e deu-lhes o mesmo menu que já tinham lido em baixo.

— Não vejo galinha assada recheada com trufas — disse Ellen.

— Tinha-me esquecido de que era isso que tu querias — disse Ray, com um assomo de má consciência.

— Tinham lá no *Domino*?

— Não, mas tinham *poulet noir* — e aqui nem isso têm.

— Desculpa — disse ele — Tens a certeza de que não têm mesmo? Percorreu a lista dos pratos com trufas e disse de repente — Cá está ela!

— Onde? — perguntou Ellen. Ele apontou para os *Tournedos aux truffes du Périgord*. — Isso não é galinha — disse Ellen.

— Então não é bom — disse Ray.

– Não é bom? – disse o chefe-de-mesa, indignado
– É *muito* bom! Os *tournedos aux truffes du Périgord* é uma *spécialité* do restaurante!

Só em parte conseguiram transmitir-lhe que não era isso que tinham querido dizer.

Não, não havia galinha assada recheada com trufas.

Não havia galinha de espécie nenhuma.

– Peço imensa desculpa – disse Ray, e levantou-se da cadeira.

Não tinha nada a certeza de que Ellen o acompanhasse de volta ao restaurante do *Hôtel du Domino*, mas ela foi. A mesa deles estava tal e qual a deixaram. Um empregado e o servente de cozinha, vendo-os entrar, bichanaram, espantados, entre si . O chefe-de-mesa não se chegou a eles durante uns minutos depois de eles se sentarem e Ray teve o cuidado de não olhar à volta.

– Achas que ele está zangado porque nos fomos embora? – perguntou Ellen.

Ray abanou a cabeça.

– Mas acho que ficou magoado connosco. Tem tanto orgulho em falar inglês e agora nunca mais estará seguro de saber falar, por nossa causa.

Mas ele acabou por se aproximar da mesa. Trocaram-se uns sorrisos amarelos e o menu foi apresentado pela segunda vez, sem o floreado.

– O que é *truffes sous la cendre*? – perguntou Ellen.

– Demora quarenta e cinco minutos – disse o empregado.

– O *foie gras truffé* – disse Ray – para dois.

– O *foie gras*, ok – disse o chefe-de-mesa – *Et ensuite?*

– *Oeufs en gelée* – disse Ellen.

– *Oeufs en gelée*, ok.

– *Le poulet noir* – disse Ray.

– *Le poulet noir*, ok.

– *Et deux Cinzano* – disse Ray, finalmente em terreno conhecido – *avec un morceau de glace et un zeste de citron. S’il vous plaît.*

Chegou o aperitivo, com gelo e casca de limão, mas a lista dos vinhos não foi apresentada, e Ray pediu-a à empregada. Ela falou ao chefe-de-mesa e os Ormsbys nunca mais a viram. Ele trouxe a lista dos vinhos e pediram o vinho branco seco *du pays* que ele recomendara e o jantar foi servido por um empregado tão jovem que Ray olhou para ele para ver se andava de calções.

O *pâté* era exactamente o que os Richardsons tinham dito que era e Ray, para compensar a mulher de tudo o que a fizera passar essa noite, deu-lhe um bocadinho do dele que ela, protestando, aceitou. O chefe-de-mesa parou junto deles e disse : É bom?

– Muito bom – disseram os dois ao mesmo tempo. Os *oeufs en gelée* chegaram e também eram muito bons, mas a questão era saber se eram melhores ou apenas tão bons como os que os Ormsbys tinham comido no restaurante de um hotel nas redondezas de Aix-en-Provence.

– Está bom? – perguntou o chefe-de-mesa.

– Muito bom – disseram – e o vinho também.

O rapaz trouxe o *poulet noir* – galinha guisada com um molho escuro de vinho da Madeira com trufas cortadas aos bocadinhos.

– Está bom? – perguntou Ray quando o empre-

gado acabara de a servir e Ellen provar a *pièce de résistance*.

– Muito bom – disse ela – mas não consigo sentir o sabor das trufas.

– Acho que sinto – disse ele, pouco depois.

– Se fosse galinha assada, seria talvez mais fácil sentir o sabor – disse Ellen.

– Tens a certeza de que os Richardsons comeram galinha assada recheada com trufas? – perguntou Ray.

– Julgo que sim – disse Ellen – De qualquer maneira, acho que li isso algures.

– Está bom? – perguntou o chefe-de-mesa, o empregado que os servia e o empregado que servia a mesa ao lado, todos em sucessão.

– Muito bom – disseram os Ormsbys.

Já que não podiam comer as tais bolinhas de gelado de vários sabores num cestinho de açúcar soprado e com um arquinho por cima como sobremesa, resolveram não comer sobremesa nenhuma. A refeição teve um fim abrupto com *café filtre*.

Como queriam andar um pouco antes de se irem deitar, ouviram música de baile na praça em que ficava o *Le Montaigne* e descobriram uma multidão, que celebrava a feira anual do Périgord. Havia uma orquestra de sete instrumentos num estrado, debaixo de um toldo e havia uns quantos pares a dançar na rua. E pouco depois, havia mais.

– Apetece-te dançar? – perguntou Ray.

O piso não era tão mau para dançar como ele esperara, e aconteceu-lhes uma coisa que nunca lhes acontecera antes em França – uma coisa extraordinária. Apesar da maneira como estavam vestidos e das caras deles e do *Michelin* que tinha na mão, os

olhos passavam constantemente por eles ou para além deles sem se pousarem. Dançando na rua, não despertaram a curiosidade e, na verdade, não suscitaram interesse de espécie nenhuma.

À meia noite, de pé na varanda do quarto, ainda ouviam a música, a uns quatrocentos metros.

– Que noite tão agradável! – disse Ellen. – Nunca me esquecerei de ter dançado na rua em Périgueux. Do cinema, umas quantas portas abaixo do *Hôtel du Domino*, saíram duas pessoas. E depois, mais umas quantas – um casal de namorados, uma mulher, um rapaz, uma mulher e um homem com uma criança a dormir.

– O *pâté* foi o melhor que já comi – disse Ellen.

– Os Richardsons devem ter comido no jardim – disse Ray – não sei se o jantar, no seu todo, terá sido assim tão bom – acrescentou, pensativo. E depois: – Acho que não precisamos de lhes dizer.

– Coitados dos donos do cinema – disse Ellen.

– Porque?

– Não veio ninguém ver o filme.

– Périgueux não deve ser vila que aguente um cinema – disse Ray.

– É isso – disse Ellen – Aqui, quando as pessoas querem descansar e divertir-se, tomam um *apéritif*, passeiam dum lado para o outro a apanhar o fresco da noite, dançam na rua, como as pessoas faziam antes de haver filmes. É uma civilização completamente diferente daquela a que estamos habituados. É outro mundo.

Entraram no quarto e fecharam as portadas. Uns

minutos depois, saiu mais gente do cinema, e depois ainda mais, e mais e depois foi jorrando uma multidão imensa e, caminhando com gravidade, como quem participasse numa procissão religiosa, dispersou-se pela praça.

José Cardoso Pires

O conto dos chineses

José Cardoso Pires (1925-1998). Nasceu em São João do Peso, Castelo Branco, mas é em Lisboa que passa a maior parte da sua vida, aí frequentando a escola primária e o liceu. Uma experiência profissional acidentada e variada faz dele sucessivamente agente de vendas e intérprete, tradutor, publicitário e jornalista. Coordena a revista *Almanaque*, onde colaboram Alexandre O'Neill, Vasco Pulido Valente, Abelaira, José Cutileiro, entre outros. Em 1967, funda e orienta *& Etc.*, "magazine das artes e do espectáculo" do *Jornal do Fundão*, coordenado por Vítor Silva Tavares. Dirigiu o suplemento literário do *Diário de Lisboa* e mais tarde o suplemento *A Mosca*, do mesmo jornal (1968).

A sua vida, como a sua obra, espelha a sua inquietação social e política, que lhe valeu a perseguição da ditadura salazarista e a apreensão de vários livros seus pela Pide.

Deixou uma extensa colaboração jornalística dispersa por vários jornais, portugueses e estrangeiros; teatro (como *O Render dos Heróis*); crónicas (*A Cavalho no Diabo*); romances (como *O Hóspede de Job*, premiado com o Prémio Camilo Castelo Branco; *Balada da Praia dos Cães*, que recebe o Grande Prémio do Romance; *O Delfim*, *Alexandra Alpha*, Prémio Especial da Associação de Críticos de São Paulo, Brasil); e alguns livros de contos, como *Caminheiros e Outros Contos*, *Jogos de Azar*, *A República dos Corvos*.

O conto que apresentamos neste número foi publicado pela primeira vez na revista *Almanaque*, em 1959, e mais tarde incluído no livro de contos *O Burro em Pé* (1979).

Na arrecadação das obras havia um telheiro e no telheiro um homem sentado à sombra, a comer. Esse homem, embora trabalhasse há muitos anos na cidade e a tivesse ajudado a construir, era no fundo um camponês. Tinha a pele escura dos cavadores de sol a sol e, como veremos, a voz demorada de quem foi criado longe de máquinas e confusões.

Estava ele sentado a mastigar, e a uma boa distância do barracão as filhas saltavam à corda. Eram duas, a mais velha e a mais nova. Assim como o homem vestia de lavado, gravata e relógio com fita de nastro, assim as crianças brincavam muito compostas, laço no cabelo, meias esticadas, porque era domingo e, além de domingo, festa de São João.

O homem via-as? Naquele momento não. Naquele momento estava só voltado para o horizonte da cidade, prédios ao alto, janelas no céu, e lá algures andava o pessoal da obra, era mais que certo: ser-

ventes, estucadores e mestres-carpinteiros, todos de taberna em taberna atrás dum pedreiro de concertina e flor na orelha. Mais que certo, pelo menos era o que acontecia todos os anos naquele dia. E ele, que era o guarda da obra, acompanhava-os em pensamento. Às vezes baixava os olhos para os dois queijos que tinha aos pés, num pedaço de jornal, mas logo a seguir via a fogueira quase morta, via a panela, a estrada, e ia por ali fora, entre quintas e poeira, e só descansava a vista na cidade, lá longe. Isto sem deixar de mastigar.

Comia lentamente, sem gosto, apenas para sustentar o corpo, e também nisso se parecia com os camponeses, que se alimentam, não comem. Um cavador mastigando em pleno descampado comeria decerto assim – com aquela mesma solidão; talhando à navalha na palma da mão, poupando o conduto, bebendo pela garrafa em goladas pensativas.

Ora aconteceu que, a meio da merenda, o guarda das obras avistou no horizonte duas sombras a caminharem em direcção ao telheiro. Deixou de prestar atenção à cidade, lá longe, e ficou-se a seguir a marcha dos dois estranhos. Vinham-se aproximando, aproximando, a ponto de se perceber que, coitados, arrastavam pesadas cargas com eles: malas. Daí a pouco já se distinguiam as feições, e o homem no telheiro pasmou: chineses – dois chineses brilhando ao sol.

Compreendeu então que se tratava de feirantes, destes que vendem carteirinhas lavradas e coisas de enfeitar raparigas. Antigamente havia-os por todo o lado mas hoje é curioso que se encontram muito raramente e cada dia menos. Foram para a terra deles, para a China, resolveu o guarda. Segundo consta já

não existe por lá a muralha dos mandarins de ouro de que tanto se falava.

Enfim, fosse como fosse, aqueles também eram chineses e andavam por cá. Traziam os chapéus na mão e enxugavam constantemente a testa com um lenço. Porquê, por causa do calor? E como é que duas criaturas assim sugadas, duas almas sem pinga de gordura, não é verdade?, como podem eles, chineses, ter suor para deitar cá para fora? Impossível, não se compreende.

Mas era assim, suavam. Passaram pelo telheiro, de orelha baixa e a assoprar com tanto calor, passaram e nem bom dia nem boa tarde. Mas dez passos adiante, se tanto, vai um deles segura o outro pelo braço e desata a falar numa linguagem que ninguém entendia: chinês. Pegaram-se em discussão, discussão mansa, conversa. Um tinha focinho de rato e dizia uma coisa, o outro tinha dentes de ouro e dizia outra.

Vendo um espectáculo daqueles, as crianças largaram a brincadeira e correram a pôr-se atrás deles, muito juntas. Riam à socapa, encolhiam-se, mordiam os dedos, perdidas de riso. E os chineses na conversa, sem darem por elas.

No telheiro, o guarda das obras ia cortando pedacinhos de queijo que levava à boca na folha da navalha, mas não perdia um som, um gesto deles. A dada altura um dos chineses tomou uma decisão. Na companhia do amigo entrou no telheiro e depois de ter desejado boa tarde ao homem que comia à maneira dos camponeses perguntou-lhe por qualquer taberna ou casa de pasto ali próxima.

“Não há perto? Não há?”

Aqui as filhas do guarda não puderam mais, romperam numa tal risota que tiveram de fugir para trás dum monte de falheiros.

“Meninas,” murmurou o visitante dos dentes de ouro; e abria um sorriso de moeda antiga. “As meninas.”

Claro que não dizia meninas como nós; dizia manine. Também não tinha dito, ao chegar, boa tarde; tinha dito bôla tarda. E assim por diante.

“Menina bonita,” repetiu voltando-se para o sítio onde as crianças estavam escondidas.

O guarda das obras ofereceu-lhes então da sua merenda e, com respeito a tabernas ou casas de pasto, explicou que por ali não havia nada, mas o que se pode dizer nada, a não ser, bem entendido, tijolos e poeira.

“E pão?,” perguntou, também a sorrir, o do focinho de rato. “Pode dispensar meio pão?”

“Arranja-se,” respondeu o guarda.

Pousou a navalha no jornal, ao lado do queijo, e foi à barraca dos mantimentos.

“Oh,” disse o Sorriso Dourado, vendo-o voltar com um pão de quilo. “Basta metade. Não vende metade?”

O guarda lembrou-se de que os chineses não são muito amigos de pão. De arroz, arroz sim, e com dois pausinhos. Pelo menos é o que se ouve dizer deles.

“Sentem-se,” disse. “Puxem essa tábua e metam-lhe dois tijolos por baixo.”

“Muito obrigado.”

“Sem cerimónia. Aqui ao menos há sombra.”

O do focinho de rato abriu um saquinho de moedas para pagar o pão e o companheiro tirou um

cartucho de figos secos. Foi a vez de perguntarem ao homem se era servido.

“Bom proveito. Se quiserem vinho, façam favor.”

Os visitantes recusaram a oferta com muitos agradecimentos e lançaram-se à comida. Vendo aqueles dois seres à volta de meio pão e de uma mancheia de figos, o guarda dizia lá com os seus botões: Não há dúvida, andam a juntar para a viagem. Isto por aqui já deu o que tinha a dar.

Muito calados, os chineses comiam com uma velocidade danada. Toupeiras, ratos, bichos miúdos, era o que eles lembravam a mastigar. Mas só as bocas mexiam; de resto estavam muito compostos, silenciosos, contemplando ora o chão onde assentavam os sapatos de lona, ora as pequeninas mãos com que agarravam o pão e que tremiam, tremiam. Era da idade, com toda a certeza; tremuras assim são próprias de quem já conta um bom par de anos e não devemos esquecer de que a idade nos chineses engana muito. Aquela cara lisa, a barba que bem dizer nem é barba é cabelo fraquito, verdadeira lã de rato, é que os faziam parecer mais novos – ou melhor: sem idade.

É isso, pensou o guarda das obras, estes chineses que ali estavam eram os últimos que ficaram por cá. Queriam voltar para a pátria lá deles, estava-se mesmo a ver, e não faziam senão bem porque pior do que aqui não seria possível, e a prova é que os outros tinham abalado todos. Estes é que já não eram crianças nenhuma e, coitados, ficaram para trás. O homem do telheiro perguntava a si mesmo há quanto tempo não andariam eles a juntar dinheiro para voltarem à terra.

“Comem um prato de caldo, não comem?”

“Obrigado,” disseram os visitantes, “muito obrigado.”

“Comem,” decidiu o guarda. “Um caldo até aos doentes faz bem.” Antes que lhe dessem resposta, pôs-se logo a espezitar a fogueira. Soprou forte, agachado diante do borralho, e agachado ficou todo o tempo em que a panela do caldo esteve ao lume a aquecer.

Cismava. Tinha tirado um palito de trás da orelha, revolvia-o nos dentes, preocupado com os chineses, com o muito trabalho que deviam ter em amealhar para tão longa jornada e, por último, imaginando a imensa muralha de mandarins, hoje destruída por guerras de milhares de anos. Viu ainda dragões, cobras de fogo, num céu reluzente de cetim como nas colchas dos ciganos de feira, mas torceu o nariz: dragões desses, se alguma vez existiram, já tinham sido varridos da face da China com certeza. E mandarins?, perguntava, sempre era verdade que havia mandarins com as tais unhas compridas que se viam nas gravuras?

Os chineses também pensavam. Com as mãos cruzadas diante das panças miúdas, olhavam uma a uma as malas do seu comércio, os cintos e as carteiras de cabedal penduradas numa viga de ferro. Isso queria dizer que, sentados na tábua, tão sérios e fitando tudo daquele modo, deitavam contas à vida.

Quando o guarda das obras achou que o caldo já estaria capaz de se comer foi buscar ao barracão pratos e colheres de folha e serviu os visitantes.

“Ih,” fez o Sorriso Dourado. “Muito caldo, patrão.”

“Qual muito nem meio muito,” disse o guarda.

E o Focinho de Rato: “Bom. Caldo bom, mas muito caldo.”

“Cheguem-lhe, é comê-lo enquanto está quente. Vocemecês ainda vão para muito longe?”

“ Linda-a-Pastora, patrão.”

“Diabo,” disse o guarda. “Daqui a Linda-a-Pastora é um pedaço. “

Focinho de Rato sorriu.

“Há festa lá, patrãozinho. Há baile, há barraquinha toda a noite.”

“Em Linda-a-Pastora? É possível, não digo que não. No dia de hoje há festa em toda a parte.” O guarda pôs os olhos na folha de jornal com os dois queijos: “Em toda a parte, digo bem.”

E com isto calou-se. Só voltou a falar depois de os visitantes acabarem a refeição e dessa vez para lhes dar a provar do queijo que estava em cima do jornal.

“É cabreiro, é de confiança.”

Como nem um nem outro aceitassem, o guarda das obras quis saber se seria por não gostarem de facto de queijo ou por desconhecem tal espécie. Podia dar-se o caso de na China não se fazer queijo de cabra, era uma razão.

“Faz, patrão. Faz de tudo. Queijo de cabra, queijo de vaca, queijo de toda a qualidade.”

“Também me parecia. Mais a mais o cabreiro que é fácil de fazer. Basta que haja cabras e pasto. O resto é fácil.” E dito isto, o guarda sorriu: “Já se vê, cabras há por toda a parte. Onde houver gado de saías há-de haver cabras por força.”

Os chineses a princípio não compreenderam

muito bem o que o guarda queria dizer mas passado um instante descobriram: falava das cabras-mulheres e não das cabras-cabras propriamente ditas. Então riram a bom rir.

“Mesma coisa que aqui, patrão. Mesma coisa, mesma coisa.”

“A mesma coisa não será bem. Sempre há-de haver as suas diferenças.” O guarda tinha-se posto muito sério. “Pelo menos em questão de comida tenho ouvido dizer que é diferente.”

“Comida?”

“Sim, parece que vocemecês comem ratos.”

“Oh,” disse o Focinho de Rato.

E o outro, Boca Dourada:

“Nossa gente come tudo. Come arroz, come pão, come peixe, come carne...”

“Ratos,” cortou muito pronto o homem do telheiro. “Ele sempre é verdade que na China se comem ratos?”

“Oh!”

“E baratas assadas? E andorinhas?”

“Oh!”

“O quê, não comem andorinhas? Pois garantiram-me que sim.”

“Nossa gente, patrão, come passarinho como o português. Patrão não gosta de passarinho?”

“Homem, nem se pergunta. Fritos em banha e com um copo para amortecer, não há petisco que se compare.”

O guarda sorria por dentro, com lume no olho. Estava a ver passarinhos a pingar no pão aos balcões das esplanadas de cana, fora de portas.

“Olhem, faz agora um ano comi eu lá na terra uma dúzia de pardais como há muito não tinha memória. É verdade. As mulheres a tirá-los da frigideira e mais adiante uma rede a caçar neles.”

Sabia muito de pássaros e principalmente de maneiras de os apanhar. Ali, na presença de dois chineses, explicou manhas, ensinou armadilhas e tudo quanto tinha aprendido sobre os pousios das aves e sobre as diversas formas de os comer regados a vinho fresco. Terminada a lição, os chineses levantaram-se:

“São horas.”

Pegaram então nas malas, abriram-nas em cima da tábua e, com uma troca de olhares, cada qual tirou um lápis pequenino que veio entregar ao homem do telheiro.

“Para as meninas. Para a escola delas.”

“Bom, nesse caso, muito agradecido.”

Um dos visitantes, Focinho de Rato, apontou qualquer coisa numa agenda. O companheiro leu, concordou, e o guarda, mordido pela curiosidade, estendeu o pescoço.

“Contas,” desculpou-se Focinho de Rato notando o interesse do homem pelo que estava no papel. Mostrou-lhe os gatafunhos: “Lápis, dois lápis...”

O homem caiu das nuvens. Nunca lhe passara pela cabeça que se pudesse escrever tanto e em tão poucos riscos.

“E o resto?,” perguntou. “Que diz o resto?”

“Diz *figo* ... Assim: *figo, cinco escudos*... Aqui está pão. Aqui onça de tabaco...”

Percebo, pensou o guarda. São as contas deles para a tal viagem.

“E por exemplo, *pássaro*? Como escrevem vocecês a palavra *pássaro*?”

“Papel,” pediu o Focinho de Rato. “Acabou-se o papel.”

O homem do telheiro não perdeu tempo, deu-lhe o caderno do registo das ferramentas.

“Assim. *Pássaro* escreve-se assim.”

A cada pergunta os visitantes sorriam. Lá adiante, na estrada, as pequenitas observavam, muito intrigadas, os três homens debaixo do telheiro entretidos com as letras chinesas.

“E *vinho*?”

“Vinho é assim. *Vinho*.”

Sorriso Dourado tirou então o lápis ao amigo e escreveu também os seus riscos.

“Que é?” perguntou o guarda.

Os chineses sorriram ainda mais.

“Boa festa,” disseram. “Dia Feliz.”

“Ah,” fez o guarda.

Pegou no caderno, mirou-o de todas as maneiras. E já os outros estavam de mala ao ombro para partir, ele continuava com os olhos naquilo, encadeado com as letras.

“Boa tarde,” despediram-se os chineses, um de cada vez. E o guarda das obras disse-lhes igualmente boa tarde, mas sem largar o caderno.

Lá os viu seguir muito dobrados com o peso das malas, muito pequenos. Ao passarem pelas crianças quiseram fazer-lhes uma festa mas elas fugiram-lhes com a cara.

“China,” gritou a mais velha, quando os dois já iam longe.

Virou-se para a irmã e riram ambas da partida. Depois deram as mãos e afastaram-se aos saltinhos compassados, cantarolando:

“Oh, oh, o maluco do chinês... oh, oh, o maluco do chinês...”

O pai não as ouvia. Sentado diante da garrafa e dos dois queijos cabreiros, estudava e tornava a estudar o caderno dos traços chineses. Lembravam-lhe a maneira como ele próprio, que não sabia escrever, apontava as suas coisas: um risco para cada saco de cimento, tantos quadrados para tantos milheiros de tijolo, uma cruz para as cargas de areia — e assim por diante.

“Como nós,” ia dizendo o guarda, “tal e qual como nós. No comer e em tudo.”

À sesta, deitado no fundo do telheiro, recordava ainda os chineses que o tinham visitado e, sem saber porquê, via-os cobertos de um brilho de ouro, vestidos com cabaias de dragões como os mágicos do circo. E sentindo o vento da tarde a trazer-lhe o cheiro da resina da lenha na fogueira, adormeceu a sonhar com passarinhos fritos, escorrendo sobre o pão.

Dino Buzzati

Escravo

Tradução de Clara Rowland

Dino Buzzati nasceu em San Pellegrino, província de Belluno, Itália, em 1906. Estudou Direito e foi durante toda a vida jornalista do *Corriere della Sera*, viajando como repórter de guerra. Morreu em 1972. Estreou-se em 1933 com *Barnabó delle Montagne*, um livro de contos, mas foi com o romance *O Deserto dos Tártaros*, publicado em 1940, que passou a ser conhecido e reconhecido em Itália. Foi também pintor. Frequentemente aproximado de Kafka, Buzzati trabalhou na ficção a introdução de um fantástico ou de um absurdo intimamente relacionados com o quotidiano, jogando muitas vezes com a forma breve do conto, com "a estrutura breve e ágil" da narração curta.

Escravo (Schiavo) faz parte do livro de contos de Buzzati, *Il Colombre*, de 1966.

Não por ter tido algum cuidado especial, e sim por mero acaso, ao rodar a chave na porta de casa Luigi não fez barulho nenhum.

Aproveitou a situação, pelo prazer de fazer uma surpresa, avançando com passos prudentes e silenciosos.

Assim que entrou, intuiu que Clara estava em casa. Nisso nunca se enganava. Por alguma razão, a presença da mulher transformava o ambiente. Sentiu-se aliviado. Amava-a tanto que de cada vez que regressava a casa, por mais absurdo que pudesse ser, era tomado pelo medo de que, entretanto, ela tivesse partido para sempre.

Passou, sem o fazer ranger, pelo soalho de madeira da entrada e com menor risco avançou sobre os azulejos do corredor. Muito lentamente esticou o pescoço para explorar a cozinha.

Lá estava a Clara. Via-a de costas, a menos de dois

metros. De pé, sem suspeitar da presença de Luigi, estava a preparar uma coisa qualquer em cima da mesa. Pela expressão da nuca percebeu que ela sorria. Que querida, que criatura maravilhosa. Seria com certeza um dos pratos que ele preferia, e ela estava feliz saboreando de antemão a satisfação dele.

De repente ela virou-se de lado, agora Luigi podia vê-la a três quartos. Via-lhe a curva tensa da face, a extremidade das pestanas, a ponta do nariz tão gracioso e impertinente, o começo dos lábios: que, efetivamente, se contraíam num sorriso (ou seria o esforço da atenção?).

Do rosto adorado, fez descer o olhar até às mãos dela, agora visíveis. Luigi pôde então observar o que Clara estava a fazer.

Sobre um tabuleiro coberto por um pano de renda estavam geometricamente dispostos uma dúzia de biscoitos de massa quebrada que tinham, no meio, uma cereja cristalizada: precisamente os biscoitos que ele tanto gostava de comer. Pareciam prontos. Porém Clara continuava a mexer-lhes, como para lhes dar um último retoque.

Que operação tão curiosa. Com dois dedos da mão esquerda levantava as cerejas cristalizadas, e ali, de uma espécie de tubo ou frasco que segurava na mão direita, deixava cair — pelo menos foi o que lhe pareceu — uma pitada de um pó claro. Feito isso, voltava a pôr no seu lugar a cereja, fazendo pressão sobre a massa quebrada.

Como o amava, a Clara. Que mulher poderia alguma vez ter por ele, um homem já velho e de aspecto bastante esquelético, tantas atenções

Não por ter tido algum cuidado especial, e sim por mero acaso, ao rodar a chave na porta de casa Luigi não fez barulho nenhum.

Aproveitou a situação, pelo prazer de fazer uma surpresa, avançando com passos prudentes e silenciosos.

Assim que entrou, intuiu que Clara estava em casa. Nisso nunca se enganava. Por alguma razão, a presença da mulher transformava o ambiente. Sentiu-se aliviado. Amava-a tanto que de cada vez que regressava a casa, por mais absurdo que pudesse ser, era tomado pelo medo de que, entretanto, ela tivesse partido para sempre.

Passou, sem o fazer ranger, pelo soalho de madeira da entrada e com menor risco avançou sobre os azulejos do corredor. Muito lentamente esticou o pescoço para explorar a cozinha.

Lá estava a Clara. Via-a de costas, a menos de dois

metros. De pé, sem suspeitar da presença de Luigi, estava a preparar uma coisa qualquer em cima da mesa. Pela expressão da nuca percebeu que ela sorria. Que querida, que criatura maravilhosa. Seria com certeza um dos pratos que ele preferia, e ela estava feliz saboreando de antemão a satisfação dele.

De repente ela virou-se de lado, agora Luigi podia vê-la a três quartos. Via-lhe a curva tensa da face, a extremidade das pestanas, a ponta do nariz tão gracioso e impertinente, o começo dos lábios: que, efetivamente, se contraiam num sorriso (ou seria o esforço da atenção?).

Do rosto adorado, fez descer o olhar até às mãos dela, agora visíveis. Luigi pôde então observar o que Clara estava a fazer.

Sobre um tabuleiro coberto por um pano de renda estavam geometricamente dispostos uma dúzia de biscoitos de massa quebrada que tinham, no meio, uma cereja cristalizada: precisamente os biscoitos que ele tanto gostava de comer. Pareciam prontos. Porém Clara continuava a mexer-lhes, como para lhes dar um último retoque.

Que operação tão curiosa. Com dois dedos da mão esquerda levantava as cerejas cristalizadas, e ali, de uma espécie de tubo ou frasco que segurava na mão direita, deixava cair — pelo menos foi o que lhe pareceu — uma pitada de um pó claro. Feito isso, voltava a pôr no seu lugar a cereja, fazendo pressão sobre a massa quebrada.

Como o amava, a Clara. Que mulher poderia alguma vez ter por ele, um homem já velho e de aspecto bastante esquelético, tantas atenções

amorosas? E que rapariga esplêndida, que mulher chique e interessante, não era de admirar que todos tivessem inveja dele.

Meditando sobre a sua sorte quase inacreditável, Luigi estava prestes a revelar a sua presença quando foi atraído pela excepcional concentração de Clara, na qual havia — só agora o notava — algo de furtivo, como se fizesse uma coisa proibida. E de repente — quase como um raio numa manhã de sol — uma horrível suspeita apoderou-se dele: e se o pó contido no frasco fosse veneno?

No mesmo instante, através de uma associação de ideias fulminante, vieram-lhe à cabeça inúmeros episódios insignificantes de que ele nunca tinha feito caso mas que agora, relacionando-os, ganhavam um sabor inquietante. Certas atitudes frias, certos actos de enfado, certos olhares ambíguos, certas insistências insólitas à mesa para que ele comesse mais, repetisse este ou aquele prato.

Com um movimento de indignação, Luigi tenta afastar o monstruoso pensamento. Como conceber semelhante absurdo? Mas a ideia regressa com um ímpeto ainda mais maligno. Não só: de repente as relações entre ele e Clara apresentam-se sob um aspecto novo, que nunca tinha considerado. Será possível que uma mulher como Clara o ame verdadeiramente? Que razão, senão o interesse, pode mantê-la a seu lado? Em que consistem as provas do seu afecto? Os mimos, os sorrisinhos, as atenções gastronómicas? É tão fácil, para uma mulher, simular. E a impaciente espera de uma lauta herança, numa situação como a

dela, não será até instintiva?

Neste momento exacto Luigi suspira, ela vira-se subitamente e durante uma mínima fracção de segundo, mas talvez até menos, talvez até nem seja verdade, talvez seja apenas um jogo da imaginação demasiado activa, o rosto amado tem uma expressão de terror, mas de imediato, com uma velocidade incrível, recompõe-se, abrindo-se novamente ao sorriso.

— Credo, meteste-me cá um medo! — exclama Clara. — Mas porque é que pregas estas partidas, querido?

Ele: — O que é que estavas a fazer?

— Não estás a ver? Os teus biscoitos...

— E o que é esse frasco?

— Frasco? — Clara mostra as mãos abertas para deixar ver que não tem nada, o tubo desapareceu não se sabe como.

— Sim, aquele pó que estavas a pôr...

— Pó? O que é que imaginaste, querido? Estava a endireitar as cerejas cristalizadas... Mas diz-me: o que disse o médico?

— Nem sei, tenho a impressão de que ele não percebe muito disto... gastrite, diz ele... colecistite... Mas o facto é que as dores não passam... e eu cada dia me sinto mais fraco.

— Os homens! Um dói-dói de nada e deixam-se logo ir abaixo...Vá, coragem, já tiveste pequenos problemas como este no passado.

— Fortes como agora, nunca.

— Mas, querido, se fosse alguma coisa grave começarias a perder o apetite.

Ele perscruta-a, ouve-a. Não. É impossível que

mintar, é impossível que esteja a representar. Mas o frasco, ou o tubo, e ele viu-o claramente, aonde é que foi parar? Com a rapidez de um prestidigitador Clara conseguiu escondê-lo na roupa? Não está em cima da mesa, nem nos outros móveis, nem no chão, nem no caixote do lixo.

Interroga-se agora: e porque havia Clara de querer envenenar-me? Para herdar? Mas como é que ela sabe que eu fiz dela minha herdeira universal? Nunca lhe disse nem uma palavra sobre isso. E ela não leu o testamento.

Será que não o leu? Uma nova dúvida. Luigi apressa-se para o escritório, abre uma gaveta, da gaveta tira uma caixa, da caixa um envelope fechado em que está escrito: testamento.

O envelope está fechado. Mas Luigi aproxima-o do candeeiro para ver melhor. É estranho, em contraluz nota-se uma mancha que corresponde à parte móvel: como se o envelope tivesse sido aberto com vapor e de novo fechado com cola.

Sente-se invadir pela angústia. Medo de morrer? Medo de ser morto? Não, pior. É o terror de perder a Clara. Porque Luigi percebe que ela o quer matar. E é fatal que ele reaja de alguma maneira. Desmascará-la? Denunciá-la? Mandá-la prender? A relação será destruída, aconteça o que acontecer. Mas sem ela, sem Clara, como poderá Luigi viver?

Necessidade frenética de falar com ela, de conseguir uma explicação. Ao mesmo tempo, a obstinada esperança de se ter enganado, de que tudo não passe de uma mania, de que o veneno não exista (mas dentro de si sabe perfeitamente que existe).

– Clara! – chamou.

A voz dela da sala: – Anda, Luigi, a comida já está na mesa.

– Vou já – respondeu, passou para a sala de jantar e sentou-se. Havia na mesa uma sopa de arroz com tomate.

– Clara – disse.

– O que foi? – respondeu ela com um sorriso.

– Tenho de te dizer uma coisa.

– Estás tão misterioso.

– Há pouco, quando entrei, e tu estavas a fazer os biscoitos, e te vi... bem, preciso de te dizer, preciso absolutamente...

Ela olhou para ele sempre a sorrir: era inocência? era medo? era ironia?

– Quando entrei – continuou – vi que estavas a cozinhar e tinhas na mão uma coisa, uma espécie de frasquinho, e pareceu-me que com isso estavas a pôr alguma coisa em cima dos bolos.

– Tiveste alucinações – disse ela, tranquilíssima.

– Ainda bem.

– Porquê ainda bem? – A sua voz tinha um tom de verdade tão absoluta que ele se perguntou se por acaso não teria sonhado. Mas o orgasmo aproximava-se.

– Olha, Clara, eu não fico de bem comigo se não te disser tudo... Quando te vi a fazer aquilo...

– Mas aquilo o quê? Tu estás a sonhar...

– Deixa-me falar... Por um momento... eu sei que é ridículo – por dentro tremia, aproximando-se o momento inevitável, aquela era talvez a última vez que falava com Clara, a última vez que a via, e a ideia enlouquecia-o; mas ficar calado era impossível – por

um momento... uma ideia absurda... não olhes para mim assim... prefiro ser sincero... tive a suspeita de que tu...

– De que eu o quê? – e o sorriso transformava-se num riso aberto.

– Dá vontade de rir, eu sei... a suspeita, imagina, de que tu me querias envenenar...

De olhos nos seus, Clara continuava a rir mas não era um riso de alegria, era gélido, era uma lâmina de metal afiado. Depois cerrou os dentes; e a voz estava carregada de ódio.

– Ah então é assim, é? Chegámos a este ponto? É esta a confiança que tens em mim... É este o teu amor... Tenho andado a observar-te... E eu a fazer-te biscoitos ... E agora estão envenenados, é?

Estava já vencido: – Ouve Clara não fiques assim, não...

– Então estão envenenados? Tens medo de que te façam dói-dói, é? E sabes o que é que eu vou fazer? Vou deitá-los ao lixo! – levantando-se da mesa pegou no tabuleiro com os biscoitos e encaminhou-se para a cozinha, falando cada vez mais alto. – Vou deitá-los ao lixo!... Mas não fico nem mais um minuto nesta casa! Já estou farta disto há muito tempo! Vou-me embora vou-me embora! E Deus queira que nunca mais te volte a ver!

Tomado pelo terror, Luigi seguiu-a: – Não, Clara, peço-te por tudo, não fiques assim, estava a brincar, por favor, dá-me esses biscoitos!

– Não – disse – agora não tos dou, mesmo que morras.

Para a reter, agarrou-a pela cintura. Ela parou, impassível.

– Vá lá, dá-me os biscoitos.

Clara virou-se, segurando ao alto o tabuleiro. Ele esticou o braço.

– Já te disse que nãããão! Vou deitá-los fora... E depois vou-me embora, percebes ou não?

Ele caiu de joelhos, abraçando-lhe as pernas: – Clara, por favor – gemia – não podes ir embora assim, não podes, Clara tem piedade, dá-me os biscoitos.

– Pede-me perdão – disse ela, vitoriosa, sempre com o tabuleiro ao alto.

– Sim. Clara, perdoa-me.

– Diz ‘perdoa-me’ três vezes.

– Perdoa-me, perdoa-me, perdoa-me.

– Dou-te um – disse a mulher.

– Não, quero comê-los todos.

– Vá, então come, mas de joelhos – e baixou o tabuleiro.

Clara ainda estava ali, Clara não se iria embora. Com um alívio abjecto no coração, Luigi tirou um biscoito e deu-lhe uma dentada voraz. Era um paraíso, a morte, porque a recebia dela.

Woody Allen

Sim, mas a máquina a vapor faz isto?

Tradução de Luísa Costa Gomes

Woody Allen nasceu em Brooklyn em 1 de Dezembro de 1935. Depois de ter sido expulso da New York University e do City College iniciou a sua carreira como escritor para televisão e para comediantes de *stand up*. Só em 1964 passou a interpretar os seus próprios textos. O sucesso do seu primeiro guião, escrito em 1964, *What's New, Pussycat?*, filme com Peter Sellers e Romy Schneider, deu-lhe a possibilidade de continuar a escrever para cinema. Argumentista e realizador dos seus próprios filmes, Woody Allen escreve também regularmente para o *New Yorker* e outros jornais e revistas.

The Complete Prose of Woody Allen, publicada pela Wings Books (Random House) em 1991, reúne os seus livros *Without Feathers* (Sem Penas, Bertrand, 1981), *Getting Even* (Para Acabar de Vez com a Cultura, Bertrand, Esgotado) e *Side Effects* (Efeitos Secundários, Bertrand, 1983).

O conto aqui publicado (*Yes, But can the Steam Engine do This?*), em nova tradução, é retirado de *Getting Even* (1966).

Folheava uma revista, enquanto esperava que o Joseph K., o meu bigle, saísse da habitual hora de cinquenta minutos com um psicanalista de Park Avenue – um veterinário Junguiano que, por cinquenta dólares a sessão, trabalha com galhardia para o convencer de que o facto de ter umas pelancas na queixada, não o põem em desvantagem na sociedade – quando deparei com uma frase no fim da página que me saltou à vista com a força do extracto duma conta a descoberto. Era apenas mais uma, entre tantas dessas curiosidades de tablóide, com um título do género “Historiogramas” ou “Aposto que não sabia”, mas a sua grandeza fez-me estremecer com a potência dos primeiros acordes da *Nona* de Beethoven. “A sanduíche” dizia “foi inventada pelo Conde de Sanduíche. Completamente azamboado pela notícia, li-a mais uma vez e fiquei todo a tremer. O meu espírito agitava-se, num turbilhão, imaginan-

do os sonhos imensos, as esperanças e obstáculos que devem ter acompanhado a invenção da primeira sanduíche. Os olhos marejaram-se-me enquanto olhava pela janela para as torres cintilantes da cidade, e tive uma sensação de eternidade, maravilhando-me com o lugar insubstituível do Homem no Universo. O Homem, inventor! Erguiam-se diante de mim os cadernos de Da Vinci – corajosos protótipos das mais altas aspirações da raça humana. Pensei em Aristóteles, Dante, Shakespeare, O Primeiro Fólio. Newton. No *Messias* de Handel. Impressionismo. Edison. Cubismo. Stravisnky. $E=mc^2$...

Firmemente agarrado à imagem mental da primeira sanduíche exposta numa vitrina do Museu Britânico, passei os três meses seguintes a reunir material para uma breve biografia do seu grande inventor, Sua Incelência, o Conde. Embora a minha preparação em História seja um tanto tremida, e a minha capacidade para ficcionar deixe facilmente a milhas a de um flipado normal, espero ao menos ter captado a essência deste génio incompreendido, e que estas escassas notas inspirem um historiador autêntico a continuar o que comecei.

1718 – Nasce o Conde de Sanduíche de pais de classe alta. O pai fica contentíssimo ao ser nomeado alveitar-mor de Sua Majestade o Rei – posição que ocupará alguns anos, até descobrir que afinal é um ferrador de cavalos e demitir-se, amargurado. A mãe é uma simples *hausfrau* de ascendência alemã, cuja ementa sem surpresas consiste essencialmente em

toucinho e papas de aveia, embora mostre algum talento para a imaginação culinária na habilidade que tem para cozinhar um *sillabub* bastante passável.

1725-35 – Frequenta a escola, onde aprende Equitação e Latim. Aí, tem o seu primeiro contacto com as carnes frias e revela um interesse fora do comum por fatias muito finas de carne assada e de presunto. Pelo final do curso, já isto se tinha transformado numa obsessão, e embora o seu artigo “Análise e Fenómenos Conexos da Refeição Ligeira” provoque algum interesse entre os membros da Faculdade, os colegas acham o Conde bizarro.

1736 – Entra para a Universidade de Cambridge, a mando de seus pais, para estudar Retórica e Metafísica, mas mostra pouco entusiasmo por ambas. Em revolta constante contra tudo o que seja académico, é acusado de roubar pães e de fazer com eles experiências contra natura. Acusações de heresia resultam em expulsão.

1738 – Repudiado, parte para os países escandinavos, onde passa três anos em intensa investigação sobre queijo. Fica impressionado com as muitas variedades de sardinhas que encontra e escreve no caderno: “Estou convencido de que há uma realidade duradoura, para além de tudo o que foi alcançado pelo Homem até hoje, na justaposição de comidas. Simplificar, simplificar”. Ao regressar a Inglaterra, conhece Nell Benchata, filha de um vendedor de legumes, e casam. Ela ensinar-lhe-á tudo sobre alface.

1741 – Vivendo no campo, dos proventos duma pequena herança, trabalha dia e noite, poupando muitas vezes nas refeições para ter dinheiro para comprar comida. A sua primeira obra acabada – uma fatia de pão, com uma fatia de pão por cima, e uma fatia de peru em cima das duas – é um rotundo fracasso. Muito desiludido, amargurado, regressa ao *atelier* e recomeça tudo do princípio.

1745 – Após quatro anos de trabalho frenético, convence-se de que está no limiar do sucesso. Exibe diante de seus pares duas fatias de peru com uma fatia de pão no meio. O seu trabalho é rejeitado por todos, excepto David Hume, que pressente a iminência de algo de grandioso e o encoraja. Animado pela amizade do filósofo, volta ao trabalho com vigor renovado.

1747 – Na penúria, já não tem meios para trabalhar em carne assada ou peru e volta-se para o presunto, que é mais barato.

1750 – Na Primavera, exhibe e faz a demonstração de três fatias de presunto consecutivas umas por cima das outras; suscita algum interesse, sobretudo nos círculos de intelectuais, mas o público em geral permanece indiferente. Três fatias de pão justapostas aumentam a sua reputação, e apesar de não ser ainda evidente um estilo maduro, Voltaire manda chamá-lo.

1751 – Viagens a França, onde o dramaturgo e filósofo conseguiu resultados interessantes com pão e

maionese. Os dois homens ficam amigos e iniciam uma correspondência que terminará abruptamente quando se acabam os selos a Voltaire.

1758 – A aceitação cada vez maior dos comentadores fá-lo conseguir que a Rainha lhe encomende “algo de especial” para um almoço de gala com o Embaixador espanhol. Trabalha noite e dia, rasgando centenas de projectos, mas enfim – às 4 horas e 17 minutos do dia 27 de Abril de 1758 – cria uma obra que consiste em várias tiras de presunto envoltas, por cima e por baixo, em duas fatias de pão de centeio. Num rasgo de inspiração, guarnece a obra com mostarda. Causa logo sensação, e encarregam-no de preparar todos os almoços de sábado para o resto do ano.

1760 – Os êxitos sucedem-se, criando “sanduíches”, como se chamam em sua honra, de carne assada, frango, língua, e quase todas as carnes frias que imaginar se possa. Não se contentando em repetir fórmulas já gastas, procura novas ideias e engendra o “combinado”, pelo qual recebe a Ordem da Jarreteira.

1769 – Vivendo numa propriedade de província, visitam-no as grandes figuras do século; Haydn, Kant, Rousseau e Ben Franklin passam por sua casa, e alguns deles deliciam-se com as suas notáveis criações ali mesmo à mesa, outros mandam embrulhar.

1778 – Embora fisicamente envelhecido ainda luta por encontrar novas formas e escreve no seu diário: “Trabalho longamente pelas frias noites adentro e

agora torro tudo, num esforço para me manter quente”. Mais tarde, nesse ano, a sua sanduíche aberta de carne assada quente faz escândalo pela sua crueza.

1783 – Para comemorar o sexagésimo quinto aniversário, inventa o hamburguer e parte para uma tournée das grandes capitais do mundo, fazendo hamburguers em salas de concerto para grandes públicos, sendo bem recebido. Na Alemanha, Goethe sugere que os sirva em pãezinhos – uma ideia que encanta o Conde e do autor do Fausto, diz: “Este Goethe é um companheiro!”. O comentário encanta Goethe, embora rompam intelectualmente no ano seguinte por causa do conceito de mal passado, médio e bem passado.

1790 – Numa exposição retrospectiva do seu trabalho em Londres, adoece de repente com dores no peito e pensa-se que está à morte, mas recupera ainda o suficiente para dirigir a construção de uma hiper-super-maxi sanduíche por um grupo de discípulos cheios de talento. A sua inauguração em Itália causa um motim, e mantém-se incompreendida por todos, fora alguns críticos.

1792 - Apanha um *genu varum*, ou joelho canejo, que não consegue tratar a tempo e morre a dormir. Foi a sepultar na Abadia de Westminster, acompanhado de milhares que o choram. No seu funeral, o grande poeta alemão Hölderlin resume os feitos dele sem dissimular a reverência: “Libertou a Humanidade do almoço. Devemos-lhe muito”.

Graham Greene

Os japoneses invisíveis

Tradução de José Lima

Graham Greene nasceu em Berkhamsted, Hertfordshire, Inglaterra, em 1904. Começou a escrever desde muito novo para jornais e revistas universitárias. Em 1926 mudou-se para Londres, tendo trabalhado no *The Times* e outros jornais. Durante a Guerra trabalhou para o serviço de informações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e foi destacado para a África Ocidental, que viria a servir-lhe de cenário para *The Heart of the Matter*. Viajou como jornalista por vários países, incluindo o México onde se deslocara para estudar as perseguições religiosas que aí tinham lugar, escrevendo depois *O Poder e a Glória* (1940). É autor de vários romances bem conhecidos e traduzidos em muitíssimas línguas: *Brighton Rock* (1938); *The Third Man*, 1949; *O Fim da Aventura* (1951); *O Americano Tranquilo* (1955); *O Nosso Homem em Havana* (1958); *The Human Factor* (1978), entre outros.

Graham Greene morreu em 1991.

Extremamente versátil, romancista e contista brilhante, foi ainda dramaturgo e escreveu guiões e centenas de críticas de cinema e teatro. O conto que publicamos (no original, *The Invisible Japanese Gentlemen*) foi tirado do livro *May We Borrow Your Husband?* (1967), seleccionado por Malcolm Bradbury para a pequena antologia *Modern British Short Stories*, publicada pela Penguin em 1987.

Havia oito japoneses a jantar peixe no Bentley's. Falavam raramente entre si na sua língua incompreensível, mas sempre com um sorriso cortês e muitas vezes com uma pequena vénia. Salvo um, todos usavam óculos. De vez em quando a bonita rapariga sentada junto à janela seguinte passava os olhos por eles, mas o seu próprio problema parecia-lhe demasiado sério para prestar verdadeira atenção a mais alguém que não fosse ela e o seu acompanhante.

Tinha cabelos loiros finos e a cara era bonita e *petite* à maneira da Regência, oval como uma miniatura, embora tivesse um modo áspero de falar – talvez a pronúncia da escola, o colégio feminino de Roedan ou de Chetenham, que não deixara há muito tempo. Usava um anel masculino de brasão no dedo anelar, e quando eu estava a sentar-me com os japoneses de permeio, ela dizia: “Como vês podíamos casar na semana que vem”.

— Sim?

O companheiro parecia um pouco perdido. Encheu os dois copos com Chablis e disse: “É verdade, mas a Mãe...”. Depois perdi parte da conversa, porque o mais velho dos senhores japoneses debruçou-se por cima da mesa, com um sorriso e uma pequena vénia, e pronunciou um parágrafo completo como um rumor de aviário, enquanto todos se inclinavam para ele, sorrindo e escutando-o, e também eu não pude deixar de reparar nele.

O noivo da rapariga parecia-se com ela fisicamente. Via-os como duas miniaturas pendendo uma ao lado da outra em painéis brancos de madeira. Poderia ter sido um jovem oficial da armada de Nelson no tempo em que uma certa fragilidade e sensibilidade não eram obstáculo à carreira.

Ela disse: “Dão-me um adiantamento de quinhentas libras, e já venderam os direitos para a edição de bolso”. Aquela fria declaração comercial atingiu-me como um choque; foi também um choque ver que era da minha profissão. Não devia ter mais do que vinte anos. Merecia mais da vida.

Disse ele: “Mas o meu tio...”

— Bem sabes que não te dás bem com ele. Assim ficávamos bastante independentes.

— *Tu* ficavas independente — disse ele num tom contrariado.

— O negócio de vinhos não tem muito a ver contigo, não achas? Falei com o meu editor sobre ti e há bastantes hipóteses... se começares por fazer umas leituras...

— Mas eu não percebo nada de livros.

— Eu ao princípio ajudava-te.

– A minha mãe diz que a escrita é uma boa muleta...

– Quinhentas libras e metade dos direitos da edição de bolso é uma muleta bastante sólida – disse ela.

– O Chablis é bom, não achas?

– Acho que sim.

Comecei a mudar a minha opinião sobre ele – não tinha o toque Nelson. Estava condenado à derrota. Ela avançou e varreu-o da pôpa à proa. “Sabes o que disse o Sr. Dwight?”

– Que Dwight?

– Querido, não ouves o que eu digo, pois não? O meu editor. Disse que nestes últimos dez anos não tinha lido um primeiro romance que revelasse tais capacidades de observação.

– Ótimo – disse ele tristemente, – ótimo.

– Mas quer que eu mude o título.

– Sim?

– Não gosta de *O Regato Corre sem Fim*. Quer mudar o título para *O Círculo de Chelsea*.

– E tu que disseste?

– Concordei. Acho que com o primeiro romance há que fazer a vontade ao editor. Especialmente quando, no fundo, é ele quem vai pagar o nosso casamento, não é?

– Estou a ver. – Distraidamente mexia o Chablis com um garfo – talvez antes do noivado pedisse sempre champanhe. Os japoneses tinham acabado o peixe e com muito pouco inglês, mas com trabalhada cortesia encomendavam à empregada de meia-idade uma salada de frutas frescas. A rapariga olhou para eles, e depois olhou para mim, mas parece-me que via apenas o futuro. Senti um grande desejo de a avisar do perigo de qualquer futuro baseado num primeiro

romance intitulado *O Círculo de Chelsea*. Estava do lado da mãe dele. Era um pensamento humilhante, mas provavelmente eu devia andar pela idade da mãe dela.

Queria dizer-lhe: Tem a certeza de que o seu editor lhe diz a verdade? Os editores são humanos. Por vezes exageram as qualidades de quem é jovem e bonita. Será que alguém lerá *O Círculo de Chelsea* daqui a cinco anos? Está preparada para os anos de esforço, “a longa derrota de não fazer nada bem”? Com o passar dos anos, escrever não se tornará de modo nenhum mais fácil, o esforço diário será cada vez mais difícil de suportar, as tais “capacidades de observação” irão enfraquecendo; será julgada, quando chegar aos quarenta, pelos resultados e não pelas expectativas que cria.

– O meu próximo romance vai ser sobre St Tropez.

– Não sabia que já tinhas lá estado.

– E não estive. Um olhar novo é tremendamente importante. Pensei que podíamos ficar lá seis meses.

– Não devia sobrar muito do adiantamento por essa altura.

– O adiantamento é só um adiantamento. Recebo quinze por cento depois dos cinco mil exemplares e vinte por cento depois dos dez mil. E naturalmente tenho direito a novo adiantamento, querido, quando o próximo livro estiver acabado. E maior, se *O Círculo de Chelsea* vender bem.

– Supõe que não vende.

– O Sr. Dwight diz que vai vender. Ele deve saber.

– O meu tio pagava-me mil e duzentos para começar.

– Mas assim, querido, como é que podias vir para St Tropez?

– Se calhar fazíamos melhor em casar quando voltares.

Ela disse com aspereza: “Pode ser que não volte, se *O Círculo de Chelsea* vender o bastante.”

– Oh.

Ela olhou para mim e para o grupo dos japoneses. Bebeu o resto do vinho. Disse: “Isto é uma discussão?”

– Não.

– Já tenho o título para o próximo livro: *O Azur Azul*.

– Pensava que azur *era* azul.

Ela olhou para ele desapontada. “Tu no fundo não queres ser casado com uma romancista, pois não?”

– Ainda não o és.

– Nasci romancista, diz o Sr. Dwight. As minhas capacidades de observação...

– Sim. Já disseste isso, mas, querida, não podias observar um pouco mais perto de casa? Aqui em Londres.

– Já fiz isso n’ *O Círculo de Chelsea*. Não me quero repetir.

Há já algum tempo que a conta estava em cima da mesa. Ele tirou a carteira para pagar, mas ela arrebatou a factura para fora do alcance dele. Disse ela: “Eu é que festejo”

– Festejas o quê?

– *O Círculo de Chelsea*, claro. Querido, és tremendamente decorativo, mas às vezes... bem, simplesmente não atinges.

– Preferia... se não te importas...

– Não, querido, esta pago eu. E o Sr. Dwight, claro.

Ele rendeu-se, exactamente no mesmo momento em que dois dos japoneses tomaram a palavra simultaneamente, depois pararam abruptamente e incli-

naram-se numa vénia mútua, como que bloqueados à entrada de uma porta.

Tinha achado os dois jovens como duas miniaturas irmanadas, mas de facto que diferença havia! O mesmo tipo de beleza podia conter fraqueza e força.

A parte Regência dela, suponho, podia dar à luz uma dúzia de filhos sem anestesia, ao passo que ele poderia cair facilmente vítima dos primeiros olhos pretos em Nápoles. Algum dia haveria doze livros na estante dela? Também eles têm de nascer sem anestesia. Dei por mim a desejar que *O Círculo de Chelsea* se viesse a revelar um desastre, que ela acabasse por se tornar modelo fotográfico e que ele se estabelecesse solidamente no ramo dos vinhos em St James. Não gostava de pensar nela como a Sra Humphrey Ward da sua geração — não é que eu viva até lá. A idade poupa-nos à realização de um grande número de medos. Pus-me a pensar em que editora trabalharia o tal Dwight. Podia imaginar o prospecto que teria já escrito sobre os abrasivos poderes de observação dela. Haveria uma fotografia, se ele fosse esperto, na contracapa, pois que os críticos, tal como os editores, são humanos, e ela não era parecida com a Sra Humphrey Ward.

Ainda os ouvia falar enquanto procuravam os casacos ao fundo do restaurante. Dizia ele: “Muito gostava de saber o que fazem aqui todos aqueles japoneses?”

— Japoneses? — disse ela. — Quais japoneses, querido? Às vezes és tão evasivo que penso que não queres nada casar comigo.

Nota do tradutor

A Sra. Humphrey Ward a que se faz referência no texto é Mary Humphrey Ward (1851/1920), uma romancista inglesa, conhecida pela sua oposição ao voto das mulheres (uma anti-sufragista)

István Örkény

Matadouro

Tradução de Ágnes Jancsó C. Lopes

István Örkény nasceu em 1912, nos últimos anos do Império Austro-Húngaro. Quando morreu em 1979, tinha passado pela Primeira Guerra Mundial, por uma revolução bolchevique, por uma ditadura de direita, pela Segunda Guerra Mundial, por um regime comunista, por uma revolução falhada e nos últimos tempos, pelo socialismo "conformista". As suas primeiras obras, *Lágerek népe* (*Povo dos campos*), 1947 e *Voronyezs*, 1948, reflectem as suas experiências durante a Segunda Guerra Mundial, em que foi prisioneiro de guerra na União Soviética. Após o seu regresso, os seus romances, peças e contos começam a aparecer em rápida sucessão, por exemplo: *Mackajáték* (*Jogos de gato*), 1966 ou *Pisti a vérzivatarban* (*Pisti no banho de sangue*). *Egyperces novellák* (*Contos de um minuto*), 1968, uma compilação de contos que testemunha a capacidade dos húngaros de rir em tempos em que é mais fácil chorar, estabelece a sua reputação junto ao público húngaro, dando origem a várias sequelas. *O matadouro* (*Vágóbúd*), aqui apresentado, faz parte desta série de contos grotescos, por vezes absurdos.

Primeiro levaram-nos a um miradouro, de onde podíamos ver o panorama todo. Depois admirámos o pátio renascentista do palácio presidencial, de onde fomos conduzidos a uma nascente de águas termais, onde, encorajados pelo guia, provámos a água um pouco ácida, mas revitalizante da fonte. Entrámos outra vez para o autocarro. O altifalante louvava agora a beleza do Centro da Cidade, e de seguida parámos na Galeria Nacional. Vi a colecção de esculturas até ao fim, mas depois fiquei com dores, e parei. Os outros viram uns belos Breughels e Rembrandts.

“E agora”, anunciou o altifalante, “vamos visitar uma das instituições mais modernas da cidade, o matadouro. Os animais são abatidos de forma tão humana, com base em princípios tão nobres, que não só senhoras sensíveis, mas também crianças o podem ver sem problemas.”

Conduziram-nos por pátios imensos. Tudo estava

inundado de luz, e música suave tocava entre paredes de mármore, que não era perturbada nem por um mugido, nem por um guincho. O circuito levava-nos da zona de pesagem até ao fumeiro dos presuntos, e tudo estava longe daquilo que esperara. Não vi animais a empacar, a recuar, a resfolegar, nem jovens carneiros robustos de pernas afastadas a baixar os pesados cutelos. As vacas, os porcos e as ovelhas saíam de corredores brancos como a neve para uma grande sala onde, sem quaisquer choques eléctricos, nem drogas ou gases venenosos, começavam por ficar sonolentos, se deitavam, e assim passavam do sono para a morte, tão suavemente como um barco deslizando do estuário de um rio para as águas paradas de um lago.

Chamei de lado o nosso guia.

– Queria pedir-lhe um favor – disse.

– Infelizmente não pode ser – respondeu.

– Tenho boas razões – disse eu.

– Todos têm boas razões – disse ele.

– Recompensaria o seu favor – disse eu.

– Já me ofereceram fortunas – disse ele.

– Mas o gado tem direito? – perguntei.

– Lamento – disse – é expressamente proibido.

Patricia Highsmith

A Perfeccionista

Tradução de José Lima

Patricia Highsmith nasceu em Fort Worth, no Texas, em 1921. Os pais mudaram-se para Nova Iorque quando ela tinha 6 anos. Aos 16, decidiu tornar-se escritora e em 1950 publica o seu primeiro romance, *Strangers on a Train*, mais tarde adaptado ao cinema por Hitchcock. Em 1957 recebeu o Grande Prémio francês de literatura policial e o Prémio Silver Dagger da Associação de escritores policiais ingleses. Muda-se definitivamente para a Europa em 1963, passando a viver em França e depois numa casa isolada na Suíça, onde morreu em 1995.

Embora seja normalmente incluída entre os escritores de romances policiais, Patricia Highsmith criou um universo muito pessoal e pouco típico do género, com temas recorrentes como a culpa e o sentimento de perigo iminente. As suas personagens relevam o mais das vezes da tragédia, compelidas a acções e sofrendo reacções, numa quase “mecânica da aversão” em que o sujeito provoca, pelo seu próprio medo, aquilo que mais teme.

De Highsmith há várias obras traduzidas, como *Azul Cobalto* (tradução de *Ripley Underground*), *O Amigo Americano* (tradução de *Ripley's Game*), *O Grito do Mocho*, *O Talentoso Mr. Ripley*, *O Diário de Edith*, *Assassinos de Estimação*, *Pena Suspensa*, *Inocência Perversa*, *Doce Doença* e outros.

O conto que publicamos em nova tradução foi tirado de *Little Tales of Misogyny*, 1974 (*Pequenos Contos da Misoginia*),

O pai de Margot Fleming, que ela muito admirara, dizia-lhe muitas vezes: “Tudo o que vale a pena ser feito, vale a pena ser bem feito.” Margot acreditava que tudo o que vale a pena ser bem feito vale a pena ser feito na perfeição.

A casa e o jardim dos Flemings estavam sempre em perfeita ordem. Era Margot quem fazia toda a jardinagem, embora pudessem pagar a um jardineiro. Até o *terrier*, Rugger, dormia apenas no sítio que lhe estava destinado (um tapete diante da lareira), e nunca saltava para cima das pessoas para as saudar, limitando-se a abanar o rabo. A filha única dos Flemings, Rosamund, de catorze anos, tinha maneiras perfeitas, e o seu único defeito era a tendência para a asma.

Se, ao arrumar um garfo na gaveta dos talheres, Margot reparasse que começava a ficar manchado, ia buscar o limpa-pratas e limpava o garfo; o que a

levava, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite, à limpeza do resto do faqueiro, de modo que ficasse todo a brilhar por igual. Depois, Margot havia de sentir-se inspirada a atirar-se ao serviço de chá, depois à tampa da terrina das carnes, depois havia as molduras de prata das fotografias da sala de estar, e a caixa de prata dos selos em cima da mesinha do telefone, e era capaz de chegar a manhã sem que Margot tivesse acabado. No entanto, havia uma empregada, chamada Dolly, que vinha três vezes por semana fazer as limpezas mais pesadas.

Margot raramente ousava fazer uma refeição para a família e nunca para os convidados. Isto, apesar de uma cozinha equipada com todos os utensílios modernos, incluindo uma câmara frigorífica, três batedeiras, um abre-latas eléctrico e um afiador de facas eléctrico, um fogão enorme com dois fornos de porta de vidro, e armários a toda a volta cheios de panelas de pressão, coadores, tachos e panelas de todos os tamanhos. Os Flemings quase nunca comiam em casa, porque Margot tinha medo de que os seus cozinhados não fossem suficientemente bons. Podia haver alguma coisa – talvez a sopa, talvez a salada – que não estivesse como devia ser, pensava Margot, e portanto esquivava-se a isso tudo. Os Flemings podiam convidar os amigos para um copo antes do jantar, mas depois entravam todos nos carros e guiavam mais de doze quilómetros para irem jantar ao restaurante na cidade, por vezes voltando depois a casa dos Flemings para o café e um brandy.

Margot era um bocado hipocondríaca. Levantava-se todos os dias cedo (se não estivesse ainda a pé depois de

ter estado a arear as pratas ou a encerar a mobília) para fazer os seus exercícios de ioga, a que se seguia uma meia-hora de meditação. Depois pesava-se. Se tivesse perdido ou aumentado nem que fosse uma fracção de um quilo durante a noite, procurava remediar isso com o que comia nesse dia. Depois bebia o sumo de um limão sem açúcar. Duas vezes por ano ia para as termas, sentindo que isso a livrava de pequenos achaques e dores que tivessem começado durante os seis meses anteriores. Nas termas, a dieta dela era ainda mais simples, e o seu rosto fino tornava-se um pouco mais ansioso, apesar de se esforçar por manter uma expressão agradável e inteligente, já que isto fazia parte da perfeição geral que esperava atingir.

“Os Fulanos de Tal são pessoas muito informais”, dizia por vezes Harold, o marido. “Não temos que lhes dar nenhum banquete, mas era simpático podermos convidá-los para jantar em casa”. Não tinha sorte nenhuma. Margot respondia qualquer coisa do género: “Acho que não aguento. O restaurante é tão mais simples, Harold querido.”

Margot teria então uma expressão tão sofredora que Harold nunca tinha coragem de discutir mais nada. Mas muitas vezes pensava: “Uma cozinha tão grande, e nem sequer podemos convidar os amigos para uma omelete!”

Foi por isso com surpresa e espanto que Harold ouviu Margot anunciar um dia em Outubro, com a solenidade de um Cruzado a rezar antes da batalha: “Harold, vamos dar um jantar *cá em casa!*”

Festejavam-se duas coisas de uma penada: o aniversário de Harold era daí a nove dias e calhava

num sábado. E tinha acabado de ser promovido a vice-presidente do banco onde trabalhava, com aumento de ordenado. Era o bastante para merecer uma festa, e Harold sentia que devia isso aos colegas, mas ainda assim... seria Margot capaz? "Podem ser pelo menos umas vinte pessoas", disse Harold. "Até eu pensava em irmos ao restaurante desta vez."

Mas Margot sentiu claramente que era uma coisa que tinha de fazer, para ser uma esposa perfeita. Enviou os convites. Andou dois dias a planear a ementa com a ajuda do *Larousse Gastronomique*, passou-a à máquina com duas cópias a papel químico, e fez uma lista de compras também com duas cópias para o caso de se perder uma ou duas delas. Com isto ficavam sete dias até à festa. Decidiu que as cortinas da sala estavam debotadas, e então percorreu a cidade de táxi à procura do tecido certo, e a seguir do galão certo para a bainha e para os lados. Fez ela própria as cortinas. Chamou um estofador para forrar o sofá e quatro cadeirões, pagando-lhe a mais pela urgência do trabalho. As janelas já limpas foram de novo lavadas por Margot e Dolly, o serviço de jantar (para vinte e quatro pessoas) que já fora limpo foi também novamente lavado. Margot não se deitou nas duas noites antes da festa de aniversário-promoção, e naturalmente passou os dias igualmente atarefada. Ela e Dolly experimentaram a receita do complicado pudim da sobremesa, achou que ficou ótimo, e deitou-o fora.

A grande noite chegou, e vinte e duas pessoas apareceram entre as 7h30 e as 8 horas numa sucessão de carros particulares e táxis. Margot, um mordomo

contratado e Dolly deslizavam pela sala com bandejas de bebidas, canapés quentes e molho de queijo. A mesa tinha sido aberta no máximo do comprimento – agora um belo campo de linho alvo, candelabros de prata, e três jarras de cravos vermelhos.

E correu tudo bem. As senhoras elogiaram o aspecto da mesa, elogiaram a sopa. Os homens declararam excelente o clarete. O presidente do banco de Harold propôs um brinde a Margot. E foi então que Margot se começou a sentir mal. Tomou um segundo café, e aceitou um segundo brandy que não queria, mas que fora oferecido por um colega mais velho de Harold. Depois esgueirou-se para o quarto e tomou uma anfetamina. Margot não tinha o hábito de tomar estimulantes, e só tinha estes por recentemente os ter pedido ao médico dela. “Para o caso de ser necessário”, e os comprimidos foram-lhe dados porque prometera não abusar deles. Dez minutos mais tarde, Margot sentiu-se a pairar, quase a voar, e ficou alarmada. Voltou ao quarto e tomou um comprimido fraco para dormir. Bebeu outro brandy, que alguém lhe impingiu. Harold propôs mais um brinde, ao banco, que minutos depois foi seguido por uma proposta geral de um brinde a Harold, pelo seu aniversário. Margot participou escrupulosamente em todos estes brindes. Nos últimos momentos da festa, Margot sentia-se como que a caminhar em sonhos, como se fosse um fantasma, ou outra pessoa. Quando a porta se fechou atrás do último convidado, caiu redonda no chão.

Chamaram um médico. Margot foi levada de urgência para o hospital, e fizeram-lhe uma lavagem

ao estômago. Esteve inconsciente várias horas. “Não há motivo para preocupações, a sério”, disse o médico a Harold. “Foi o cansaço mais o facto de ter os nervos abalados pelos comprimidos. É só preciso limpar-lhe o sistema.” Por um tubo, deitavam-lhe água aos poucos pela garganta abaixo. Margot recuperou os sentidos, e sentiu imediatamente uma agonia de vergonha. Estava certa de ter feito alguma coisa errada na festa, mas não conseguia lembrar-se do que fora.

— Margot, minha querida, saíste-te muito bem! — disse Harold. — Todos disseram que tinha sido uma noite estupenda!

Mas Margot estava convencida de que desmaiara, e que os convidados tinham pensado que ela estava bêbada. Harold mostrou a Margot os cartões elogiosos que tinha recebido de vários convidados, mas Margot considerou-os como mera delicadeza.

De volta a casa depois do hospital, Margot dedicou-se ao tricô. Sempre fizera um pouco de tricô. Mas agora lançou-se numa empresa ambiciosa: tricotar cobertas para todas as camas da casa (oito, contando as camas dos dois quartos de visitas). Margot descurou a meditação ioga, mas não os exercícios, ao mesmo tempo que tricotava tricotava das seis da manhã até quase às duas da madrugada, mal descansando para comer.

O doutor aconselhou Harold a consultar um psiquiatra. O psiquiatra teve uma conversa com Margot, e depois disse a Harold: “Temos de a deixar continuar a tricotar, senão pode ficar pior. Quando acabar as cobertas, talvez possamos falar com ela.”

Mas Harold suspeitou que o médico estava apenas

a tentar animá-lo *a ele*. As coisas estavam pior do que nunca. Margot deu ordens a Dolly para deixar de fazer o jantar, dizendo que a comida de Dolly não era suficientemente boa. Os três Flemings saíam à pressa para ir ao restaurante, e regressavam logo a casa para que Margot pudesse retomar o seu tricô.

Tric, tric, tric. E que é que Margot irá arranjar a seguir para fazer?

Andre Dubus

A rapariga gorda

Tradução de Fernando Villas-Boas

Andre Dubus II (1936-1999) foi capitão do Corpo de Fuzileiros antes de se tornar escritor. Viveu em Haverhill, no Massachussets. Em 1986, sofreu um acidente grave que o deixou sem uma perna. Uns anos depois, começou a escrever e a publicar e foi nomeado para o Prémio do National Book Critics Circle em 1997 com uma série de contos, *Dancing After Hours*. *The Fat Girl* é um conto de *Adultery and Other Choices*, publicado em 1975.

Chamava-se Louise. Uma vez, quando tinha dezasseis anos, um rapaz beijou-a, num churrasco; estava bêbado e enfiou-lhe a língua na boca e andou com as mãos a subir e a descer-lhe pelas coxas. O pai beijava-a muitas vezes. Era magro e meigo e ela conseguia ver-lhe nos olhos, quando ele a olhava, as luzes do amor e da pena.

Aquilo começou tinha Louise nove anos. Tens de começar a ver bem o que comes, dizia-lhe a mãe. Estou a ver que tens o meu metabolismo. Louise também tinha o cabelo louro desmaiado da mãe. A mãe era magra e engraçada, andava muito direita, e comia muito pouco. As duas comiam almoços ligeiros, enquanto o irmão mais velho comia sandes e batatas fritas. Depois a mãe sentava-se a fumar, e Louise desviava os olhos para a caixa do pão, a despensa, o frigorífico. Que bom que era, dizia a mãe. Daqui a cinco anos vais estar no liceu; e se estiveres gorda os

rapazes não vão gostar de ti, não te vão pedir para saíres com eles. Ainda faltavam cinco anos para os rapazes. Louise ia para o quarto e esperava quase uma hora, até ter a certeza de que a mãe já não estava a pensar nela. Então ia sem barulho até à cozinha e, enquanto ouvia a voz da mãe ao telefone, ou os passos dela no andar de cima, abria a caixa do pão, a despensa, o boião de manteiga de amendoim. Punha a sandes debaixo da blusa, e ia lá para fora comê-la, ou para a casa de banho.

O pai era advogado. Ganhava imenso dinheiro, e chegava a casa pálido e feliz. Os martinis davam-lhe outra vez a cor, e ao jantar falava com a mulher e os dois filhos. Oh, dá-lhe uma batata, dizia ele à mãe de Louise. Ela está a crescer. A voz da mãe então ficava tensa: Se ela leva uma batata, não devia comer a sobremesa. Devia comer as duas coisas, dizia o pai, e esticava-se para tocar na cara de Louise, ou na mão, ou no braço.

No liceu Louise tinha duas amigas. À noite e aos fins de semana davam voltas de carro ou iam ver filmes. Nos filmes, Louise tinha um fascínio pelas atrizes gordas. Pensava porque seriam gordas. Sabia porque é que ela própria era gorda: era gorda porque era Louise. Porque Deus a tinha feito assim. Porque não era como as amigas Joan e Marjorie, que bebiam batidos depois das aulas e eram só ossos e pele esticada. Mas e aquelas atrizes, com o talento delas, com aquelas caras abertas e intensas? Será que elas comiam com a mesma pressa do Bispo Humphries e da mulher, que apareciam às vezes para jantar e que, como dizia a mãe, se empanturravam de convite em

convite? Ou será que tentavam perder peso? Andavam com fome e furiosas e a pensar em comida? Imaginava-as a comer carnes magras e saladas com amigos, e depois a irem para casa para fazerem grandes sandes com cacetes franceses. Mas o costume era pensar que elas não passavam por esses embaraços; eram gordas porque tinham escolhido ser assim. E também tinha a certeza de outra coisa, via-lhes isso na cara: não comiam às escondidas. O que ela fazia: as escapadelas à cozinha de quando tinha nove anos tornaram-se, no tempo do liceu, um ritual de traição e prazer. Era uma comedora furtiva de doces. Nem as duas amigas sabiam o segredo.

Joan era magra, esgalgada, sem peito; era atraente, sim, e só precisava que olhassem duas vezes para a cara dela. Mas a escola era grande e havia raparigas bonitas em todas as salas e por todos os corredores, por isso ninguém precisava de olhar melhor para a Joan. Marjorie também era magra, e era uma daquelas que fumavam muito, muito viva, com um riso melindroso. Era muito inteligente, e tímida com os rapazes, porque sabia que os punha pouco à vontade, e porque era mais esperta do que eles, e não conseguia entender ou nem lhe passava pela cabeça os níveis em que eles viviam. Acabou por ter um esgotamento nervoso antes de receber o doutoramento em filosofia na Universidade da Califórnia, onde encontrou e depois casou com um físico e descobriu dentro dela uma paixão sem freio: fazia amor com o marido no sofá, no tapete, na banheira, e em cima da máquina de lavar. Nessa altura já lhe tinha acontecido muita coisa e ela nunca pensava em Louise. Joan ia parar de crescer e

ganhar graça e confiança nos gestos. Na faculdade, teve dois amantes, e depois mais uns quantos, durante os seis anos que passou em Boston até casar com um editor de meia-idade, que tinha dois filhos quase adolescentes, e bebia de mais, e tinha uma ternura e uma gratidão de rapaz pelo amor dela. A mulher tinha-lhe morrido quando andava a escalar rochedos em New Hampshire, com o amante. Também ela ia deixar de pensar em Louise, a não ser no princípio, quando os amantes ainda eram uma novidade para ela e ficava em êxtase da surpresa, de cada vez que algum a amava e, às vezes, durante a noite, deitada nos braços de um homem, punha-se a contar como ninguém saía com ela no liceu, como tinha sido magra e desinteressante (ia continuar a acreditar nisso: que tinha sido desinteressante; nunca tinha sido verdade) e que por isso tinha sido obrigada à companhia, aos fins-de-semana e à noite, de uma rapariga esperta e neurótica e de outra gorda e tímida. Contava isto com a pena de si própria que o whisky aumentava, tanto como a necessidade de ser ainda mais amada pelo homem que a abraçava.

Ela nunca come, diziam Joan e Marjorie de Louise. Almoçavam com ela, na escola, e viam-na a recusar batatas, ravioli, peixe frito. Às vezes saía da fila da cantina só com uma salada. Era assim que se iam lembrar dela: uma rapariga com um corpo sem remédio, destinado a ser gordo. Ninguém via as sandes que ela fazia e levava para o quarto, quando voltava da escola. Ninguém via a reserva de Milky Ways, Butterfingers, Almond Joys e Hersheys no fundo da arrecadação do quarto, atrás dos animais de

peluche da infância. Não era uma hipócrita. Quando estava fora de casa acreditava realmente que estava de dieta; esquecia-se dos chocolates, tal como o homem que fala para o dictafone do escritório pode esquecer as fotografias indecentes escondidas num sapato velho, dentro do seu cacifo. Noutras alturas, longe de casa, pensava nos chocolates que esperavam por ela quase com volúpia. Uma noite, quando voltavam do cinema, Marjorie disse: “Tens sorte por não fumares; é incrível aquilo que eu passo para esconder isso dos meus pais”. Louise respondeu-lhe com um sorriso ambíguo e misterioso; só desejava chegar a casa e à cama, e comer chocolate às escuras. Não precisava de fumar; já tinha um vício que era insular e destrutivo.

* * *

Levou-o consigo para o colégio. Julgava que podia deixá-lo para trás. A mudança de um lugar para outro, para um quarto sem aquela arrecadação obcecante, podia fazer por ela o que ela própria não conseguia. Pôs nas malas os vestidos folgados e partiu. Durante duas semanas, andou ocupada com as inscrições, com a timidez, com as aulas; depois começou a sentir-se em casa. O quarto deixou de parecer um quarto de motel. As paredes deixaram de vigiá-la; começou a sentir que eram amigas, e revelou-lhes o seu segredo. Longe da mãe, não era preciso ser tão meticulosa; agora guardava os chocolates na gaveta.

A escola era no Massachussets — uma escola de raparigas. Quando a escolheu, quando ela e o pai e a

mãe falaram sobre isso, ao serão, toda a gente tinha evitado com tanto cuidado a palavra rapazes que às vezes as conversas pareciam ser só sobre rapazes. Não há lá rapazes, era o que diziam as palavras neutras; não vais ter de lidar com isso. Nos olhos do pai havia pena e encorajamento; nos da mãe havia desilusão, e a voz dela estava seca. Falaram de uns cursos, de turmas pequenas, onde ia receber mais atenção. Imaginou-se nessas turmas pequenas; viu-se a si própria como a veria um professor, como as outras a veriam – não ia receber atenção nenhuma.

As raparigas da escola vinham de famílias ricas, mas a maior parte delas usava o uniforme de uma classe diferente: calças de ganga e camisas de trabalho, e muitas usavam jardineiras. Louise comprou algumas, lavou-as até o azul escuro desbotar, e usou-as para ir às aulas. Na cantina, comia como tinha comido no liceu, não para perder peso nem sequer para alimentar a mentira, mas porque comer pouco em público se tinha tornado tão habitual como as boas maneiras. Toda a gente tinha de ter ginástica e, no vestiário, com as outras raparigas, ou de calções, nos campos de voleibol e badmington, Louise odiava o corpo que tinha. Gostava mais dele quando não lhe sentia a presença: na cama, à noite, quando o sono a levava deitar para longe do dia, para longe de si. Gostava de partes desse seu corpo. Gostava dos olhos castanhos que tinha, e às vezes olhava para eles, no espelho: não eram olhos vazios, pensava; eram mesmo janelas para uma alma doce, um coração bom. Gostava dos lábios e do nariz, e do queixo, bem recortado, no meio das bochechas grandes e moles. Acima de tudo, gostava

do cabelo louro claro, gostava de lavá-lo e secá-lo, e de ficar deitada, nua, a cheirar a champô, e a sentir o cabelo macio no pescoço, nos ombros e nas costas.

A amiga do colégio era Carrie, que era magra e usava óculos grossos e muitas vezes, à noite, ia para o quarto de Louise chorar. Louise ficava sem saber porque estava ela a chorar. Estava a chorar, dizia ela, porque era infeliz. Não era capaz de dizer mais nada. Louise disse que também era infeliz, e Carrie mudou-se para o quarto da amiga. Uma noite, Carrie falou durante horas, com tristeza e amargura, sobre os pais e sobre o que faziam um ao outro. Quando acabou, abraçou Louise e deitaram-se. Depois, no escuro, Carrie disse para o outro lado do quarto: "Louise? Queria só dizer-te uma coisa. Uma noite, na semana passada, acordei e cheirou-me a chocolate. Estavas a comer chocolate, na tua cama. Gostava que comesses à minha frente, Louise, sempre que te apeteça".

Tolhida na sua cama, Louise não se lembrava de nada para dizer. Naquele silêncio, teve medo que Carrie pensasse que estava a dormir e lhe fosse dizer aquilo outra vez, de manhã, ou depois, à noite. Finalmente disse está bem. Passado um instante, disse a Carrie que se alguma vez quisesse algum que se servisse; os chocolates estavam na gaveta de cima. Depois disse obrigado.

Foram companheiras de quarto durante quatro anos, e no Verão trocavam cartas. Em cada Outono saudavam-se com abraços, gargalhadas, lágrimas, e instalavam-se no antigo quarto, que tinha sido esvaziado e lavado da presença delas durante o Verão. Nem uma nem a outra gostavam do Verão. Carrie não

gostava de estar em casa porque os pais não tinham amor um pelo outro. Louise vivia numa cidade pequena do Louisiana. Não gostava do Verão porque tinha perdido o contacto com Joan e Marjorie; viam-se, mas não era a mesma coisa. Gostava de estar com o pai, mas com mais ninguém. A chispa de desilusão nos olhos da mãe, no aeroporto, era o primeiro choque de um exército de parentes e conhecidos que a esperavam: iam vê-la pelas ruas, nas lojas, no clube de recreio, em casa dela, e na casa deles; nos primeiros instantes dos cumprimentos, os olhos deles já lhe diziam que ainda era a Louise gorda, de quem se lembravam sempre gorda, que tinha ido para o colégio universitário e tinha voltado gorda como sempre. Depressa os olhos deles a desdenhavam, e ela tinha saudades do colégio e de Carrie, e escrevia cartas à amiga. Mas isso também a entristecia. Não era só por Carrie ser a única amiga, e quando o curso acabasse podiam não voltar a ver-se. Era que a sua existência no mundo estava tão dividida; tinha começado quando era criança, no tempo em que ia à cozinha às escondidas; agora essa divisão era muito mais dura, e a amizade com Carrie parecia desproporcionada e perigosa. O mundo que lhe estava destinado não tinha nada a ver com as noites de intimidade no quarto de ambas, no colégio.

No Verão anterior ao ano de finalistas, Carrie apaixonou-se. Escreveu a Louise sobre ele, mas não escreveu muito, e isto magoou Louise mais do que se Carrie tivesse mostrado a alegria que a escrita tentava esconder. Nesse Outono voltaram ao quarto; ainda tinham proximidade e carinho, Carrie ainda precisava

dos ouvidos e do coração de Louise, à noite, enquanto falava sobre os pais e o mal-estar habitual dela, cuja fonte as duas amigas nunca descobriram. Mas, na maior parte dos fins-de-semana, Carrie ia-se embora, e apanhava um autocarro para Boston, onde o namorado estudava música. Durante a semana, Carrie falava muitas vezes sobre sexo com hesitação; não tinha a certeza de gostar. Mas Louise, enquanto comia chocolates e ouvia, não sabia se Carrie estava a dizer a verdade ou se, como nas cartas do Verão anterior, estava a esconder-lhe aquelas delícias que ela se calhar nunca ia experimentar.

Então, num domingo em que Carrie tinha acabado de regressar de Boston e estava a desfazer o saco de viagem, olhou para Louise e disse: “Estive a pensar em ti. No autocarro para casa, hoje à noite”. Ao ver a cara de preocupação e firmeza de Carrie, Louise preparou-se para a humilhação. “Estava a pensar em quando acabarmos o curso. O que vais fazer. O que vais fazer de ti. Quero que gostem de ti como eu gosto de ti. Louise, se eu te ajudar, se eu te ajudar a sério, fazes uma dieta?”.

Louise entrou num período da vida de que se ia lembrar para sempre, assim como certas pessoas se lembram de ter passado pela pobreza. A dieta não começou no dia seguinte. Carrie disse-lhe para comer, na segunda-feira, como se fosse o último dia da vida dela. Então, pela primeira vez desde a escola primária, Louise entrou numa cantina escolar e comeu tudo o que queria. Ao pequeno almoço, ao almoço e ao jantar, olhou em volta da mesa para ver se as outras raparigas tinham reparado na comida que tinha no

tabuleiro. Não repararam. Pensou que havia uma lição ali, mas estava para além da sua compreensão. Nessa noite, no quarto das duas, comeu as quatro barras de chocolate que restavam. Durante o dia, Carrie tinha alugado um frigorífico pequeno, e comprado uma panela eléctrica, um grelhador eléctrico e uma balança de casa de banho.

Na manhã de terça-feira, Louise pôs-se em cima da balança, e Carrie escreveu no caderno: 14 de Outubro: 83,5 kg. Depois fez-lhe uma caneca de café forte e um ovo mexido e sentou-se ao pé dela enquanto ela comia. Quando Carrie foi ao refeitório para tomar o pequeno almoço, Louise foi andar pelo parque da escola durante trinta minutos. O parque era bonito, e nos relvados estava plantado, pelo menos, um exemplar de cada árvore nativa da Nova Inglaterra. Ao sol morno da manhã, Louise sentiu uma esperança nova. Ao meio dia encontraram-se no quarto, e Carrie grelhou-lhe um hamburguer e serviu-o com alface. Depois, enquanto Carrie comia no refeitório, Louise voltou a caminhar. Estava fraca, de fome, e sentiu-se enjoada. Durante as aulas da tarde esteve nervosa e rígida, e roía o lápis, batia com os calcanhares no chão, e cruzava com força as barrigas das pernas. Quando voltou ao quarto, ao fim dessa tarde, ficou tão feliz por ver Carrie que a abraçou; tinha sentido que não aguentava nem mais um minuto de fome, mas agora, ao pé de Carrie, sabia que ia conseguir, pelo menos mais essa noite. Tinha era que dormir e enfrentar o outro dia quando viesse. Carrie grelhou-lhe um bife e serviu-o com alface. Louise ficou a estudar enquanto Carrie comia o jantar.

Depois foram andar.

Esse foi o ritual e a dieta de Louise para o resto do ano. Carrie alternava peixe e peitos de galinha com bife, ao jantar, e cada dia era mais ou menos tão mau como o anterior. No final das tardes ficava irritável. Em toda a sua vida nunca tinha sofrido de mau humor e agora sentia-o como um demónio que, aliado à fome, estava a tomar-lhe posse da alma. Falava muitas vezes a Carrie com dureza. Uma noite, durante a caminhada a seguir ao jantar, Carrie começou a falar com tristeza da noite, de como a noite a fazia cair ainda mais em si, e à noite não sabia porque estava no colégio, porque estudava, porque andava neste mundo com outras pessoas. Estavam numa ponte pedestre de madeira, a olhar para um lago escuro. Carrie não parava de falar; parecia que ainda ia chorar. De repente, Louise disse: “Estou farta. Não quero voltar a ver nem um bocadinho de alface para o resto da minha vida. Odeio aquilo. Nem devíamos comprar alface, é imoral”.

Carrie ficou calada. Louise olhou bem para ela, e a dor e a irritação no rosto de Carrie acalmaram-na. A seguir sentiu-se envergonhada. Antes de conseguir pedir desculpa, Carrie virou-se para ela e disse-lhe, com calma: “Eu sei. Eu sei que é horrível”.

Carrie fazia as compras todas, e explicava a Louise que sabia muito bem como era duro entrar num supermercado quando se está com fome. E Louise estava sempre com fome. Bebia refrescos sem açúcar. Começou a fumar os cigarros de Carrie. Aprendeu o gosto de travar o fumo. Pensou no cancro e no enfise-
ma mas esses estavam tão distantes como os rapazes

de que a mãe tinha falado quando ela tinha nove anos. Por alturas do Dia de Acção de Graças já fumava mais de um maço por dia, e o peso marcado no caderno de Carrie era setenta e três quilos e meio. Carrie tinha medo de que Louise, indo a casa no Dia de Acção de Graças, fizesse um intervalo na dieta. Assim, Louise passou as férias com Carrie, em Filadélfia. Carrie escreveu à família sobre a dieta, e disse a Louise que o tinha feito. Quando falou ao telefone para Filadélfia, Louise disse: "Sinto-me como os que fazem xixi na cama. Quando era pequena tinha uma amiga que costumava ir dormir lá a casa. A mãe punha um lençol de plástico na cama e todos fingíamos que não havia lençol de plástico nenhum e que ela não tinha molhado a cama. Até eu fingia, e dormia com ela". No jantar de Acção de Graças, baixou os olhos quando o pai de Carrie lhe pôs duas fatias de carne branca no prato e lho estendeu por cima das terrinas de comida fumegante.

Quando foi para casa, no Natal, pesava setenta quilos; no aeroporto, a mãe ficou pasmada. O pai riu-se e abraçou-a e disse: "Mas agora há menos Louise para amar". Ficou perturbado por ela fumar, mas só tocou nisso uma vez; disse-lhe que estava linda e, como sempre, os olhos dele banhavam-na em amor. Durante as longas férias a mãe cozinhou para ela como Carrie tinha cozinhado, e Louise voltou à escola a pesar sessenta e seis quilos.

A caminho do Norte, no avião, recordou com calor os olhos surpreendidos e elogiosos dos parentes e dos conhecidos. Não tinha visto Joan e Marjorie. Pensou no regresso a casa em Maio, a pesar os

cinquenta e dois quilos que Carrie tinha estabelecido em Outubro como o objectivo de ambas. Ao olhar para os dias estóicos que faltavam, sentiu-se forte. Pensou naqueles dias de fome do Outono e do princípio do Inverno (e agora: tinha fome agora: quase com uma cara feia, quase com uma sacudidela brusca da cabeça, recusou amendoins à hospedeira): aquelas primeiras semanas da dieta, quando esteve à mercê de uma irascibilidade que ainda podia, condicionada como ela estava pelo seu ritual, dominá-la a qualquer momento. Pensou nas noites em que tentava dormir enquanto o estômago rosnava. Pensou no vício dos cigarros. Pensou nas pessoas lá da escola: nem um professor, nem uma rapariga, lhe tinham falado da perda de peso, nem sequer da ausência às refeições. E, sem aviso, o entusiasmo abateu. Não se sentia forte, não se sentia empenhada e nem sequer à distância de alcançar um objectivo válido. Sentia que, de algum modo, tinha perdido algo mais do que quilos de gordura; sentia que nalgum momento da dieta se tinha também perdido a si própria. Tentou recordar que tal era ser Louise antes de ter começado a viver só de carne e peixe, como um adulto infeliz pode ir desolado procurar na memória da infância virtudes e esperanças perdidas. Desceu os olhos para a terra lá muito em baixo, e pareceu-lhe que a própria alma, tal como o corpo que ia a bordo do avião, estava nalguma espécie de voo sem apoio. Não sabia qual era o destino, nem o ponto de partida; o corpo estava numa passagem que ela não conseguia definir.

Durante as semanas seguintes perdeu peso mais devagar e uma vez, durante oito dias, o registo diário

de Carrie permaneceu nos sessenta e dois. Louise acordava de manhã a pensar em sessenta e dois, subia para a balança e recebia como que um eco. Ficou obcecada com aquele número, e não havia um dia em que não o dissesse em voz alta, e ao longo dos dias e das noites o número não lhe saía da cabeça, e se tivesse havido um professor a dizer aqueles algarismos numa aula tinha aberto a boca para falar. E se eu sou mesmo assim? disse ela a Carrie. Quer dizer, e se sessenta e dois é o meu peso real e eu já não posso perder mais? De mão dada com o desespero, havia nela o desejo grande de que isto fosse verdade, e esse desejo grande enfurecia-a e cansava-a, e todos os dias andava prostrada. Ao nono dia pesava sessenta e um e meio. Não ficou aliviada; pensou com amargura nos meses à sua frente, e na redução dos últimos nove quilos.

No Domingo de Páscoa, que passou em casa de Carrie, pesava cinquenta e quatro quilos e meio, e comeu uma rodela de ananás cristalizado com o fiambre e a alface. Não gostou de comer assim: sentiu que estava a ser amiga de um inimigo recalcitrante que já tinha tentado destruí-la. Os pais de Carrie eram encorajadores. Gostava deles, e só queria que se tocassem de vez em quando, e que olhassem um para o outro quando falavam. Calculou que se fossem divorciar quando Carrie deixasse aquela casa, e fez um voto de que o seu ia ser um casamento de afecto e ternura. Agora era capaz de pensar nisso: casamento. Tinha lido, na escola, num jornal de Boston, que neste Verão as cigarras iam sair da sua hibernação de dezassete anos, no Cabo Cod. Durante um mês, iam acasalar e depois morrer, deixando aos

jovens a busca dos abrigos na terra, para esperarem mais dezassete anos. Sou assim, disse ela a Carrie. Só que a minha hibernação durou vinte e um anos.

Muitas vezes a mãe perguntava-lhe pela dieta nas cartas ou ao telefone, mas Louise respondia vagamente. Quando foi de avião para casa, no fim de Maio, pesava cinquenta e um quilos e, no aeroporto, a mãe gritou e abraçou-a e disse e repetiu-se: Estás belíssima. O pai corou e pagou-lhe um martini. Os parentes e os conhecidos felicitaram-na durante dias, e o aplauso que se via nos olhos deles durou o Verão inteiro, e ela gostou mesmo dos olhos deles, e nadou na piscina do clube, a primeira vez que fez isso desde criança.

Passou o tempo em casa e comeu como a mãe comia e todas as manhãs ia pesar-se na balança da sua casa de banho. A mãe gostava de levá-la às compras e comprar-lhe vestidos. Puseram os vestidos velhos no contentor da caridade, no centro comercial; Louise pensou neles, a fazerem a sua vida no corpo de uma mulher pobre, a quem as refeições baratas mantinham gorda. A mãe chamou um fotógrafo a casa e Louise posou no sofá, em pé debaixo de um carvalho da Virgínia e sentada numa cadeira de jardim em verga, ao lado de uma azálea. As roupas novas e o fotógrafo fizeram-na sentir que ia partir para um país diferente, ou ia tornar-se cidadã de um país novo. No Outono arranjou um emprego sem importância, para ter alguma coisa que fazer.

Também no Outono, entrou um jovem advogado para a firma do pai. Foi lá a casa uma noite, para jantar, e começaram a sair juntos. Foi o primeiro homem

de fora da família a beijá-la desde o churrasco de quando tinha dezasseis anos. Louise celebrou a Acção de Graças, não com recheios de arroz, nem batata doce cristalizada, nem massa de carne com frutos, mas a oferecer a virgindade a Richard, coisa que ela percebeu, no último momento em que ainda a tinha, já ter começado a oferecer a este homem treze meses antes, naquela terça-feira de Outubro em que Carrie lhe tinha feito uma caneca de café forte e um ovo mexido. Escreveu isto a Carrie, que lhe respondeu com alegria, na volta do correio. Louise também tentou, com olhares, e sorrisos, e sugestões, contar à mãe. Mas acabou por controlar esse impulso, porque Richard se sentia culpado por fazer amor com a filha do sócio e amigo. Casaram na Primavera. O casamento foi dos grandes, na igreja episcopal, e Carrie veio de avião, de Boston, para ser dama de honor. Os pais tinham-se separado há pouco tempo, e ela estava a viver com o músico e ainda sofria com o tal mal-estar imprevisível. Aquilo deu-lhe na noite da véspera do casamento, e Louise ficou acordada com ela até depois das três da manhã, e acordou na manhã seguinte de um sono tão pesado que não quis sair dele.

Richard era um homem esguio, alto, enérgico, com o metabolismo de um afia-lápis. Louise dava-lhe tudo o que ele quisesse para comer. Ele gostava de comida italiana, e ela ia buscar receitas à mãe, e ficava a vê-lo a comer esparguete com o molho que só tinha provado, ou ravioli ou lasanha, enquanto ela comia o *antipasto*, com o seu *chianti*. Ele ganhou bastante dinheiro e pediu mais emprestado e compraram uma casa, com um relvado que descia para a margem

de um lago; tinham um pontão e um telheiro de abrigo, e Richard comprou um barco a motor, e passaram a trazer amigos para fazerem esqui aquático. Richard comprou-lhe um carro, e foram passar as férias ao México, Canadá, Bahamas, e no quinto ano de casados foram à Europa. De acordo com o plano, ela concebeu um filho em Paris. No avião de regresso, quando olhou pela janela, para lá do mar reluzente e viu o seu país, sentiu que a terra estava à sua espera, assim como a casa à beira do lago, e os pais, e os bons amigos que andavam de barco e faziam esqui; pensou no bem acumulado e nos bens daquele casamento, e como, ao fazer emagrecer o corpo, tinha comprado o direito aos prazeres da nação. Sentiu-se matreira, sorriu sozinha, e segurou na mão de Richard.

Mas estes momentos de triunfo eram escassos. Na maior parte dos dias fazia a sua rotina de lazer com um sentimento de certeza a respeito de si própria que lhe vinha apenas de não pensar. Mas havia alturas, quando estava com os amigos, ou com Richard, ou quando estava só, na casa, em que era subitamente invadida pela impressão de que tinha apanhado o comboio errado e tinha chegado a um lugar onde ninguém a conhecia, e onde nem sequer devia estar. Muitas vezes, se estava na cama com Richard, falava de quando era gorda: "Fui eu que comecei a amizade com Carrie. Eu escolhi-a, eu comecei as conversas. Quando percebi que ela era minha amiga, percebi outra coisa: Tinha-a escolhido pela mesma razão que tinha escolhido a Joan e a Marjorie. Eram todas magras. Estava sempre a pensar no que as pessoas viam quando olhavam para mim, e não queria que

vissem duas gordas. Quando estava só não me importava de ser gorda, mas depois tinha de voltar a sair de casa, e voltava a não querer ser como eu era. Mas em casa não me importava, a não ser quando estava a vestir-me para sair de casa e a mãe olhava para mim. No colégio, com a Carrie, sentia-me bem; não havia rapazes nenhuns e eu não tinha outras amigas, por isso quando não estava com a Carrie pensava nela, e tentava ignorar os outros à minha volta, tentava fazer que não existissem. A maior parte do tempo conseguia. Era estranho e sentia-me como uma espia”.

Se Richard se aborrecia com as repetições dela, fingia que não. Mas ela sabia que a história significava muito pouco para ele. Bem podia ter-lhe contado histórias de uma doença infantil, de usar aparelho nos dentes, ou de um coração destruído aos dezasseis anos. Ele não era capaz de vê-la como ela era quando era gorda. Sentia-se como se estivesse a tentar contar a um amante estrangeiro a sua vida nos Estados Unidos, e se ao menos conseguisse exprimir-se no melhor da língua ele ia perceber e amá-la por tudo o que ela é e ela ia sentir-se completa. Alguns dos conhecidos da sua infância eram amigos dela agora, e nem sequer eles pareciam lembrar-se dela, de quando era gorda.

Agora o corpo estava a crescer-lhe outra vez, e quando vestiu um vestido de grávida tremeu com medo. Richard não fumava, e pediu-lhe, com uma voz quase a chegar ao tom da exigência, que parasse durante a gravidez. Ela parou. Comia cenouras e aipo em vez de fumar e, nas festas, tentava não comer nada, mas depois da primeira bebida já estava a comer frutos secos e queijo e aperitivos e molhos.

Como sempre, nestas festas, Richard ficava a falar com os amigos e ela mal falava com ele, até à viagem de carro para casa. Mas agora, quando dava por ela ao pé da mesa dos aperitivos, ele atravessava a sala e, a sorrir, conduzia-a de volta para o grupo dele. O sorriso e a mão dele diziam-lhe que ele estava, sem jeito, a fazer o melhor que podia da obrigação de marido de ajudá-la a superar uma fase de mistério feminino.

Ela estava a ganhar peso, mas disse a si própria que era só o bebé, e o peso e o bebé iam sair. Mas noutras alturas sabia muito bem que estava a perder a disciplina que tinha lutado tanto para ganhar durante o último ano passado com Carrie. Sentia a fome que tinha sentido no colégio, e comia entre as refeições e depois do jantar, e tentava comer só cenouras e aipo, mas começou a detestá-los, e o apetite por doces ficou tão inquieto como tinha sido muito tempo antes. Em casa, comia pão com compota, e quando ia comprar comida, comprava uma barra de chocolate e comia-a no carro a caminho de casa, punha o papel do embrulho na mala e depois no caixote do lixo, debaixo do lava-loiça. As bochechas tinham inchado, já havia pele a mais debaixo do queixo, os braços e as pernas estavam roliços, e a mãe estava preocupada. E Richard também. Uma noite, tinha ela trazido uma tarte e leite para a sala de estar onde estavam a ver televisão, disse ele: “Já comeste uma fatia. Ao jantar”.

Ela não olhou para ele.

“Estás a ganhar peso. E nem sequer é tudo água. É gordura. Vem aí o Verão. Vais querer caber dentro do teu fato de banho”.

A tarte era de cereja. Olhou para ela, enquanto o garfo a cortava; espetou o pedaço e esfregou-o no molho vermelho do prato antes de levantá-lo até à boca.

"Tu nunca costumavas comer tarte", disse ele. "Só acho que devias ter alguma atenção. Vou ser duro contigo este Verão".

No sétimo mês, com um prazer que lembrava vagamente a subida das escadas do apartamento de Richard antes de estarem casados, ela voltou ao seu mundo de secretas gratificações. Começou a esconder chocolates na gaveta da roupa interior. Comia durante o dia, e à noite, enquanto Richard dormia. Ao pequeno-almoço ficava irrequieta, à espera que ele se fosse embora.

Deu à luz um menino, trouxe-o para casa, e cuidou dele e dos apetites ao mesmo tempo. Durante este tempo de abstinência tirou prazer do próprio corpo através da boca do filho; enquanto ele mamava fazia-lhe festas na cabeça pequena, e nas costas. Andava a esconder os chocolates, mas não ocultava as outras indulgências: tinha voltado a fumar mas, mesmo assim, comia entre refeições, e ao jantar comia o mesmo que Richard. Ele olhava-a com frieza, e tornou-se impaciente. Quando chegou a data do fim do período de abstinência, deixaram passar. A mãe vinha muitas vezes, à tarde, e ralhava com ela. Louise ficava sentada a olhar para o bebé e não dizia nada. Até que, finalmente, para acabar com aquilo, prometeu fazer dieta. Quando a mãe e o pai vinham para jantar, o pai dava-lhe beijos e segurava no bebé; a mãe não dizia nada sobre o corpo dela; tinha uma voz tensa. Quando voltava a casa do trabalho, ao fim do

dia, Richard olhava para um prato sujo e um copo em cima da mesa ao lado da cadeira dela como se estivesse a descobrir vestígios de infidelidade. Discutiam, durante todos os jantares.

– Olha para ti – dizia ele. – Lasanha, Deus meu. Quando é que vais começar? O problema não é só não teres perdido peso. Estas a ganhá-lo. Vejo muito bem. Sinto-o muito bem, quando te metes na cama. Não tarda nada pesas mais do que eu e vou ficar a dormir num trampolim.

– Tu já nem me tocas.

– Não quero tocar-te. Para quê? Já olhaste bem para ti?

– És cruel – disse ela. – Não sabia que eras tão cruel”.

Continuou a comer, a olhar para ele. Ele não olhou para ela. Com os olhos parados no prato, trabalhou com o garfo e a faca como faz um homem apressado num balcão com mini-pratos.

– Aposto que nem tu sabias – disse ela.

Nessa noite, estava ele a dormir, levou um Milky Way para a casa de banho. Ficou algum tempo a comer no escuro. Depois, acendeu a luz. Enquanto mastigava, olhou para si no espelho; olhou para os olhos e para o cabelo. Subiu para cima da balança e, ao olhar para os números no meio dos pés, setenta e três e meio, lembrou-se de quando tinha pesado sessenta e dois durante oito dias. A lembrança desses oito dias era comovente e divertida, tanto como se estivesse a lembrar-se de uma busca ao ovo da Páscoa, quando tinha seis anos. Deu um passo para fora da balança, empurrou-a para debaixo do lavatório e não voltou a pôr-lhe os pés em cima.

Era Verão, e comprou vestidos largos. Quando

Richard levava amigos no barco, não vestia fato de banho, nem calções; os amigos deitavam-lhe olhares maus, e Richard não olhava para ela. Deixou de ir no barco. Dizia-lhes que queria estar com o bebé, e ficava dentro de casa a segurar nele até ouvir o barco afastar-se do pontão. Então levava-o para o relvado da frente, e andava com ele pela sombra das árvores, e falava-lhe dos gaios azuis, dos mimos, e dos cardeais que via nos ramos. Às vezes parava e seguia o barco ao longe, no lago, e o amigo que ia atrás a esquiar.

Todos os dias Richard refilava, e porque a raiva dele não ia para além do peso e da forma do seu corpo, sentia-se alheia a ela, e mantinha-se calma, debaixo de camadas de carne e de ânimo, e assistia à frustração, à impotência dele. Ele acreditava realmente que estavam a discutir por causa do peso dela. Mas ela sabia que não: sabia que por debaixo desse assunto estava a questão de quem era Richard. Pensou nele a sorrir, ao leme do seu barco, e a cortejar a sua esbelta acompanhante, filha do sócio e amigo. Pensou em Carrie, a dizer-lhe que sentia o cheiro do chocolate no escuro e, depois disso, a vê-la comê-lo, noite após noite. Sorria para Richard, a picar-lhe a raiva.

Ele está furioso. Pára no meio da sala de estar, grita contra ela, e acorda o bebé. É por debaixo da voz de Richard que Louise ouve o choro suave, sente-o no coração. Levanta-se sem um som da cadeira, sobe as escadas até ao quarto da criança, e levanta-a do berço. Trá-la para a sala, e senta-se a segurá-la ao colo, chegando-a de leve às pregas gordas da cintura. Agora Richard está a fazer-lhe pedidos. Começa a

pensar, com ternura, em Carrie, a grelhar carne e peixe no quarto delas, a caminhar com ela, nos fins de tarde. Pergunta a si própria se Carrie ainda terá o mal-estar. Talvez ela apareça, de visita. Nos braços de Louise, o menino agora dorme.

“Eu ajudo-te”, diz Richard. “Eu como as mesmas coisas que tu comeres”.

Mas o rosto dele não se aproxima da compaixão, da determinação, do amor que ela tinha visto nos olhos de Carrie durante aquele que foi, reconhece agora, o pior ano da sua vida. Não se lembra de mais nada naquele ano a não ser da fome, e das refeições no quarto. Agora tem fome. Quando for deitar o menino vai ao quarto buscar um chocolate. Vai comê-lo ali, à frente de Richard. Esta sala vai ser dela, em breve. Contempla as possibilidades: todas estas divisões e o relvado onde vai poder fazer o que quiser. Sabe que ele em breve se vai embora. Viu-lhe isso nos olhos o Verão inteiro. Levanta-se, usando uma mão para se puxar para fora da cadeira. Leva o menino para o berço, sente-o apertado contra as grandes mamas, sente que o seu corpo adormecido lhe toca a alma. Com um impulso de reivindicação e alívio, abraça-o. Depois beija-lhe a testa e pousa-o no berço. Vai até ao quarto e, no escuro, tira uma barra de chocolate da gaveta. Desce as escadas devagar. Sabe que Richard está à espera, mas sente a partida dele já com tanta alegria que, quando entra na sala de estar, a desembulhar o chocolate, fica surpreendida por vê-lo ainda ali.

Kazuo Ishiguro

Um jantar de família

Tradução de Clara Rowland

Kazuo Ishiguro nasceu em Nagasaki em 1954, mas em 1960 foi levado para Inglaterra, onde os pais o educaram na expectativa de regressar ao Japão. O regresso nunca teve lugar e Ishiguro tornou-se uma das vozes narrativas mais reconhecidas em Inglaterra, representante de uma literatura de fronteira entre diferentes culturas e gerações. Estudou na University of Kent e doutorou-se em escrita criativa, no curso fundado por Malcom Bradbury na University of East Anglia. Estreou-se na ficção através do conto, tendo publicado pela primeira vez em 1981 em *Introduction 7: Stories by New Writers*. Publicou o seu primeiro romance, *A Pale View of Hills*, em 1982, a que se seguiu em 1986 *An Artist of the Floating World*. Em 1989 foi-lhe atribuído o Booker Prize pelo romance *The Remains of the Day*, que mais tarde foi adaptado para cinema e divulgou internacionalmente a sua obra. Regressou ao romance em 1995 com *The Unconsoled* e em 2000 com *When we were orphans*. *A Family Supper* foi publicado na revista Esquire de Março de 1990.

O fugu é um peixe que se apanha ao largo da costa japonesa do Pacífico. Adquiriu para mim um significado especial desde que a minha mãe morreu por o ter comido. O veneno aloja-se nas glândulas sexuais do peixe, dentro de duas bolsas frágeis. Quando se prepara o peixe, esses sacos devem ser extraídos com cuidado, pois qualquer desatenção pode fazer com que o veneno passe para as veias. Infelizmente, não é fácil dizer se esta operação foi ou não bem sucedida. A prova, por assim dizer, é o momento da ingestão.

O envenenamento através de fugu é terrivelmente doloroso e quase sempre fatal. Se o peixe foi comido ao jantar, a vítima é normalmente surpreendida pela dor durante o sono. Agita-se em agonia durante algumas horas e, de manhã, está morta. O peixe ficou muito famoso no Japão depois da guerra. Enquanto não se impôs um regulamento mais severo,

a grande moda era praticar a operação arriscada de limpeza na própria cozinha, e depois convidar vizinhos e amigos para o festim.

Quando a minha mãe morreu, eu vivia na Califórnia. A minha relação com os meus pais tinha-se tornado algo tensa por aquela altura, e por isso não soube das circunstâncias da sua morte até regressar a Tóquio o dois anos mais tarde. Ao que parece, a minha mãe tinha-se sempre recusado a comer fugu, mas naquela ocasião em particular fizera uma excepção, porque tinha sido convidada por uma antiga colega que temia ofender. Foi o meu pai que me contou os pormenores no caminho do aeroporto até à sua casa no distrito de Kamakura. Quando por fim chegámos, acabava um claro dia de outono.

– Comeste no avião? – perguntou o meu pai. Estávamos sentados no chão de tatame da sua sala de chá.

– Serviram uma refeição ligeira.

– Deves estar com fome. Vamos comer assim que a Kikuko chegar.

O meu pai era um homem de aspecto terrível, com um grande maxilar de pedra e sobrancelhas pretas e furiosas. Retrospectivamente, penso agora que era muito parecido com Chu En Lai, embora ele não devesse gostar muito da comparação, sentindo-se particularmente orgulhoso do puro sangue samurai que corria na família. A sua presença, em geral, não era das que encorajavam uma conversa descontraída, e o seu estranho modo de proferir cada comentário como se fosse definitivo também não ajudava muito. Na verdade, enquanto estava sentado à frente dele naquela tarde, voltou uma recordação de infância do tempo em que me batia várias

vezes na cabeça por “tagarelar como uma velha”. Inevitavelmente, a nossa conversa desde a minha chegada ao aeroporto tinha sido pontuada por longas pausas.

— Lamento saber da empresa — disse eu, quando nenhum de nós tinha falado durante algum tempo. Ele anuiu gravemente.

— Na verdade, a história não acabou aí — disse. — Depois da falência da empresa, Watanabe suicidou-se. Não queria viver com a desonra.

— Compreendo.

— Fomos sócios durante dezassete anos. Um homem de honra e de princípios. Eu respeitava-o muito.

— O pai vai voltar aos negócios?

— Estou... reformado. Sou demasiado velho para me envolver em novos empreendimentos. Os negócios hoje em dia estão tão diferentes. Negociar com estrangeiros. Fazer as coisas à maneira deles. Não percebo como se chegou a este ponto. Watanabe também não percebia. — Suspirou. — Um grande homem. Um homem de princípios.

A sala de chá dava para o jardim. De onde eu estava sentado, podia ver o velho poço que, quando era criança, julguei que estava assombrado. Podia apenas entrevê-lo, agora, pela folhagem espessa. O sol tinha descido e uma grande parte do jardim tinha ficado na sombra.

— De qualquer maneira, fico contente por teres resolvido voltar — disse o meu pai. — Espero que seja mais do que uma breve visita.

— Ainda não sei bem quais são os meus planos.

— Eu, por mim, estou preparado para esquecer o

passado. A tua mãe também esteve sempre pronta para te receber de volta, embora tivesse ficado muito triste com o teu comportamento.

— Agradeço a sua compreensão. É como lhe digo, não sei bem quais são os meus planos.

— Acredito agora que não tinhas más intenções — continuou o meu pai. — Foste desviado por certas... influências. Como tantos outros.

— Talvez devêssemos esquecer, como o pai dizia.

— Como quiseses. Mais chá?

Naquele momento uma voz de rapariga ecoou pela casa.

— Até que enfim. — O meu pai levantou-se. — Chegou a Kikuko.

Apesar da nossa diferença de idade, eu e a minha irmã sempre fomos muito próximos. Voltar a ver-me parecia pô-la muito nervosa e durante algum tempo ela só deu umas risadinhas. Mas acalmou um pouco quando o meu pai começou a fazer-lhe perguntas sobre Osaka e sobre a universidade. Ela respondeu-lhe com frases breves e formais. Por sua vez, fez-me ela algumas perguntas, mas parecia inibida pelo medo de que as suas perguntas pudessem levar a temas incómodos. Depois de algum tempo, a conversa tinha ficado mais escassa ainda do que antes da chegada de Kikuko. O meu pai então levantou-se, dizendo: "Tenho de ir preparar o jantar. Por favor desculpa-me por estar sobrecarregado com estes assuntos. Kikuko tomará conta de ti".

A minha irmã descontraiu visivelmente assim que ele saiu da sala. Ao fim de poucos minutos, tagarelava livremente sobre os seus amigos em Osaka e sobre as suas aulas na universidade. Então, muito brusca-

mente, decidiu que devíamos dar um passeio no jardim e avançou a passos largos para a varanda. Calçámos umas sandálias de palha que tinham ficado ao pé do corrimão e saímos para o jardim. Quase já não havia luz.

– Há meia hora que estou mortinha por fumar – disse ela, acendendo um cigarro.

– Então porque é que não fumaste?

Fez um gesto dissimulado em direcção à casa, depois sorriu com ar maroto.

– Estou a ver – disse.

– Adivinha! Agora tenho um namorado.

– Ah sim?

– Só que estou a pensar no que fazer. Ainda não me decidi.

– É compreensível.

– Sabes, ele pensa ir para a América. Quer que eu vá com ele assim que acabar de estudar.

– Compreendo. E tu queres ir para a América?

– Se formos, vamos andar à boleia – Kikuko agitou um polegar à frente da minha cara. – As pessoas dizem que é perigoso, mas eu já o fiz em Osaka e é bom.

– Compreendo. Então sobre o que é que tens dúvidas?

Seguíamos um caminho estreito que serpenteava através dos arbustos e terminava no velho poço. Enquanto caminhávamos, Kikuko insistia em dar desnecessárias baforadas teatrais no seu cigarro.

– Bem. Tenho muitos amigos agora em Osaka. Gosto daquilo. Não sei bem se quero deixá-los. E Suichi – eu gosto dele, mas não sei se tenho a certeza se quero passar assim tanto tempo com ele. Percebes?

– Ah , perfeitamente.

Ela sorriu outra vez, depois foi saltitando à minha frente até chegar ao poço. – Lembras-te – disse-me, quando eu cheguei ao pé dela – como costumavas dizer que este poço estava assombrado?

– Sim, lembro-me.

Debruçámo-nos ambos para o poço.

– A mãe sempre me disse que tinha sido a velha da loja das hortaliças quem tu tinhas visto naquela noite – disse. – Mas eu nunca acreditei e nunca vim para aqui sozinha.

– A mãe costumava dizer-me isso, também. Ela até me disse uma vez que a velha confessou que era o fantasma. Ao que parece tinha atravessado o nosso jardim para encurtar o caminho. Imagino que deve ter tido alguma dificuldade em trepar a estes muros. Kikuko deu uma risadinha. Depois virou as costas ao poço, passando o olhar pelo jardim.

– A mãe nunca te culpou, sabes – disse, numa voz nova. Eu fiquei calado. – Ela costumava sempre dizer-me que a culpa era deles, dela e do pai, por não te terem educado correctamente. Costumava dizer-me como tinham sido mais cuidadosos comigo, e por isso é que eu me portava tão bem. – Levantou os olhos e o sorriso maroto tinha regressado ao seu rosto. – Coitada da Mãe – disse.

– Sim. Coitada da Mãe.

– Vais voltar para a Califórnia?

– Não sei. Tenho de ver.

– O que aconteceu a ... a ela? À Vicky?

– Está tudo acabado – disse eu. – Não me resta muito, agora, na Califórnia.

— Achas que eu devia lá ir?

— Porque não? Não sei. É provável que gostes. Provavelmente vais gostar. — Olhei em direcção à casa. — Se calhar devíamos voltar para dentro daqui a pouco. O Pai pode precisar de ajuda com o jantar.

Mas a minha irmã estava outra vez a espreitar para o poço.

— Não consigo ver nenhum fantasma — disse. A voz dela fazia eco.

— O Pai está muito transtornado pela falência da empresa?

— Não sei. Com o Pai nunca se sabe. — De repente endireitou-se e virou-se para mim. — Ele contou-te do velho Watanabe? O que ele fez?

— Soube que se suicidou.

— Pois, mas não foi só isso. Levou a família toda com ele. A mulher e as duas filhas.

— Ah sim?

— Aquelas duas crianças lindas. Abriu o gás quando estavam todos a dormir. Depois esfaqueou o estômago com uma faca de trincar.

— Pois, o Pai estava a dizer-me há pouco que ele era um homem de princípios.

— Perturbado. — A minha irmã virou-se mais uma vez para o poço.

— Cuidado. Ainda caís lá dentro.

— Não vejo fantasma nenhum — disse. — Mentiste-me durante aquele tempo todo.

— Mas eu nunca disse que vivia no fundo do poço.

— Então onde era?

Olhámos ambos para as árvores e para os arbustos. A luz no jardim tinha ficado muito fraca. Apontei

então para uma pequena clareira a dez metros dali.

– Foi mesmo ali que o vi. Mesmo ali.

Olhámos para o lugar.

– Como é que era?

– Não conseguia ver muito bem. Estava muito escuro.

– Mas deves ter visto alguma coisa.

– Era uma velha. Estava ali de pé, a olhar para mim.

Continuámos a olhar para o lugar como se estivéssemos hipnotizados.

– Tinha um quimono branco – disse eu. – Um madeixas de cabelo tinham-se desprendido. O cabelo esvoaçava levemente.

Kikuko deu-me uma cotovelada. – Oh, está calado. Estás a tentar assustar-me outra vez. – Pisou o que restava do cigarro, depois por um momento ficou a olhar para ele com uma expressão perplexa. Atirou-lhe umas agulhas de pinheiro para cima, e mais uma vez apresentou o seu sorriso.

– Vamos ver se o jantar está pronto – disse.

Encontrámos o meu pai na cozinha. Deitou-nos um olhar rápido, e continuou aquilo que estava a fazer.

– O Pai tornou-se um grande cozinheiro desde que teve de se desenvencilhar sozinho – disse Kikuko rindo. Ele virou-se e olhou friamente para a minha irmã.

– Não é de todo uma competência de que me orgulhe – disse. – Kikuko, vem cá ajudar.

Durante algum tempo a minha irmã não se mexeu. Deu depois um passo em frente e tirou um avental de uma gaveta.

– Agora só é preciso cozer estes legumes – disse-lhe ele. – O resto apenas precisa de ser lavado. – Levantou os olhos e fitou-me estranhamente durante alguns

segundos. — Imagino que queiras dar uma vista de olhos à casa. — Largou os pauzinhos que estava a segurar. — Passou muito tempo desde a última vez que a viste.

Enquanto deixávamos a cozinha olhei para Kikuko, mas ela estava de costas.

— É boa rapariga — disse o meu pai em voz baixa.

Segui o meu pai de quarto em quarto. Tinha-me esquecido de como a casa era grande. Um painel abria-se deslizando e aparecia mais um quarto. Mas os quartos estavam todos espantosamente vazios. Num deles as luzes não se acenderam, e ficámos a olhar para as paredes severas e para o tatame na luz pálida que entrava pelas janelas.

— Esta casa é demasiado grande para um homem sozinho — disse o meu pai. — Não tenho muita utilidade para a maior parte destes quartos agora.

Mas depois o meu pai abriu a porta de um quarto cheio de livros e papéis. Havia flores em vasos e fotografias nas paredes. Então reparei numa coisa que estava numa mesa baixa ao canto do quarto. Aproximei-me e vi que era um modelo de plástico de um navio de guerra, daqueles que as crianças constróem. Tinha sido colocado em cima de umas folhas de jornal; em torno estavam espalhadas peças variadas de plástico cinzento.

O meu pai deu uma gargalhada. Foi até à mesa e pegou no modelo.

— Desde que a empresa fechou — disse — tenho um bocado mais de tempo para mim. — Riu de novo, de forma muito estranha. Por um momento o seu rosto pareceu quase dócil. — Um bocado mais de tempo.

— É estranho — disse eu. — O pai estava sempre tão

ocupado.

— Talvez demasiado ocupado — olhou para mim com um pequeno sorriso. — Talvez devesse ter sido um pai mais atento.

Ri-me. Continuámos a contemplar o seu navio de guerra. Depois ele levantou os olhos. — Pensei não te dizer, mas talvez seja melhor fazê-lo. Acredito que a morte da tua mãe não foi um acidente. Ela tinha muitas preocupações. E algumas desilusões.

Olhámos para o navio de plástico.

— Com certeza — disse eu — que a minha mãe não estava à espera que eu vivesse aqui para sempre.

— É evidente que não percebes. Não percebes como é que alguns pais se sentem. Não só têm de perder os filhos, mas têm de os perder por causa de coisas que não compreendem. — Rodou o navio de guerra entre os dedos. — Podia ter colado melhor estas pequenas canhoneiras, não achas?

— Talvez. Eu acho que estão muito bem.

— Durante a guerra passei uns tempos num barco muito parecido com este. Mas a minha ambição sempre foi a Força Aérea. Eu pensava assim: se o teu barco fosse atingido pelo inimigo, a única coisa que podias fazer era debater-te na água esperando por uma corda salva-vidas. Mas num avião — bem — havia sempre a arma final. — Voltou a colocar o modelo na mesa. — Imagino que não acreditas na guerra.

— Não muito.

Olhou rapidamente para o quarto.

— O jantar já deve estar pronto — disse. — Deves estar com fome.

O jantar esperava numa sala pouco iluminada

perto da cozinha. A única fonte de luz era uma grande lanterna pendurada sobre a mesa, que deixava o resto da sala na penumbra. Antes de começar o jantar, cada um de nós fez uma vénia.

Houve pouca conversa. Quando fiz um comentário de boa educação cortês sobre a comida, Kikuko riu um bocadinho. O seu nervosismo anterior parecia ter regressado. O meu pai não falou durante vários minutos. Por fim disse:

– Deve ser estranho, para ti, estar de volta ao Japão.

– Sim, é um pouco estranho.

– Se calhar já estás com pena de ter deixado a América

– Um pouco. Mas não muito. Não deixei muito para atrás. Só alguns quartos vazios.

– Compreendo.

Olhei para o outro lado da mesa. A cara do meu pai, na penumbra, parecia de pedra e severa. Comemos em silêncio.

Então, o meu olhar fixou-se numa coisa ao fundo da sala. Primeiro continuei a comer, depois as minhas mãos ficaram imóveis. Os outros notaram e olharam para mim. Continuei a olhar para a escuridão que ficava além do ombro do meu pai.

– Quem é? Ali, naquela fotografia?

– Qual fotografia? – O meu pai virou-se levemente, tentando seguir o meu olhar.

– A que está mais em baixo. A velha com o quimono branco.

O meu pai largou os pauzinhos. Olhou primeiro para a fotografia, depois para mim.

– A tua mãe – a sua voz tinha-se tornado muito

dura. – Não reconheces a tua própria mãe?

– A minha mãe. Pois, está escuro. Não consigo vê-la muito bem.

Ninguém falou durante alguns segundos, e Kikuko levantou-se. Tirou a fotografia da parede, voltou para a mesa e deu-ma.

– Parece muito mais velha – disse eu.

– Foi tirada pouco antes da sua morte – disse o meu pai.

– Foi por causa da escuridão. Não conseguia vê-la muito bem.

Levantei os olhos e reparei que o meu pai tinha a mão estendida. Dei-lhe a fotografia. Ele olhou para ela atentamente, e passou-a a Kikuko. Obediente, a minha irmã levantou-se e voltou a pendurar a fotografia na parede.

Havia uma grande panela ainda tapada no meio da mesa. Quando Kikuko se voltou a sentar, o meu pai inclinou-se para ela e levantou a tampa. Uma nuvem de vapor subiu em espiral em direcção à lanterna. Ele empurrou levemente a panela na minha direcção.

– Deves estar com fome – disse. Uma parte da sua cara tinha ficado na penumbra.

– Obrigado – inclinei-me com os meus pauzinhos. O vapor era quase escaldante. “O que é?”

– Peixe.

– Cheira muito bem.

Na sopa havia tiras de peixe, curvas, quase formando bolas. Tirei uma e levei-a para a minha tigela.

– Serve-te à vontade. Há muito.

– Obrigado – tirei um pouco mais, depois

empurrei a panela em direcção ao meu pai. Vi-o tirar vários pedaços para a tigela. Depois olhámos os dois para Kikuko enquanto se servia.

O meu pai fez uma ligeira vénia.

– Deves estar com fome – disse mais uma vez. Levou um pouco de peixe à boca e começou a comer. Também eu escolhi um pedaço e meti-o na boca. Senti-o macio, muito denso ao contacto com a minha língua.

– Muito bom – disse eu. – O que é?

– É peixe.

– É muito bom.

Comemos os três em silêncio. Passaram vários minutos.

– Mais?

– Ainda chega?

– Há bastante para todos – o meu pai levantou a tampa e mais uma vez o vapor subiu. Inclinámo-nos todos e servimo-nos.

– Tome – disse eu ao meu pai – fique com o último pedaço.

– Obrigado.

Quando terminámos o jantar, o meu pai espreguiçou-se e bocejou com ar satisfeito.

– Kikuko – disse. – Vai preparar um bule de chá, por favor.

A minha irmã olhou para ele e deixou a sala sem comentários. O meu pai levantou-se.

– Vamos passar para a outra sala. Está muito calor aqui.

Levantei-me e segui-o para a sala de chá. As grandes janelas de correr tinham ficado abertas e traziam uma brisa do jardim. Durante algum tempo

estivemos sentados em silêncio.

– Pai – disse eu, por fim.

– Sim?

– A Kikuko contou-me que Watanabe-San levou a família toda com ele.

O meu pai baixou os olhos e anuiu. Por alguns momentos parecia mergulhado nos seus pensamentos.

– Watanabe era muito dedicado ao seu trabalho – disse, por fim. – A falência da empresa foi um grande choque para ele. Temo que lhe tenha enfraquecido a razão.

– Pensa que o que ele fez ... que foi um erro?

– Sim, claro. Tens outra opinião?

– Não, não. Claro que não.

– Existem outras coisas para além do trabalho.

– Sim.

Ficámos outra vez em silêncio. Do jardim vinha o barulho dos gafanhotos. Olhei lá para fora, para a escuridão. O poço já não se via.

– O que estás a pensar fazer agora? – perguntou o meu pai. – Vais ficar no Japão durante algum tempo?

– Para dizer a verdade, ainda não pensei sobre isso.

– Se quiseres ficar aqui, quero dizer nesta casa, és bem-vindo. Isto é, se não te importares de viver com um velho.

– Obrigada. Vou ter de pensar sobre isso.

Olhei mais uma vez para fora, para a escuridão.

– Mas claro – disse o meu pai – esta casa agora é tão triste. Vais com certeza voltar em breve para a América.

– Talvez. Mas ainda não sei.

— Vais com certeza.

Durante algum tempo o meu pai parecia estudar as costas das suas mãos. Depois levantou os olhos e suspirou.

— A Kikuko deve completar os estudos na próxima Primavera — disse. — Se calhar vai querer vir para casa, nessa altura. É boa rapariga.

— Se calhar vai.

— As coisas então vão melhorar.

— Sim, tenho a certeza que sim.

Ficámos mais uma vez em silêncio, à espera que Kikuko trouxesse o chá.

FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladimir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladimir Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

FICÇÕES de comer

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | André Dubus | Kazuo Ishiguro

Próximo número:

Contos de Kafka, Musil, Nabókov, Khatzakis, Salinger, entre outros.

Muito pouco tratada na contística portuguesa, a comida e temas conexos apresenta-se na *Ficções* das férias de 2002. De contos nacionais temos *Gente Singular*, de Manuel Teixeira Gomes, um mimo do grotesco sem antecedente nem consequente de monta entre nós e o *Conto dos Chineses*, de José Cardoso Pires. Marcel Schwob propõe uma deliciosa fantasia, *O conto dos Ovos*, em tradução de Ana Cardoso Pires; Robert Walser descreve *Um Jantar* surreal, traduzido por José Maria Vieira Mendes. O conto de Dino Buzzati, *Escravo*, em tradução de Clara Rowland, fala de um amor muito pouco palatável e O. Henry de um amor reencontrado através da leitura de uma ementa, em *Primavera à La Carte*. Heinrich Böll, em *As Crianças Também São Cívicas*, traduzido por José Lima, tematiza quiçá a paz universal através do bolo, e William Maxwell, em *Peregrinação*, procura ansiosamente um certo restaurante no Sul de França. Também é num restaurante, onde se encontram alguns *Japoneses Invisíveis*, que se passa a história de Graham Greene. Woody Allen, num texto já clássico, propõe a biografia breve do famoso inventor da sanduíche, O Conde de, em *Sim, mas A Máquina a Vapor Faz Isto?*, traduzido por Luísa Costa Gomes. Numa nota (ainda) mais insólita, o húngaro István Örkény visita um *Matadouro* exemplar com um estranho pedido. A tradução do original é de Ágnes Jancsó C. Lopes. Kazuo Ishiguro descreve uma questão familiar resolvida a golpes de fuga, o peixe mortal e Patricia Highsmith mostra uma *Perfeccionista* que tem de dar um jantar a amigos. Enfim, o conto de Andre Dubus, *A Rapariga Gorda*, com tradução de Fernando Villas-Boas, é uma viagem negra às profundezas de uma alma límpida.

ISBN 972-8625-07-3



9 789728 625078